

***SABE? ~ NÃO TEM? ~ ENTENDE?:***  
**ITENS DE ORIGEM VERBAL EM VARIAÇÃO**  
**COMO REQUISITOS DE APOIO DISCURSIVO**

por

Carla Regina Martins Valle

Curso de Pós-Graduação em Lingüística

Dissertação de Mestrado em Sociolingüística,  
apresentada ao Curso de Pós-Graduação em  
Lingüística da Universidade Federal de Santa  
Catarina, como requisito para a obtenção do  
título de Mestre em Lingüística.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Edair Maria Görski

Florianópolis  
Agosto – 2001

Eu tenho consciência de que ainda não sei tudo  
Sabe tudo aquele que entende tudo?  
Ou sabe tudo aquele que não entende nada?  
Tamanha é a desordem disso tudo!  
Sei que é bom saber:  
Quem sabe, tenho poder.  
Só sei que o saber ser é melhor que o saber ter.

(Campanha publicitária televisiva do Mcdonald's – 2001)

- A Edair Görski, ponto de referência, orientadora e amiga de todas as horas – inclusive domingos e feriados – pelo profissionalismo, dedicação, compreensão e carinho demonstrados, imprescindíveis na execução desta pesquisa e na minha formação como pesquisadora desde a Iniciação Científica;
- Aos professores Mário Eduardo Martelotta e Izete L. Coelho pelas importantes sugestões dadas na defesa de meu projeto de dissertação, por ocasião do Bondeando 2000-1 do Curso de Pós-Graduação em Lingüística da UFSC;
- Aos colegas da sociolingüística: Alice, Ana Luzia, Ângela, Cláudia, Diane, Diomara, Isabel, Juçá, Mariléia, Márluce, Raquel, Tatiana e Tereza – pelas sugestões e discussões, pelos momentos de festa e pela amizade de vocês;
- Aos colegas-bolsistas do Projeto VARSUL: Adriana, Cláudia, Joana, Marcinho e Simone – pelos socorros de última hora e pela torcida;
- Às amigas:
  - Adriana Gibbon, amiga maravilhosa e especial, pelas sugestões, pelo abrigo e, principalmente, por meu equilíbrio – horas no telefone, lágrimas e também boas risadas;
  - Cláudia Brescancini, pela inspiradora demonstração de competência e profissionalismo;
  - Marisa Fernandes, pela acolhida, cafés, conselhos e pela grande ajuda com o Pacote Estatístico VARBRUL;
  - Rita de Cássia Ferreira, pelas longas e revigorantes conversas telefônicas.
- A minha família:
  - Carmen, mãe querida, exemplo de força e determinação;
  - Carin, Carlos, Vó Lourdes e Didi, a minha linda torcida organizada;
  - Nilo, mio amorino, que suportou firme todos os meus momentos de angústia, sempre me impulsionando com todo o seu carinho e paciência;
- À CAPES, pelo suporte financeiro;

#### AGRADEÇO.

- A meu pai, Carlos Antônio Martins, e a meu avô, Antônio Jacinto Martins  
(*im memoriam*)

#### DEDICO.

## RESUMO

Nesta pesquisa, unindo os pressupostos teóricos do Funcionalismo Lingüístico e da Teoria da Variação, tratamos os itens *sabe?*, *não tem?* e *entende?*, elementos com a propriedade fundamental de *Requisitos de Apoio Discursivo*, em duas vias: de um lado, tentamos traçar seus percursos de mudança funcional, a fim de compreender como formas tão distintas puderam compartilhar funções; do outro, observamos o funcionamento destes itens como variantes de uma mesma variável lingüística.

Utilizando uma amostra composta por 36 entrevistas de informantes florianopolitanos, pertencente ao Banco de Dados VARSUL (Variação Lingüística Urbana no sul do Brasil), identificamos as atuações de *sabe?*, *não tem?* e *entende?* nos diversos níveis do discurso oral e controlamos seus usos e contextos, verificando que tais elementos são bastante condicionados por alguns grupos de fatores lingüísticos, sem sofrerem influência clara de variáveis sociais.

Além disso, propusemos prováveis trajetórias pelas quais cada um dos itens em análise passou – até seu uso como *requisito de apoio* – que seguem em uma direção ideacional > interpessoal > textual (via gramaticalização) e, a partir dos resultados estatísticos, verificamos que *não tem?* e *entende?* encontram-se em um estágio anterior de mudança em relação a *sabe?*, elemento que possui um uso bastante generalizado.

## ABSTRACT

In this research, through the combination of theoretical presuppositions of linguistic functionalism and of variacionist sociolinguistics, we deal with the linguistic items *sabe?*, *não tem?* and *entende?*, which have an important role as *Discourse Support Requirements*. First, in order to understand how so different forms could have share functions, we tried to delineate their trajectories of functional change. Second, we observed how these expressions work as variants of a same linguistic variable.

Analysing a corpus of 36 interviews given by informants from Florianópolis and available at VARSUL Data Base (Urban Language Variation of South Brazil), we identified the role of *sabe?*, *não tem?* and *entende?* at different levels of nowadays speech and we controlled their usage and context. We also verified that these items are not clearly affected by social factors, but they are strongly conditioned by some linguistic factor groups.

Besides, we have proposed a possible path for each item following the direction – ideacional > interpersonal > textual functions (via grammaticalization) – and we verified, based on statistics results, that *não tem?* and *entende?* are in earlier stage of change than *sabe?*, this latter of a more generalized use.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I – O FENÔMENO EM ESTUDO	3
1. Vasculhando as entrevistas de Florianópolis	4
2. Um olhar sobre os verbos de origem	8
3. O funcionamento de <i>sabe?</i> e <i>entende?</i>	13
3.1 <i>sabe?</i> e <i>entende?</i> inseridos no grupo dos MCs ~ MDs	14
3.2 <i>sabe?</i> e <i>entende?</i> no grupo específico dos RADs ~ BADs	18
3.3 <i>sabe?</i> e <i>entende?</i> em suas funções específicas	22
CAPÍTULO II – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	27
1. O Funcionalismo Lingüístico	28
1.1 Processos de mudança lingüística: gramaticalização e discursivização	31
1.1.1 Os limites e a pertinência de dois processos	35
1.1.2 As funções da linguagem e a gramaticalização	37
1.1.3 Processos metafóricos e metonímicos	39
2. A Teoria da Variação e Mudança	41
2.1 A análise de itens discursivos na perspectiva variacionista	43
3. Variação e gramaticalização	44
CAPÍTULO III: OBJETIVOS, QUESTÕES E HIPÓTESES	47
1. Objetivos	47
1.1 Geral	47
1.2 Específicos	47
1.2.1 Os RADs como fenômeno de variação	47
1.2.2 Os RADs na perspectiva da gramaticalização/discursivização	48
2. Questões e Hipóteses	48

CAPÍTULO IV: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	52
1. Análise qualitativa	52
2. Análise quantitativa	53
2.1 A regra variável: restrições	54
2.2 A amostra	56
2.3 Variável dependente e variáveis independentes	57
2.4 Tratamento dos dados	58
CAPÍTULO V: MULTIFUNCIONALIDADE DE <i>SABE?</i> , <i>NÃO TEM?</i> e <i>ENTENDE?</i>	60
1. Multifuncionalidade: atuações extra e intratextuais	60
2. Atuações intratextuais bi-direcionais	63
2.1 Os RADs como elementos focalizadores	64
2.1.1 Foco no(s) participante(s)	65
2.1.2 Foco na(s) característica(s) do(s) participante(s)	66
2.1.3 Foco na avaliação do falante	67
2.1.4 Foco na opinião do falante	67
2.1.5 Foco na situação acabada	68
2.1.6 Foco na situação presente	69
2.2 As relações assinaladas pelos RADs	70
2.2.1 Especificação	71
2.2.2 Contraste	71
2.2.3 Conclusão	72
2.2.4 Retomada	73
2.2.5 Seqüenciação de situações ou argumentos	73
2.2.6 Finalização de turno	74
2.2.7 Anúnciação de complemento	74
2.2.8 Circunstanciação	75
2.2.9 Ênfase/Atenuação	76
2.2.10 Planejamento verbal	76
3. Recortando a regra variável	77

CAPÍTULO VI: <i>SABE?</i> , <i>NÃO TEM?</i> e <i>ENTENDE?</i> DE VERBOS A REQUISITOS DE APOIO DISCURSIVO	80
1. Os percursos de <i>sabe?</i> , <i>entende?</i> e <i>não tem?</i> : o sentido-origem e o papel do contexto	80
1.1 O percurso de <i>sabe?</i>	82
1.2 O percurso de <i>entende?</i>	87
1.3 O percurso de <i>não tem?</i>	91
2. Semelhanças e diferenças entre os três percursos	96
2.1 Mudança do ideacional, via interpessoal, para o textual	96
2.2 O Princípio da Persistência	97
CAPÍTULO VII: FUNCIONAMENTO DE <i>SABE?</i> ~ <i>NÃO TEM?</i> ~ <i>ENTENDE?</i>	98
1. Preliminares	98
1.1 A hipótese geral e o Princípio da Marcação	99
2. Grupos de fatores lingüísticos	101
2.1 Comprometimento dos RADs com a sintaxe discursiva	102
2.1.1 Formas dos RADs e presença de pronome junto aos RADs	103
2.1.2 Referência temporal do contexto	108
2.1.3 O comprometimento dos RADs com a sintaxe discursiva e os rumos da mudança	110
2.2 As atuações dos RADs e os contextos sintáticos/discursivos	110
2.2.1 Atuações dos RADs como elementos focalizadores	111
2.2.2 Tipo de seqüência discursiva em que os RADs ocorrem	115
2.2.3 Posição dos RADs	121
2.2.4 Relações assinaladas pelos RADs	126
2.2.5 Status informacional	128
2.2.6 As atuações e os contextos sintáticos/discursivos dos RADs: rumos da mudança	130
2.3 Os aspectos circundantes dos RADs	132
2.3.1 Estímulos	132
2.3.2 Hesitações e pausas	137
2.3.3 Presença de MDs junto aos RADs	144
2.3.4 Os aspectos circundantes dos RADs e os rumos da mudança	145
3. Variáveis Sociais	146
3.1 Sexo	149
3.2 Idade	151

3.3 Escolaridade	153
3.4 As variáveis sociais e as tendências de mudança	155
4. Os estágios e rumos do processo de mudança de <i>sabe?</i> , <i>não tem?</i> e <i>entende?</i>	155
4.1 Mudança via gramaticalização ou discursivização?	155
4.2 Estágios e rumos dos itens no percurso de mudança	157
CONSIDERAÇÕES FINAIS	160
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	164
ANEXOS	170

## LISTA DE QUADROS / FIGURAS / TABELAS

Quadro 1: divisão dos MDs em subgrupos	5
Quadro 2: as características dos processos de gramaticalização e discursivização	33
Quadro 3: variável dependente e variáveis independentes	58
Quadro 4: hierarquia funcional dos RADs	78
Quadro 5: trajetória – ideacional > interpessoal > textual	97
Quadro 6: <i>sabe?</i> , <i>não tem?</i> e <i>entende?</i> e os critérios de marcação	100
Quadro 7: grupos de fatores lingüísticos selecionados para <i>sabe?</i> , <i>não tem?</i> e <i>entende?</i>	101
Quadro 8: divisão dos grupos de fatores lingüísticos em três grupos	102
Quadro 9: condicionamentos das funções de focalização sobre os itens em análise	115
Quadro 10: contextos discursivos/textuais condicionantes dos itens em análise	121
Figura 1: processo de mudança via gramaticalização de <i>par exemple</i> e <i>mettons</i> no francês de Quebec	46
Figura 2: o percurso de <i>sabe?</i>	86
Figura 3: o percurso de <i>entende?</i>	90
Figura 4: o percurso de <i>não tem?</i>	95
Tabela 1: distribuição da amostra de Florianópolis	57
Tabela 2: frequência e percentagem das ocorrências de <i>sabe?</i> , <i>não tem?</i> e <i>entende?</i>	100
Tabela 3 e 4: frequência das formas de <i>entende?</i> e de <i>sabe?</i>	107
Tabela 5: cruzamento entre referência temporal e forma dos RADs	109
Tabela 6: atuação do tipo de foco sobre o uso dos RADs	112
Tabela 7: atuação dos tipos de seqüência discursiva sobre o uso dos RADs	117
Tabela 8: cruzamento entre atuações dos RADs como elementos focalizadores e tipo de seqüência discursiva/textual	119
Tabela 9: resultados de Macedo e Silva (1996:25) para posição dos RADs	122
Tabela 10: distribuição dos RADs em relação a sua posição	124
Tabela 11: distribuição dos RADs entre as relações que assinalam	127
Tabela 12: status informacional e as ocorrências dos RADs	130
Tabela 13: presença de estímulos e o uso dos RADs	135
Tabela 14: a variável <i>hesitações</i> e o uso dos RADs	141

Tabela 15: a variável <i>pausas</i> e o uso dos RADs	143
Tabela 16: a presença de MDs e o uso dos RADs	145
Tabela 17: distribuição dos RADs por informante	147
Tabela 18: a variável <i>sexo</i> e o uso dos RADs	150
Tabela 19: a variável <i>idade</i> e o uso dos RADs	152
Tabela 20: a variável <i>escolaridade</i> e o uso dos RADs	154
Gráfico 1: distribuição dos dados na cidade de Florianópolis	59
Diagrama 1: seqüência das rodadas estatísticas do Pacote Varbrul	99

## INTRODUÇÃO

Nesta dissertação, analisamos *sabe?*, *não tem?* e *entende?*, itens derivados de verbos e conhecidos como *requisitos de apoio discursivo*, considerando que necessitam de especial atenção nos estudos lingüísticos, pois sua análise *faz parte de uma análise mais geral da coerência discursiva – como os falantes e ouvintes integram conjuntamente formas, significados e ações para produzir um sentido geral ao que é dito* (Schiffrin, 1987:49).

Utilizando uma amostra composta por 36 entrevistas de informantes florianopolitanos, pertencente ao Banco de Dados VARSUL (Variação Lingüística Urbana no Sul do Brasil) e estratificada de acordo com as variáveis sociais sexo, idade e escolaridade, verificamos que estes elementos são multifuncionais, atuando no texto para focalizar partes do mesmo, relacionando-as com os trechos subseqüentes.

A partir da identificação das diferentes atuações, procuramos averiguar se o conjunto dos itens *sabe?*, *não tem?* e *entende?* se constitui como uma regra variável. Aplicando o conceito de função/significado (cf. Nichols, 1984:98-100), consideramos que os três itens investigados possuem a mesma propriedade de *requisitar apoio discursivo*, o que nos permite tratá-los dentro da metodologia da Teoria da Variação e Mudança, detectando os fatores lingüísticos e sociais que delimitam os contextos de uso e a escolha de cada forma.

Além disso, assumindo uma visão mais alargada a respeito dos comportamentos dos itens em processo de gramaticalização (cf. Traugott, 1995:1), propomos prováveis trajetórias pelas quais cada um deles passou até seu uso como *requisito de apoio discursivo*, seguindo na direção ideacional > interpessoal > textual, proposta por Heine *et al.* (1991:190-1) para a mudança via gramaticalização.

A análise segue, portanto, em duas vias: de um lado, partindo dos pressupostos básicos do Funcionalismo Lingüístico, tentamos traçar os percursos de mudança funcional dos itens investigados, a fim de compreender como formas tão distintas puderam compartilhar funções; de outro, subsidiados pelo aparato teórico-metodológico da Teoria da Variação e Mudança, observamos o funcionamento destes itens como variantes de uma mesma variável lingüística.

Organizamos esta dissertação em sete capítulos. No primeiro, apresentamos os itens que compõem nosso fenômeno de estudo, *sabe?*, *não tem?* e *entende?*, inserindo-os no contexto das entrevistas da cidade de Florianópolis, observando suas origens verbais e realizando a revisão da bibliografia disponível sobre tais elementos.

No segundo capítulo, discutimos e expomos as duas principais linhas teóricas que guiam a pesquisa nas duas vias propostas – o Funcionalismo Lingüístico e a Teoria da Variação e Mudança –, fornecendo uma visão geral de ambas e discutindo conceitos como regra variável, função, língua, linguagem e gramática.

O terceiro capítulo é reservado aos objetivos que guiam nosso trabalho e às questões e hipóteses que deles emergem, com base nos postulados teóricos seguidos e nas questões abertas por trabalhos anteriores. Já o quarto, destina-se à descrição da abordagem metodológica utilizada na pesquisa, delimitação da regra variável, listagem dos grupos de fatores lingüísticos e sociais controlados e apresentação do *corpus* e do programa estatístico VARBRUL (Pintzuk, 1988).

No quinto capítulo, problematizamos a atribuição de funções para os elementos do grupo dos RADs, dado seu caráter multifuncional, e identificamos suas atuações nos diversos níveis do discurso oral, levando em conta seu movimento bidirecional, podendo-se, a partir disto, realizar o recorte da regra variável.

O sexto capítulo é voltado à caracterização das prováveis trajetórias pelas quais cada um dos itens em análise passou até seu uso como *requisito de apoio discursivo*, recortando as etapas seguidas na mudança, identificando os princípios que a impulsionam e verificando as semelhanças e diferenças entre os três percursos.

E, finalmente, no último capítulo, executamos a análise de *sabe?*, *não tem?* e *entende?* com base nos resultados estatísticos, identificando os grupos de fatores lingüísticos e sociais que condicionam ou delimitam a escolha destes itens. A partir da análise e interpretação dos resultados, buscamos identificar o estágio de mudança em que eles se encontram relativamente aos verbos de origem, relacionando-os entre si, e apontando as possíveis trajetórias que tendem a seguir.

## CAPÍTULO I: O FENÔMENO EM ESTUDO

No primeiro capítulo deste trabalho apresentamos os itens que compõem nosso fenômeno de estudo, *sabe?*, *não tem?* e *entende?*, inserindo-os no contexto das entrevistas referentes à cidade de Florianópolis, observando a origem verbal destes itens e realizando a revisão da bibliografia disponível sobre tais elementos.

Inserindo os itens em estudo no contexto da amostra da cidade de Florianópolis, pertencente ao *corpus* do Banco de Dados VARSUL, justificamos, na primeira seção, nossa escolha por eles à exclusão de outros que, a princípio, se poderia analisar em conjunto. Além disso, mostramos a situação particular de *não tem?*, bastante usado na região litorânea do Estado de Santa Catarina e nunca antes analisado.

Na segunda seção, buscamos evidenciar a origem verbal de *sabe?*, *entende?* e *não tem?*, considerando as mudanças lexicais ocorridas ainda no latim e também no português e problematizando o modo pelo qual esses elementos foram, ao longo do tempo, assumindo funções pragmáticas (principalmente cf. Martelotta e Leitão, 1996; Martelotta, 1998 e Mattos e Silva, 1996).

Em seguida, a fim de discutir a classificação funcional e os aspectos formais e semânticos que caracterizam os itens em análise, realizamos uma revisão da bibliografia disponível sobre *sabe?* e *entende?*, observando-os dentro do grande grupo dos *marcadores conversacionais* e/ou *marcadores discursivos* (cf. Schiffrin, 1987; Marcuschi, 1989; Chodorowska, 1997 e Urbano, 1997a) e inseridos no subgrupo dos *Requisitos de Apoio Discursivo* e/ou *Busca de Apoio Discursivo* (cf. Macedo e Silva, 1996; e Urbano, 1999), além de serem analisados em suas funções específicas (cf. Martelotta e Leitão, 1996 e Martelotta, 1998).

## 1. Vasculhando as entrevistas de Florianópolis

Em uma primeira observação das entrevistas do Banco de Dados VARSUL<sup>1</sup>, referentes a Florianópolis, encontramos alguns itens marcados pelos transcritores com simbologia especial<sup>2</sup>, indicando que seu uso encontra-se modificado em relação ao que prevêem as gramáticas normativas<sup>3</sup>.

Fazendo um apanhado dos elementos que se enquadram neste conjunto, percebemos que eles – itens como: *assim, então, não tem?, olha* –, e ainda outros não marcados pela simbologia do projeto – como: *mas* e *e* –, inserem-se, segundo determinadas condições de uso, dentro do grupo dos itens conhecidos na literatura lingüística como *marcadores conversacionais* (MCs) ou *marcadores discursivos* (MDs).

Alguns pesquisadores tentaram formular uma definição para estes termos (MCs e MDs) e delimitar os elementos que devem ser agrupados sob esses rótulos, como Macedo e Silva (1996:14), que denominam *marcadores discursivos* aqueles elementos que estão envolvidos em macrofunções discursivas, tais como: a organização das relações textuais, a manutenção da interação e o processamento da fala na memória.

Contudo, Risso *et al.* (1996:21-22) consideram problemática a definição e a delimitação do grupo dos marcadores, composto por elementos de natureza extremamente heterogênea – envolvendo desde sons não lexicalizados (*humhum, hãhã*) até sintagmas mais desenvolvidos (*eu acho que...*) – e, preocupados com tal diversidade e com a quantidade dos elementos incluídos neste grupo, adotam as palavras de Pottier (1962) para afirmar que a lista de elementos classificados como MDs é muito extensa, sendo incluídos nela todos os elementos discursivos *com os quais não se sabe o que fazer*.

Também Macedo e Silva (1996:13) evidenciam tal preocupação e uma grande dificuldade em definir quais os elementos que podem ser classificados como MDs, pois concluem que tudo que está no discurso – dado que sempre marcam, organizam ou sinalizam algo – poderia ser chamado de marcador. Desta maneira, como

---

<sup>1</sup> Fornecemos mais detalhes sobre o Projeto VARSUL no capítulo IV.

<sup>2</sup> Estes itens são identificados nas entrevistas do projeto como *pi* (cf. Knies e Costa, 1996:84).

<sup>3</sup> Said Ali (1971 [1930] *apud* Urbano, 1997a), já em 1930, relatava o uso das *expressões de situação*: palavras, expressões ou frases típicas da língua falada, usadas especialmente em conversação espontânea e determinadas pela interação face-a-face, que, apesar de não serem essenciais para o conteúdo informacional, são necessárias na construção discursiva, expressando as intenções do falante durante a conversação.

ressaltam as autoras, *qualquer partícula ou expressão que ajuda a arrumar o que se quer dizer* seria um marcador discursivo.

As dificuldades expostas pelos autores supracitados para o tratamento das unidades discursivas não impedem a execução de pesquisas sobre estes elementos, apenas apontam para a necessidade, cada vez maior, de subdividir e reagrupar os itens chamados *discursivos* em grupos menores e mais homogêneos em termos de função, posição e estatuto lingüístico original. Assim, ao propor uma divisão em subgrupos, mesmo não resolvendo todos os problemas que envolvem os MDs, Macedo e Silva (1996:11-2) impõem certa sistematicidade aos itens que se distribuem de acordo com características e atuações comuns, levando em conta também sua posição no discurso. São propostos nove subgrupos, caracterizados a seguir:

SUBGRUPO	FUNÇÃO	ALGUNS DOS ITENS
[1] iniciadores	iniciam turnos	<i>ah, bom, bem, olha</i>
[2] requisitos de apoio discursivo	uso interativo para testar a atenção do interlocutor	<i>né? tá? sabe? entendeu? viu? não é mesmo?</i>
[3] redutores	modalizam a postura do locutor	<i>eu acho, pô, sei lá</i>
[4] esclarecedores	retomam com maior clareza partes do discurso	<i>quer dizer, deixa eu ver</i>
[5] preenchedores de pausa	preenchem o silêncio, enquanto o falante processa o que será dito	<i>assim, hãa, bem</i>
[6] seqüenciadores	marcam seqüência no discurso	<i>aí, então, depois</i>
[7] resumidores	encerram uma lista de itens e resumem	<i>e essas coisas, e tal, coisa e tal, e tudo</i>
[8] argumentadores	iniciam argumentação contrária ao discurso precedente	<i>agora, é mas, não mas, sim mas</i>
[9] finalizadores	dão fecho ao turno do falante	<i>então tá, é isso aí, tudo bem</i>

Quadro 1: Divisão dos MDs em subgrupos (cf. Macedo e Silva, 1996:11-2)

Tal distribuição parece indicar que o tratamento em subgrupos, cujos elementos se agregam por comportamentos e funções comuns, é a decisão metodológica mais adequada para a análise de elementos de ordem discursiva. Sendo assim, procuramos selecionar nas entrevistas da amostra de Florianópolis itens de funções e características comuns, que se enquadrassem em um dos nove grupos dispostos acima<sup>4</sup>, e obtivemos ocorrências como:

<sup>4</sup> Esta pesquisa faz parte do projeto integrado *Gramaticalização/Discursivização de itens de base verbal e adverbial: funções e formas concorrentes*, realizado sob a coordenação da Profa. Dra. Edair Maria Görski, juntamente com as pesquisadoras citadas abaixo:

- (1) Protocolo? O protocolo é a... é a alma da, da repartição, (est) **certo?** É onde entra a correspondência, entra processo, entra ofício, sai processo, (est) sai ofício, autua (hes) autua processo, enfim, de tudo. (FLP02MAP:430)<sup>5</sup>
- (2) Depois nós saímos daqui fomos morar também... moramos no... no Morro do Céu, o Morro do Céu, ontem é... hoje é onde é o Morro da Cruz, **né?** funciona a TV, a televisão lá em cima. Moramos muito tempo lá também. Moramos na Prainha, **tá?** Tempo depois nós, **né?** nós crescemos, meu irmão mais velho casou, eu continuei ajudando a mãe também. Depois... também casei. (est)(FLP18MAC:747)
- (3) Inf: Então aquilo ali era lindo porque a gente morava naquela casa do Mercado. Então naquela casa [de]- de noite tu sentias o barulho do mar, **viu?** [Na]- no meio, bem embaixo da ponte... Colombo Sales, tinha a Ilha do Carvão.  
Ent: Ah, tinha mar e depois tinha uma ilha?  
Inf: Tinha uma ilha. A Ilha do Carvão era uma casa antiga, **viu?** e ali chamava-se a Ilha do Carvão. Ali, antigamente, existia carvão que eu acho que dava pros navios, né? eu não (hes) me lembro bem, essa parte aí eu não estou bem lembrada. (est) Mas ali morava um casal de velhinhos. (FLP24FBC:818)
- (4) Ah, querida, agora isto aí, eu, assim, de religião, eu vou ser franco e te dizer: vou na Igreja, **compreendes?** mas não levo a religião muito a fundo, **compreendes?** (est). É. Se fosses fazer essa pergunta pro meu irmão, ele te daria tudo bem (ruído) esclarecido, porque é um católico... bem aprofundado. (est) (FLP12MBG:634)
- (5) Mas, também, [pode não]- se não quiser, também não precisa colocar... que salada fica ótima do mesmo jeito sem salame. E tem o molho também pra salada... que é: meia xícara de maionese, **sabes?** Tu Pegas a maionezinha, o suco de meio limão, sal, pimenta e um pouquinho de açúcar, tá? Isso é o que vai. (FLP01FAP:731)
- (6) Ela conversava muito comigo. Eu [gos-] eu gostava muito de conversar, eu era novo. [Ela até]- ela, uma senhora de setenta, eu com... vinte e poucos anos, quer dizer, eu tinha cinquenta anos de experiência pra frente, **entendes?** Eu Sempre fui assim. Conversar com a pessoa de cinquenta anos, quer dizer, eu tinha vinte. Dá cinquenta anos de experiência pra frente. (FLP04MAP:996)
- (7) Aí também nós fizemos lá [uns]-... uns trabalhos assim [que]-... de comida, **não tem?** Aí um amigo meu levou [um]- o tang pro colégio. Levou tang e a gente fez tang e já tomamos tudo lá, ("tudo") baita pra caramba! (FLP14MJG:145)

Conforme se pode verificar, os dados enquadram-se no subgrupo que Macedo e Silva (1996) identificam como *Requisitos de Apoio Discursivo* (RADs), usados como mecanismos de interlocução e para testar a atenção do ouvinte. Porém, em prol de um grupo ainda mais integrado, cujos itens pudessem ser intercambiáveis tal

---

TAVARES, Maria Alice. *Um estudo variacionista de aí, daí, então e e como conectores seqüenciadores retroativo-propulsores na fala de Florianópolis*, 1999 (Dissertação de Mestrado).

DAL MAGO, Diane. *A expressão quer dizer na fala de Santa Catarina*, 2001 (Dissertação de Mestrado).

ROST, Cláudia. *Olha e veja – multifuncionalidade e variação*, 2001 (Dissertação de Mestrado em andamento).

FREITAG, Raquel Meister Ko. *Variação e mudança na categoria dos modalizadores epistêmicos: eu acho que e parece que*, 2001 (Dissertação de Mestrado em andamento).

GASPARINI, Madelaine. *Assim se fala, assim se escreve*, 2001 (Dissertação de Mestrado em andamento).

<sup>5</sup> Em nossos exemplos usamos uma simbologia particular para melhor representar certos eventos da fala: ... (pausa); :: (prolongamento); / (interrupção); [ - ] (palavra interrompida); = (sobreposição de falas); - (reticências); (est) (estímulo); (hes) (hesitação); (“ ”) (trecho duvidoso); (inint) (ininteligível).

como variantes de uma mesma variável lingüística, optamos por algumas exclusões metodológicas.

A princípio nos interessava a observação de itens como *sabe?*, *entende?* e *compreende?*, chamados por Heine *et al.* (1991) de *verbos de processo mental*<sup>6</sup>, freqüentemente utilizados como elementos de contato entre interlocutores e com cognatos em várias línguas (espanhol: *me entiendes?*; italiano: *capisci?*, *lo sai?*; inglês: *y'know?*; francês: *tu sais?*). Um segundo grupo de itens de nosso interesse era o dos chamados *verbos de percepção* (cf. Martelotta *et al.*, 1996:72), que inclui elementos como *viu?* e *percebe?*.

Desta forma, o item *certo?*, apresentado no exemplo (1), foi excluído de nossa análise por não ter em sua forma discursiva traços de verbo e, apesar de compartilhar alguns contextos e funções com os itens derivados de verbos cognitivos e perceptivos, parecer atuar em outros contextos e funções particulares, além de ser pouco representativo em nossa amostra em termos quantitativos. Já os itens *né?* e *tá?*, ambos ocorrentes no exemplo (2), apesar de serem os mais freqüentes nas entrevistas de Florianópolis – principalmente *né?*, que chega a repetir-se mais de trezentas vezes em uma só entrevista – foram excluídos por se originarem de verbos de tipos diferentes daqueles de nosso interesse e, principalmente, por se apresentarem em posições e funções muito variadas, parecendo, muitas vezes, estar esvaziados do traço de interlocução característico dos RADs.

Devemos ainda destacar que os itens *percebe?*, *viu?* (exemplo 3) e *compreende* (exemplo 4), mesmo sendo originários de verbos perceptivos e cognitivos, tiveram de ser excluídos da análise por serem pouco produtivos nas entrevistas analisadas, sendo que *percebe?* não é utilizado por nenhum dos nossos informantes.

Restam-nos, portanto, como itens de análise, *sabe?* (exemplo 5) e *entende?* (exemplo 6), que possuem uma razoável taxa de ocorrência entre os informantes florianopolitanos. Contudo, decidimos incluir neste estudo os dados de *não tem?* (exemplo 7), pois este item, apesar de não ter sua origem em verbos cognitivos e perceptivos, parece ser intercambiável com *sabe?* e *entende?* em todos os seus contextos de ocorrência. Além disso, trata-se de um item especial, pois é bastante recorrente na região litorânea do Estado de Santa Catarina, sendo desconhecido nas

---

<sup>6</sup> Marcuschi (1989:294) usa a designação *verbos epistêmicos*; Castilho (1989:271) os denomina como *verbos epistêmicos* ou *cogitandi*; e Martelotta *et al.* (1996:51 e 71) ora os chama de *verbos de processamento mental*, ora de *verbos efetivos*.

demais regiões do país, e é identificado como marca característica do falar dos descendentes de açorianos de Florianópolis, comumente denominados *manezinhos da Ilha*<sup>7</sup>:

Tem até Gaúcho fazendo o nosso personagem – É BRICADEIRA ÓÓ – fazer o quê? Achamos graça do BÁH TCHÊ deles: eles também acham engraçado o nosso OLHÓLHÓ! TÁS TOLO! **NÃO TEM?**<sup>8</sup> (Amante, 1998:36)

## 2. Um olhar sobre os verbos de origem

Um dos muitos pontos em comum entre os três itens escolhidos como objeto de estudo para esta pesquisa é sua base verbal: *sabe?* proveniente de *saber*, *entende?* de *entender* e *não tem?* composto pela união da partícula de negação (*não*) com o verbo *ter*. Estes verbos, originários do latim, têm expandido, uns mais que os outros, seu emprego e significação, incorporando traços pragmáticos de interpessoalidade relacionados a atos de fala diretos, o que impulsionou seu uso atual também como elementos de organização discursiva.

Segundo Ferreira (1976:1024), o verbo *saber* deriva do latim *sapere* e percebe-se que se ramifica em dois grupos de sentidos distintos, um ligado a experiências físicas (*ter sabor*, *ter cheiro*, *ter gosto*) e outro a propriedades mentais (*discernimento*, *conhecimento*, *compreensão*):

### Sentido 1

- ❑ Ter gosto, ter sabor de
- (8) Mella herbam **sappiunt** – o mel sabe a erva (Plínio)<sup>9</sup>
- ❑ Rescender, exalar um perfume
- (9) Crocum **sapit** – cheira a açafraão (Cícero)

### Sentido 2

- ❑ Ter discernimento, ter inteligência, ser prudente, ser sensato.

---

<sup>7</sup> Nunes (1998:23) lista uma série de características que, com uma certa dose de humor, definem a designação de *manezinho*:

Indivíduo nascido na Ilha de Santa Catarina, ou residente por muitos anos nela, descendente de açorianos ou imigrante de núcleos populacionais de descendência também açoriana do continente, próximos da Ilha de Santa Catarina. Que tenha por alguma época falado usando o vocabulário interiorano: “menina vai, deixa de andar de pés no chão; vai calçar um tamanco”. Que tenha residido, principalmente, no interior da Ilha, lá mesmo exercendo sua profissão, vindo “vez por outra”, ou “vez ou outra” vender seus produtos na cidade.

<sup>8</sup> Grifo nosso.

<sup>9</sup> Os exemplos (8) e (9) foram extraídos do *Dicionário Latim/Português* de Ferreira (1976:1024).

- Saber, conhecer, compreender.

Estes dois sentidos, aparentemente distintos, possuem um significado matriz comum, pois o verbo *saber* com sentido ligado a propriedades mentais surge através de transferências metafóricas, que fazem com que seu sentido mais concreto – *ter sabor, ter perfume* – possa ser aplicado em um contexto mais abstrato (cf. Martelotta 1998:82). Neste caso, o significado inicial continua existindo, mas suas fronteiras são ampliadas e, portanto, além de *saber* requerer elementos comestíveis ou odoríferos como complementos, passa a admitir também referentes que envolvam o conhecimento lógico. Trocando em miúdos, o sabor físico se expande ao sabor mental e passa-se também a *saborear conhecimento lógico*, como no exemplo (10):

(10) Adriana **sabe** matemática<sup>10</sup>.

No português, *saber* já entra com este sentido expandido e seu significado inicial torna-se mais enfraquecido, sendo que, atualmente, seu uso com o sentido de *ter gosto* é reservado a textos literários e, mesmo assim, somente adquire esta significação acompanhado da preposição *a*:

(11) “Não tem passado nem futuro.  
Não **sabe a** fel nem **sabe a** mel:  
é de papel.” (Ferreira Gullar)<sup>11</sup>

Atualmente, entre os inúmeros significados apresentados por este verbo destacam-se os mais recorrentes (cf. Ferreira, 1999:1792), todos ligados a processos mentais (*ter conhecimento, ciência, informação ou notícia de; ter certeza de; ser instruído em; reter na memória e ter sabedoria*<sup>12</sup>).

Tal qual *saber*, o verbo *entender* tem em sua origem latina um sentido bastante diferente daquele que encontramos atualmente; conforme Ferreira (1976:609), deriva do verbo *intendere* e seu conjunto de sentidos também parece se dividir em dois grupos: um mais ligado a experiências físicas (*estender em certa direção, esticar,*

<sup>10</sup> Exemplo hipotético. A partir deste ponto, todos os exemplos que não apresentarem registro de codificação do Projeto VARSUL, ou que não tiverem sua origem referida em notas de rodapé ou no próprio texto, são exemplos hipotéticos.

<sup>11</sup> Trecho de um poema de Ferreira Gullar, extraído de Martelotta e Leitão (1996:294).

<sup>12</sup> Segundo Ferreira (1999:1792), no português falado em Cabo-Verde e no crioulo de Guiné Bissau, *sabe* é usado como adjetivo com o sentido de *agradável, saboroso e gostoso* (*Não sabia que Cabo-Verde estava assim tão sabe...* – Lara Araújo, em *Arlil: Contos e Poemas*, p. 68) e também funciona como advérbio com o sentido de *bem* (*Às vezes há coisas que saem sabe.* – Jorge Tolentino, em *Raízes* n° 21,

*dirigir, virar-se para*) e outro mais voltado a ações mentais (*ter a intenção de, pretender*).

#### Sentido 1

- Estender para, estender
- (12) *Dextram ad statuam **intendere*** – estender a mão direita para a estátua (Cícero)<sup>13</sup>
- Dirigir, dirigir para, dirigir-se para
- (13) *Aciem in omnes partes **intendere*** – dirigir os olhares para todas as partes (Cícero)
- (14) ***Intendere** animum in rem* – dirigir o seu espírito sobre qualquer coisa, aplicar-se a (Cícero)

#### Sentido 2

- Ter a intenção ou a pretensão de, propor-se, intentar, projetar.
- Afirmar, sustentar, pretender
- (15) ***Intendit**se oportere facere...* – pretende que devia fazer... (Cícero)

Apesar de não verificarmos dentre os sentidos listados para *entender* algum mais próximo a *compreensão, percepção*, Machado (1959, *apud* Martelotta, 1998:81) complementa que, muito provavelmente, um primeiro sentido de *entender* como *compreender* já tenha existido no latim, já que o português e o francês arcaico o usavam em contextos com a significação de *perceber após ouvir*.

Nos dias atuais, os principais sentidos de *entender* são voltados para ações que envolvem processamento mental e/ou atitude do falante (cf. Ferreira, 1999:767): *ter idéia clara de, compreender; ter experiência ou conhecimento de; achar, pensar; alcançar a significação, o sentido de; ouvir, perceber; travar e/ou manter entendimento*.

Bem como os demais verbos, o verbo *ter* é derivado do latim *tenere* e era utilizado nos sentidos de *posse duradoura, manter junto a si, possuir*, além de também ser usado para significar *compreender, saber* (cf. Ferreira 1976:1133):

- Ter junto a si, segurar
- (16) ***Tenere** scepra manu* – ter o cetro na mão (Ovídio e Cícero)
- Conservar, guardar, manter
- (17) *Consuetudinem **tenere*** – conservar um costume (Cícero)
- Possuir, ser senhor de, ocupar, habitar
- (18) *Magna spes me **tenet**..* – tenho a grande esperança de... (Cícero)
- Dirigir, dirigir-se

---

pg. 105). Estes dois sentidos parecem ser originários do primeiro significado de *saber* ligado a *ter gosto, ter sabor*.

<sup>13</sup> Os exemplos de (12) a (15) foram extraídos do *Dicionário Latim/Português* de Ferreira (1976:609).

(19) Quo **tenetis**iter? – para onde vos dirigis? (Virgílio)

- Atingir pelo espírito, compreender, perceber, saber

Este verbo com o sentido de *ter*, *segurar*<sup>14</sup> parece ter perdido, ou ao menos enfraquecido, este significado no português atual, mas ainda o mantém no português arcaico (cf. Mattos e Silva, 1996:184-5), já o sentido de *dirigir* nos parece bem menos familiar. É intrigante que Ferreira (op. cit.) tenha apontado para o verbo *ter* a significação de *compreender*, *saber*, porém o autor não nos fornece nenhum exemplo para este caso. O fato é que, se realmente *ter* já possuía esta significação no latim, suas similaridades com *saber* e *entender* são maiores do que imaginávamos.

Segundo Mattos e Silva (p. 184), analisando a *Carta de Caminha*, testemunho da língua portuguesa de 1500, observa-se que *ter* e *haver* encontram-se em variação na função possessiva, porém nas construções existenciais *haver* impera. Mesmo assim, ainda na Carta pode-se perceber um exemplo ambíguo de *ter* com função possessiva, mas que também licencia a interpretação existencial:

(20) ... se metiam [eles] em almaadias duas ou tres que hy tiinham (fol. 5, 31-32)<sup>15</sup>

(20) a. ... se metiam [eles] em almadias duas ou três que ali **possuíam**.

(20) b. ... se metiam [eles] em almadias duas ou três que ali **existiam**.

Para Mattos e Silva (p. 185), foi este tipo de construção ambígua que permitiu ao *ter* seu uso como verbo existencial, porém devemos lembrar que como *ter* e *haver* eram variantes na função possessiva isto poderia também estimular o uso de *ter* em construções existenciais.

Atualmente, observa-se que os sentidos de *ter* dividem-se entre aqueles associados a *posse* e aqueles associados a *existência*, conforme Ferreira (1999:1945) registra: *possuir*; *poder dispor de*; *segurar nas mãos*; *conseguir*, *alcançar*; *conter*; *haver*. O uso existencial de *ter* encontra-se tão espalhado no português falado no Brasil que *haver* parece estar perdendo o seu lugar, sendo reservado para registros mais formais.

Quando observamos itens como *sabe?*, *entende?* e *não tem?*, estamos olhando para um estágio mais avançado do processo. Por trás destas formas existe todo um percurso de abstratização, pelo qual passaram os seus respectivos verbos de origem,

---

<sup>14</sup> Já no latim o sentido de *possuir*, *ser senhor de* parece ser derivado do sentido de *segurar*, *manter junto a si*, pois pode ter ocorrido um alargamento e, além de possuir algo concreto em mãos ou junto a si, pode-se possuir algo de qualquer natureza, junto ou longe de si.

<sup>15</sup> Este exemplo foi extraído do texto de Mattos e Silva (1996), página 187.

que deve ter começado, conforme Martelotta e Leitão (1996:294-6) propõem para *saber*, com o uso destes itens em contextos totalmente interrogativos, naqueles em que o falante espera que seu interlocutor responda, como os autores ilustram através do seguinte exemplo:

- (21) “I: ... é no papel vegetal mesmo... aquele papel duro... papel vegetal **sabe qual é que é?**  
E: sei (exemplo hipotético)<sup>16</sup>”

Os autores sugerem que, em seguida, existe um estágio intermediário de pergunta semi-retórica, representado no exemplo (22), em que o falante responde à sua própria pergunta.

- (22) “... aí ele pegou e falou assim... eh... não mais é rapidinho... **sabe o que que é?** é que a gente queria conhecer vocês...”

E culminando em um terceiro estágio, a etapa mais avançada de abstratização de *saber*, segundo os autores, ocorreria quando a construção, tendo sofrido redução, encontra-se em contexto interrogativo totalmente retórico, como em (23):

- (23) “... eu me destacava.. eh das minhas ami/ das minhas colegas... aí nós começamos a sair... a passear... ele me... me contava sobre as experiências dele... **sabe?** me colocava nas alturas... dizia que eu era... a garota dele... a garota da vida dele.. e nisso tudo eu só me iludindo porque eu não conhecia nada da vida... não conhecia a opinião dos rapazes nem nada... então aquilo foi uma experiência nova...”

Em análise posterior, Martelotta (1998:83) sugere que a origem para *sabe?* e *entende?* está ainda mais longe, em perguntas plenas como:

- (24) **Sabe** o que é Word Star?<sup>17</sup>  
sei... é um programa de computador.

- (25) **Entendeu** o que eu falei?  
entendi.

Na bibliografia rastreada sobre o assunto, as pesquisas de Martelotta e Leitão (1996) e Martelotta (1998) são as únicas a sugerir a maneira pela qual os verbos *saber* e *entender* passaram a assumir funções pragmáticas em português. Quanto ao item *não tem?*, não existe nenhum trabalho que aponte o caminho percorrido até alcançar seu estatuto discursivo.

Observar os verbos de origem dos itens discursivos e sua trajetória pode nos fornecer pistas, de um lado, do processo de seleção natural destes verbos para se

<sup>16</sup> O exemplo (21) foi criado pelos autores e os exemplos (22) e (23) foram extraídos do *corpus* do Rio de Janeiro, coletado pelo Grupo Discurso e Gramática, todos eles citados por Martelotta e Leitão (1996:295).

<sup>17</sup> Os exemplos (24) e (25) são dados por Martelotta (1998).

desenvolverem como elementos discursivos<sup>18</sup>, de outro, das diferenças de atuação entre os itens discursivos, possivelmente ocasionadas por matizes distintos em seus verbos de origem. Uma tarefa a que nos propomos é de tentar desvelar como estes três itens tão distintos puderam chegar ao mesmo ponto comum, ou seja, quais os fatores e mecanismos que impulsionaram a mudança destes elementos em vários de seus estágios.

### 3. O funcionamento de *sabe?* e *entende?*

Esta seção, dividida em três momentos, é dedicada à revisão da bibliografia disponível sobre *sabe?* e *entende?*, já que, nas últimas duas décadas, importantes estudos têm se preocupado com o funcionamento destes elementos e com as funções desempenhadas por eles no discurso oral.

Inicialmente apresentamos as contribuições de pesquisas que tratam de um dos itens ou de ambos, inseridos no grupo maior dos marcadores conversacionais ou marcadores discursivos (cf. Schiffrin, 1987; Marcuschi, 1989; Urbano, 1997a; e Chodorowska, 1997).

Em seguida, *sabe?* e *entende?* são observados dentro do contexto menor de subgrupos, como dos Requisitos de Apoio Discursivo ou Busca de Apoio Discursivo, delimitados por características comuns entre os itens neles incluídos (cf. Macedo e Silva, 1996; e Urbano, 1997b e 1999).

Em um terceiro momento, são apresentadas as conquistas de poucos trabalhos em que os pesquisadores estabeleceram múltiplas funções específicas aos itens *sabe?* e *entende?*, levando em consideração os contextos e as relações estabelecidas nos lugares de ocorrência destes elementos (cf. Martelotta e Leitão, 1996 e Martelotta, 1998).

---

<sup>18</sup> Conforme Traugott e Heine (1991:8) têm demonstrado, existe uma certa universalidade entre as línguas com relação à escolha de determinadas classes de palavras para se desenvolverem em outras, devido à atuação de fatores que impulsionam ou restringem o processo de mudança. Sweetser (1988:390-3), com relação ao auxiliar de futuridade em inglês *go*, defende a idéia de que, dada a recorrência, em muitas línguas, da marcação de futuridade ou intenção através de verbos de movimento como auxiliares, existem traços de movimento do significado original de *go* que fortemente o impulsionam a assumir um outro sentido que contenha o mesmo tipo de movimento linear, mas não mais no espaço e sim no tempo.

### 3.1 *sabe?* e *entende?* inseridos no grupo dos MCs ou MDs

A denominação *marcador conversacional* tem sido usada por pesquisadores brasileiros (como Marcuschi, 1989 e Urbano, 1997a) – principalmente por aqueles que trabalham sob a ótica da Análise da Conversação – para designar os elementos que atuam tanto no nível das relações estabelecidas no texto, como no das relações entre o falante e o seu texto e, até mesmo, entre o falante e seu ouvinte, abarcando elementos verbais (marcadores simples como *né?* e marcadores oracionais como *e não sei o quê*), prosódicos (como hesitações) e também não-verbais (como olhares, gestos manuais e/ou faciais).

Já o termo *marcador discursivo*, embora nos pareça um pouco mais restrito – pois a maioria dos trabalhos que utiliza esse rótulo engloba apenas itens lingüísticos (lexicalizados ou não) – tem sido preferido pelos pesquisadores estrangeiros<sup>19</sup> (como Schiffrin, 1987 e Sankoff *et al.*, 1997) e também é utilizado por vários pesquisadores brasileiros (como Riso, Silva e Urbano, 1996 e Martelotta, Votre e Cezário, 1996) para designar muitos dos elementos que são abarcados pelo termo *marcador conversacional*.

Muitas vezes, os dois termos são considerados sinônimos (como o faz Macedo e Silva, 1996:11), em outras se impõe a eles uma certa hierarquia, como fazem Riso *et al* (1996:22-3), que preferem chamar os itens sob sua análise de MDs por considerarem este termo mais abrangente que MCs, já que este outro seria limitado ao contexto conversacional<sup>20</sup>.

Embora tenhamos optado por analisar os itens em estudo de maneira mais específica, inseridos em grupos menores, em prol de uma maior homogeneidade entre eles, não podemos deixar de verificar como *sabe?* e *entende?* têm sido tratados dentro do grupo dos MCs e MDs, juntamente com itens de funcionamento tão diversificado, e como este tipo de análise tem contribuído para a delimitação do comportamento e a identificação de funções para estes elementos.

Incluindo a expressão inglesa *y'know* no grupo dos MDs – elementos que delimitam unidades de fala, atuando no estabelecimento da coesão e da coerência do

---

<sup>19</sup> O termo em inglês é traduzido como *discourse markers*.

texto –, Schiffrin (1987)<sup>21</sup> observa como o seu significado literal tem influência direta sobre seus usos discursivos.

A autora considera que o significado literal de *you know* (você sabe) indica que *y'know* (sabe?) atua no estado cognitivo da informação de dois modos: 1) a informação X é avaliável pelo receptor da fala; 2) a informação X é avaliável de modo geral. E estes dois modos de atuação servem de base para as duas funções discursivas de *y'know* como: a) marcador do meta-conhecimento que o falante e o ouvinte compartilham; b) marcador do meta-conhecimento sobre aquilo que é de conhecimento geral<sup>22</sup> (cf. Schiffrin, 1987:267-269).

O encaminhamento da pesquisa de Chodorowska (1997) é semelhante ao dado por Schiffrin (1987), pois aquela autora acredita que o significado dos MDs seja composto por traços do conteúdo semântico da expressão que o origina e por aspectos referentes a seu contexto de ocorrência, e se propõe a examinar o uso de *me entiendes* na língua oral sob esta ótica<sup>23</sup>.

Segundo a definição de Ostman (1982), assumida por Chodorowska (1997:355-6), os MDs podem operar simultaneamente em dois níveis – no nível estrutural, servindo a uma função sintagmática ou textual e no nível pragmático, atuando com um propósito interativo ou atitudinal, sendo que para ela o uso de *me entiendes?* estaria muito mais ligado ao nível pragmático. Segundo a autora, o uso deste item estabelece uma distância entre os participantes na interação, originando uma implicatura de polidez que pode estar relacionada a duas funções: a) para demonstrar a atitude polida diante do ouvinte em situações que requerem atenuação; b) simplesmente para manter uma certa distância no contato interpessoal. Observe o exemplo:

(26) A. Es que...mhm... Sabes que pasa que digamos que yo aquí a quien llamo tiene una capacidad de hoteles, no?

---

<sup>20</sup> A problemática quanto à escolha terminológica é questão de pouca relevância dentro de nossa pesquisa e usamos os dois termos como sinônimos.

<sup>21</sup> Schiffrin (1987) dedica o livro *Discourse Markers* à análise e discussão de vários marcadores (*then, and, now*) e no nono capítulo é dada atenção especial a *y'know* e *I mean*, que, segundo a autora, são tratados juntos não somente por terem seus usos baseados em seus significados semânticos originais, mas também porque suas funções são socialmente estabelecidas e complementares.

<sup>22</sup> Estas funções discursivas não são somente atribuídas ao item no final de enunciado, pois Schiffrin cita exemplos destas funções com *y'know* localizado em início de enunciado. Outro detalhe importante é que as duas funções discursivas exercidas por este item podem ser avaliadas de acordo com o grau de compartilhamento de informações entre falante e ouvinte.

<sup>23</sup> A autora coletou os dados de *me entiendes?* em gravações de diálogos entre agentes de viagens e clientes de uma agência de turismo de Madri (Espanha), durante aproximadamente o período de um mês no verão de 1994.

A. Porque claro. A lo mejor, me dicen ahora que sí y en veinte días que no **me entiendes?** Por eso nos obligan a hacer la reserva directamente...<sup>24</sup>

Neste trecho, Chodorowska (1997:362) considera que *me entiendes?* seja usado pelo falante, agente de viagens, como recurso para atenuar sua inabilidade em garantir um quarto de hotel para o ouvinte, seu cliente. Como o foco do trabalho é sobre o significado pragmático do item em análise, a autora não propõe funções mais textuais para tal item, embora possamos identificar no exemplo (26) que o uso do MD aparece em uma posição estrutural que também assinala uma relação de causa/consequência.

Comparando suas conclusões com as de Schiffrin (1987), Chodorowska (1997:367) argumenta que *me entiendes?* é voltado tanto para o falante quanto para o ouvinte, criando uma relação entre os dois participantes da conversação, enquanto *y'know* é voltado somente para o papel do ouvinte na interação. Se assim o é, podemos supor que *me entiendes?* exigiria uma maior atitude responsiva por parte do ouvinte porque este MD estabelece uma situação maior de troca entre os participantes da conversação, enquanto o uso de *y'know* deixaria o interlocutor mais livre para decidir o momento de manifestar-se ou não.

Um dos desafios de análises como estas é lidar com significados que se constituem no jogo interativo, envolvendo a intenção do falante e os processamentos mentais do ouvinte. Nas duas pesquisas percebemos o grande interesse das autoras em identificar o significado dos MDs que, segundo elas, é forjado pela intersecção de dois fatores: a influência do conteúdo semântico da expressão que os origina e o contexto (sintático e discursivo) no qual se inserem.

Schiffrin (1987) capta um significado pragmático para *y'know* ligado à troca de informações entre falantes, isto é, o falante usaria este MD para pressupor o conhecimento de informações por parte de seu ouvinte ou para checar se seu ouvinte compartilha as informações fornecidas por ele, falante, seja porque os dois vivem em uma mesma comunidade e compartilham dados sobre o ambiente comum a eles ou porque as informações dadas são de conhecimento geral.

Por outro lado, Chodorowska (1997) atribui a *me entiendes?* um significado ligado à implicatura de polidez. Neste caso, o MD seria usado como recurso do falante para instaurar uma distância entre ele e o ouvinte, atuando tanto na atenuação de informações quanto no estabelecimento de uma postura de consideração do falante para com o ouvinte.

---

<sup>24</sup> Trecho de exemplo dado por Chodorowska (1997:362).

Acreditamos que as diferenças nos significados atribuídos pelas autoras para o uso discursivo de *y'know* e *me entiendes?* não sejam somente decorrentes das diferenças entre o conteúdo semântico das expressões de origem, mas também derivem do próprio tipo de entrevista em que os dados ocorrem, pois o primeiro MD está inserido no contexto de entrevistas informais sobre assuntos do cotidiano do informante, o que o leva a utilizar a expressão em funções que serviriam mais para a verificação do compartilhamento destes assuntos; já o segundo MD é analisado no contexto de entrevistas formais entre agentes de viagens e seus clientes, o que, por si só, já instaura um tom bastante polido.

As discussões levantadas pelas duas pesquisadoras suscitam perguntas que no decorrer de nossa pesquisa procuramos abordar: 1) em que medida o significado de origem de *sabe? entende?* e *não tem?* pode interferir em seu significado e atuação discursiva? 2) como o contexto em que o MD se insere pode influenciar na escolha do item e no estabelecimento de seu significado?

Apesar de também estar atento a aspectos funcionais, Marcuschi (1989)<sup>25</sup> trata os itens *sabe?* e *entende?* e outros semelhantes, como *né?*, *viu?*, *certo?*, com ênfase também em seus aspectos formais, incluindo-os dentro do grupo dos Marcadores Conversacionais (MCs).

Considerando os MCs como elementos multifuncionais que possuem, simultaneamente, propriedades interacionais (manifestando as atitudes do falante e marcando relações interpessoais) e intratextuais (atuando na estruturação da cadeia lingüística), o autor atribui a todos os itens deste grupo o papel de conectores pragmáticos, usados pelos interlocutores para organizar suas ações e seus quadros discursivos, operando na ordem sintagmática, segmentando e ligando unidades textuais<sup>26</sup> (cf. Marcuschi, 1989:287-8).

Formalmente, *sabe?* e *entende?* são considerados pelo autor como marcadores lingüísticos verbais, de forma simples – por serem realizados com um só lexema –, produzidos pelo falante, utilizados em posição de final de turno e em final de unidades conversacionais (intraturno) e, embora essenciais para o funcionamento

---

<sup>25</sup> O autor, contando com 15 minutos de gravação telefônica, faz um amplo apanhado de variados elementos característicos da fala (tais como: *mas*, *sim*, *então aí*, *pra você vê*), observando-os em suas características formais e funcionais.

<sup>26</sup> Tal qual Marcuschi, Castilho (1989:265), em estudo sobre as unidades discursivas – entendidas como segmentos textuais constituídos de um núcleo demarcado por marcadores – também considera que os marcadores em geral são elementos multifuncionais que possuem, simultaneamente, propriedades

discursivo, sintaticamente independentes. Já funcionalmente, MCs como *não é, né, entendeu, sabe, viu, certo*, são considerados por Marcuschi (p. 315) *marcadores de busca de aprovação discursiva* (BADs) que têm o papel de frisar a proposição asseverada, através de uma força ilocutória argumentativa<sup>27</sup>.

Urbano (1997a), também investiga os aspectos formais, semânticos e sintáticos dos MCs<sup>28</sup>, elementos lingüísticos que, segundo ele, ajudam a construir e dar coesão e coerência ao texto falado, funcionando não só como articuladores de suas unidades cognitivo-informativas, mas também de seus interlocutores, à medida que marcam e explicitam os aspectos interacionais e pragmáticos de sua produção (cf. Urbano, p. 85-6). O item *sabe?* é incluído no grupo dos MCs analisados por Urbano (p. 86-9), sendo classificado, quanto a seu aspecto formal, como marcador lingüístico verbal, lexicalizado e simples – em concordância com Marcuschi (1989). Na visão do autor, embora itens desta natureza possuam conteúdo semântico esvaziado, sendo assim estruturalmente descartáveis, são discursivamente relevantes, pois funcionam como elementos de interlocução, testando o grau de participação do interlocutor. No que tange a questões sintáticas, itens como *sabe?* são considerados sintaticamente independentes pelo autor, pois são isentos de vínculo sintático com a proposição, podendo inclusive ser retirados sem prejuízo do conteúdo informacional veiculado.

Os trabalhos destes dois autores, ao focalizarem aspectos concernentes ao comportamento formal, sintático e semântico de itens como *sabe?* e *entende?*, fazem emergir questões como: 1) são estes itens sintaticamente independentes?; 2) seu conteúdo semântico é esvaziado?; 3) suas formas são realmente cristalizadas?; 4) em quais posições são utilizados?

As respostas a tais questões podem, pelo menos, ser assinaladas através da análise quantitativa dos aspectos formais e dos contextos nos quais estes itens se inserem, contribuindo para o próprio estabelecimento das funções desempenhadas por eles.

### **3.2 *sabe?* e *entende?* no grupo específico dos RADs ~ BADs**

---

pragmáticas, semânticas e sintáticas, sendo que em cada um dos itens deste grupo uma destas propriedades é mais acentuada do que as outras.

<sup>27</sup> Para Castilho (1989:265), *sabe?* e *entende?*, marcadores interpessoais, administram os turnos conversacionais além de sinalizarem de que modo o falante monitora a interação.

A fim de promover análises mais aprofundadas e específicas, pesquisadores têm direcionado suas análises a grupos mais coesos como dos *Requisitos de Apoio Discursivo* - RADs (cf. Macedo e Silva, 1996) ou *Busca de Aprovação Discursiva* - BADs (cf. Settekorn, 1977 *apud* Urbano, 1997a), nos quais costumam ser inseridos itens como *né?*, *viu?*, *sabe?*, *entende?*, *certo?*, entre outros, que possuem em comum sua possibilidade de atuação na interação face-a-face.

Como *aprovação* implica uma ação direta do ouvinte sobre o discurso do falante, o termo BAD veicula forte envolvimento e atuação do ouvinte através de respostas ou estímulos, o que não podemos, *a priori*, afirmar ser o caso de nossos dados de análise. Já o termo RAD, contendo a palavra *apoio*, pode tanto envolver a ação do ouvinte sobre a fala do outro (aprovar explicitamente as informações dadas pelo falante ou apenas oferecendo estímulos, verbais ou físicos), como do próprio falante sobre seu discurso (valendo-se dos RADs como recursos de organização discursiva e planejamento verbal), nos parecendo mais abrangente<sup>29</sup>.

Itens como *né?*, *sabe?* e *entende?* são usados, segundo Macedo e Silva (1996:12-7)<sup>30</sup> – que os inserem no grupo dos RADs –, como elementos de contato entre interlocutores, ocorrendo, quase sempre, no final de enunciado e tendo como principal função a manutenção do fluxo conversacional.

Para as autoras, um dos aspectos mais visíveis que diferenciam os itens usados como RADs daqueles usados como verbos é sua fixação em uma certa forma, entonação e posição lingüística. Segundo elas, *sabe?* e *entende?*, enquanto RADs, constituem-se formalmente de modo bastante diversificado de seus respectivos verbos de origem, recebendo uma pronúncia mais rápida, maior contorno interrogativo, fixando-se em final de enunciado e na terceira pessoa (cf. Macedo e Silva, p. 17).

A caracterização dos aspectos formais dos RADs, como também observada em Marcuschi (1989) e Urbano (1997a), sofre sensível avanço na pesquisa de Macedo e Silva (1996), pois as autoras, ao diferenciarem os itens discursivos de seus verbos de origem através de aspectos formais, correlacionam as mudanças na forma ao percurso

---

<sup>28</sup> Para a realização desta investigação, o autor utilizou um diálogo em que interagem uma documentadora e duas informantes, pertencente a um dos inquéritos do Projeto NURC.

<sup>29</sup> A denominação RAD (requisito de apoio discursivo) é adotada nesta pesquisa como forma de designação mais geral para *sabe?*, *não tem?* e *entende?*

<sup>30</sup> A pesquisa de Macedo e Silva (1996) parece ser a única no Brasil a analisar os RADs sob uma perspectiva variacionista, contando com um *corpus* de 64 entrevistas da “Amostra Censo”.

de mudança de significado destes itens. Contudo, ao nos voltarmos a nossos dados, percebemos que o comportamento de *sabe?*, *entende?* e *não tem?* entre os florianopolitanos se diferencia daquele identificado pelas autoras para os seus dados.

Quanto ao contorno interrogativo, já em observações preliminares, nota-se uma oscilação entonacional, ora com maior ênfase na entonação interrogativa, ora com entonação mais linear, o que faz com que estes itens mudem sua própria função dentro do enunciado, podendo ser mais voltados para o ouvinte, ou mais voltados para a organização textual, como se verifica em (27):

- (27) Inventava de fazer sanduíche, pegava essas folhas assim, **sabe..** tipo... parece umas folhas assim, de alface, a gente colocava nas panelinhas, fazia bolinho. (FLP19FJG:818)

Sobre a posição destes elementos, não é tão evidente em nossos dados que eles se encontrem em final de enunciado, pois temos um elevado número de ocorrências destes itens em posição inter e intraoracional. Veja os exemplos:

- (28) E eles tiraram dali e me botaram para o outro lado... e cercaram tudo ao redor, e fizeram um monte de casinhas assim, num estilo de umas meia-aguinhas, **não tem?** (est) pra fazer pra festa. (est) (FLP13MJP:880)

- (29) Eu agora estou assim, eu acredito mas, eu acredito e não acredito assim, **não tem?** (est) em Deus assim, não tem? (FLP14MJG:290)

Além destas diferenças percebidas entre o comportamento de nossas ocorrências e dos dados das autoras, podemos argumentar que estes itens não se fixaram na terceira pessoa do singular, como elas sugerem, mas sim na segunda pessoa do discurso não marcada, já que se constituem como mecanismos de interlocução.

Mais uma das grandes contribuições de Macedo e Silva (1996:17) para o estudo dos RADs é a discussão provocada por elas sobre a carga interacional veiculada por este tipo de elemento. As autoras conduzem suas análises a fim de mostrar, através da quantidade de estímulos verbais dados pelo interlocutor, que estes elementos ainda pedem uma resposta do ouvinte, constatando, em oposição a Vincent (1983 *apud* Macedo e Silva, 1996:13-4)<sup>31</sup>, que tais itens não atuam somente como formas fáticas marcadoras de ritmo e destituídas de sua carga interacional, eles ainda mantêm sua função básica de *pedir a aquiescência do interlocutor*.

---

<sup>31</sup> Vincent (1983 *apud* Macedo e Silva, 1996:13-4) considera como pontuantes os itens que: a) não trazem nenhuma informação ao enunciado; b) não são expressivos nem carregam carga semântica; c) situam-se preferencialmente no fim do segmento entoativo; d) têm formas fonológicas reduzidas em relação à sua forma significativa; e) estão fora da estrutura semântica; f) têm perda de valor sintático devido à alta frequência de emissão; g) perderam a modulação interrogativa; h) provêm, de modo geral, de formas interrogativas.

Em direção oposta, Urbano (1999)<sup>32</sup>, ao analisar o subconjunto dos marcadores de função *basicamente orientadora da interação*<sup>33</sup> – incluindo nele itens como *entende?*, *sabe?*, *tá?* e *viu?* com o objetivo de identificar suas subfunções, propriedades e comportamentos textuais interativos específicos – verifica que o interlocutor sente-se pouco impelido a interagir com o falante após estes itens, o que parece indicar a perda de sua carga interacional.

O autor, adotando a nomenclatura e definição dadas por W. Settekorn (1977)<sup>34</sup> – que considera que os marcadores BADs (Busca de Aprovação Discursiva) atuam no plano argumentativo, agindo no asseveramento da proposição que frisam –, argumenta que, no texto, os BADs relacionariam segmentos argumentativos e, na interação face-a-face, implicariam um ato de busca de aprovação por parte do falante e um ato e concessão de aprovação ou recusa por parte do ouvinte (cf. Urbano, 1999:229-30).

Contudo, isto não é confirmado em sua análise, pois Urbano (p. 230-1) verifica que, como a grande maioria dos BADs ocorre na posição intraturno e muitas vezes sem a presença de pausa posterior, o que dificulta a possibilidade de resposta do interlocutor, poderia estar havendo uma neutralização da busca e o comportamento destes itens seria mais semelhante ao dos pontuantes discursivos. Apesar disso, o autor é cuidadoso ao considerar que esta sua constatação pode ser enfraquecida, pois existe a possibilidade de terem ocorrido estímulos não verbais, não captados pelo analista já que a amostra é composta apenas pela gravação em áudio<sup>35</sup>.

---

<sup>32</sup> Nesta pesquisa, realizada sob a perspectiva interacional, são utilizados os inquéritos do Projeto NURC e seu direcionamento segue os passos da pesquisa anterior: *Marcadores discursivos – traços definidores*, executada por Riso, Silva e Urbano (1996) e que tinha como objetivo o estabelecimento de traços identificadores do estatuto dos MDs, capazes de conduzir a uma definição mais precisa destes elementos.

<sup>33</sup> Riso et al. (1996:26), consideram uma unidade como *basicamente orientadora quando há uma nítida orientação por parte do falante em direção ao ouvinte, ou deste ao falante, através, por exemplo, da busca de uma aprovação discursiva*.

<sup>34</sup> Urbano (1999:229), retomando as observações feitas sobre os BADs em Urbano (1997b), lista os cinco passos determinados por Settekorn para a caracterização do fenômeno, quais sejam: 1) o falante afirma uma proposição; 2) o falante indica que a proposição é verdadeira; 3) o falante indica que ele acredita na veracidade da proposição; 4) o falante indica que crê que o ouvinte participa da opinião dele, falante, em face da proposição; 5) o falante indica que ele assume que o ouvinte está disposto a aprovar a afirmação e a posição dele, falante, frente à proposição.

<sup>35</sup> Além dos trabalhos já citados que inserem itens como *sabe?* e *entende?* dentro de grupos mais específicos, Duque Estrada (1997:82-8) também observa a estrutura e a entonação dos marcadores TAGs, entre eles, *sabe? entendeu? tá? viu? certo?né?* Contudo, como podemos verificar através dos exemplos fornecidos pela autora (p. 84), no grupo dos TAG *questions*, além de serem incluídos itens como aqueles que fazem parte de nosso fenômeno em estudo (Ela caiu muito, sabe?), são inseridos dados nos quais o TAG é composto pelo mesmo verbo usado na estrutura que focaliza (Tu tens as duas, não tens?), e outros em que o TAG é construído através do contraste com a sentença anterior (Tu queres esse livro, ou não?).

Acreditamos, do mesmo modo que Macedo e Silva (1996), que a alta frequência de estímulos após os itens em análise reflita a forte carga interativa veiculada por eles, mas o contrário não parece ser verdadeiro, ou seja, a ausência de estímulos do interlocutor não indica que os RADs sejam pontuantes discursivos, pois, conforme vimos em Urbano (1999), existem modos de interação não verbais (como olhares, sorrisos, balançar de cabeça) tão eficientes quanto os primeiros.

Ocorre que estes itens ativam, dependendo de seu contexto e propósito de uso, graus diferenciados de carga interativa, marcados por posicionamentos diferenciados do interlocutor; e a problemática levantada por estas duas pesquisas, a respeito do estatuto interacional ou pontuante de itens como *sabe?* e *entende?*, serve de base para que identifiquemos em nossos dados, ainda que de modo bastante limitado (pois também contamos somente com o áudio das gravações), em que medida existe o objetivo do falante em requisitar a participação do ouvinte, como e com qual frequência este se manifesta em relação ao outro.

### 3.3 *sabe?* e *entende?* em suas funções específicas

Apesar de limitações, pois muitas vezes estamos lidando com itens que costumam exercer duas ou mais funções simultaneamente, os RADs podem ser apresentados em funções específicas, sugeridas por Martelotta e Leitão (1996:296-301) e Martelotta (1998:81-8), os únicos a proporem o tratamento dos RADs, mais especificamente de *sabe?* e *entende?*, como elementos que, dependendo do contexto em que se inserem, ativam determinados traços funcionais, à exclusão de outros.

Martelotta e Leitão (p. 296-301)<sup>36</sup> sugerem algumas funções para *sabe?*, tais como: avaliativa, marcadora de cláusula, preenchedora de pausa, de chamar a atenção do ouvinte para um determinado dado. Observe os exemplos:

(30) Eu vou falar sobre a minha família... sobre os meus pais... o que eu acho deles... e como eles me tratam... bem... eu tenho uma família... pequena... ela é composta pelo meu pai... pela minha mãe e pelo meu irmão... eu tenho um irmão pequeno de... dez anos... eh... o meu irmão não influencia em nada... **a minha mãe é uma pessoa super legal... sabe?** ela é uma pessoa que conversa comigo... é minha amiga... ela me amostra sempre a realidade da vida...<sup>37</sup>

<sup>36</sup> Para as análises feitas nesta pesquisa foram utilizadas entrevistas de 20 informantes, do *corpus* do grupo Discurso & Gramática, coletadas na cidade do Rio de Janeiro.

<sup>37</sup> Os exemplos (30) e (31) são extraídos de Martelotta e Leitão (1996:297/300).

- (31) ... se ela colocasse o problema em questão... falasse que estava grávida... eu acho que ia mudar muito a situação... aí foi quando ela decidiu tirar... ela chegou pra mim/ e pior não é nada... pra ela chegava pra mim... ela passava uma imagem para mim... assim... de uma menina... **uma menina pura... sabe?** que não pensava nessas coisas... então quando ela chegou pra mim e falou assim... “Claire... eu to grávida”... **foi um impacto... sabe?** foi um susto pra mim... eu não esperava isso dela...

No exemplo (30), os autores atribuem a *sabe?* as funções de marcador de cláusulas e de elemento que ressalta um comentário avaliativo, já em (31) este item atuaria somente sobre um comentário avaliativo.

Em trabalho posterior, Martelotta (1998)<sup>38</sup> realiza uma análise comparativa entre *sabe?* e *entende?* e avança suas considerações, identificando uma série de funções (marcar reformulações na fala, marcar topicalização, indicar discurso de fundo, modalizar a fala e preencher vazios), que seriam derivadas da macro-função destes itens de *viabilizar o processamento da fala e a recepção do ouvinte*. Observe nos exemplos dados pelo autor e transcritos abaixo algumas destas funções em uso:

- (32) ... o que aconteceu... foi com uma amiga minha... ela... namorava um rapaz... há/ namorou um rapaz há três anos... eh... um menino... (eu não sei) não posso revelar... aí... ela/ é aquilo... maior paixão... **entendeu?** mas... tinha uma coisa que... sempre... implicava com eles dois... não sei o que era... eu acredito muito em destino... **sabe?** eu acho que... as pessoas... eh... quando têm o destino traçado... é aquilo... aí ela namorou ele/ ela namorou esse rapaz há três anos... ela desmanchou com ele...<sup>39</sup>
- (33) ...essa empresa aqui que é onde é que eu... faço estágio... era... Portobrás... vou te dar um exemplo... era Portobrás...tá? o Collor extinguiu... entendeu? extinguiu... aí passou a se chamar Portos... quer dizer... foram vários funcionários embora... pessoas boas... **entendeu?** foram mandadas embora... e agora o que que acontece? aqui é... uma empresa até:... muito política...

No exemplo (32), o autor atribui a *entendeu?* e a *sabe?* um caráter bifuncional, atuando ao mesmo tempo como marcadores de comentário de fundo e como reformuladores e em (33) o autor identifica para *entendeu?* as funções de marcar comentário de fundo, marcar tópico e marcar reformulação sobre a expressão *pessoas boas* (op. cit.). Estes exemplos parecem envolver um movimento textual que remete tanto para o que é dito antes, como para aquilo que é dito depois do item, pois, se através de um movimento anafórico os itens marcam um comentário de fundo, parece claro que através de um movimento catafórico marquem a retomada do tópico principal<sup>40</sup>, apesar do autor não tratar deste movimento explicitamente e sempre

<sup>38</sup> O autor utiliza 47 entrevistas com informantes do Rio de Janeiro, coletadas pelo grupo Discurso & Gramática.

<sup>39</sup> Os exemplos (32) e (33) são citados por Martelotta (1998:82-3).

<sup>40</sup> Consideramos anafórico e catafórico apenas o movimento desencadeado pelo item discursivo remetendo para aquilo que é dito antes ou depois dele. Usamos estes dois termos na perspectiva da dêixis

estabelecer a função dos itens analisados por ele em relação àquilo que vem dito antes do item em questão.

Até então, nota-se que os pesquisadores têm tratado os RADs como elementos que apontam para aquilo que foi dito antes de sua ocorrência, seja uma palavra ou até mesmo uma fase inteira e, por isso, as funções que têm sido atribuídas a estes elementos são muito mais voltadas para a ação dos RADs sobre aquilo que os antecede. Observe o exemplo (34), retirado de nossa amostra:

- (34) Inf: Mas eu ando assim, no máximo assim, eu acho que com umas cinco pessoas. São poucas amigas dentro do colégio, de fora eu tenho muitas, né? Eu tenho de fora também, que não mora aqui, mas ano passado pra cá daí separou bastante gente, daí [tinha]-apelidaram até de galerinha do Barrados no Baile, **sabe?**  
Ent: Por quê? (FLP20FJG:503)

Nesta ocorrência verifica-se, mesmo porque não temos mais nada após o RAD, que sua atuação incide sobre sua esquerda, frisando o sintagma que o antecede *a galerinha do Barrados no Baile*.

Contudo, em grande parte das vezes estes elementos parecem fazer o papel de ponte entre duas partes do discurso, atuando, assim, como elementos bi-direcionais<sup>41</sup> (veja em 35):

- (35) É assim, são músicas assim, grupo jovem, **não tem?** São músicas sobre... Deus, né? de igreja, mas com rock, músicas lentas. (FLP05FLP:86)

Neste exemplo, observa-se o duplo movimento do RAD: ao mesmo tempo que frisa aquilo que tinha sido dito à sua esquerda (*são músicas assim, grupo jovem*) ocupa o lugar em que se estabelece uma relação de especificação, sendo usado para assinalar, à sua direita, detalhes sobre o elemento ou construção especificada (*são músicas sobre... Deus, né? de igreja, mas com rock, músicas lentas*).

Além das funções de caráter mais textual que, mesmo que indiretamente, nos impulsionam a uma revisão do caráter bi-direcional dos RADs, Martelotta (1998:84) atribui outras funções a *sabe?* e *entende?*, mais ligadas a mecanismos de processamento mental. O autor verifica que, através de um movimento funcional de menor para maior abstratização, os itens em análise podem assumir as características de um preenchedor

---

discursiva (cf. Marcuschi, 1997:158), que serve não exatamente para referir entidades lingüísticas, mas para *organizar, orientar e monitorar o olhar do leitor/ouvinte para uma determinada porção do discurso: é uma dêixis de orientação*.

<sup>41</sup> Risso (1999:287) reconhece que elementos como *bom, bem, olha* e *ah* (muito próximos a *sabe?*, *entende?* e *não tem?*, já que estes frisam o que os antecede e aqueles o que é posposto a eles) possuem um forte caráter bi-direcional, no sentido que atuam como pontuadores discursivos fechando a seqüência que os antecede e viabilizando a seqüência seguinte. Ampliamos esta questão no capítulo V.

de pausa, encaminhando o fluxo conversacional para não perdê-lo ao executar uma pausa, como em (36) <sup>42</sup>:

- (36) ... mas que adianta um casamento tão lindo... gastam tanto... pra no final eh... viv/ fica dois... três dias... depois se separam... entendeu? eu acho isso aí um absurdo... porque... poxa... eu sei lá... **sabe?** num né? a vida ::/ tudo bem... está tudo difícil... mas a pessoa... eu acho que a pessoa tem que saber... diretamente aquilo que quer...

Mesmo tentando fazer recortes discretos e demarcando os limites para a atribuição de cada função, Martelotta (1998) admite e ressalta que estas funções tendem a se confundir, ou mesmo a se sobrepor, já que se manifestam em um *continuum* lingüístico. Pode-se observar esta intersecção de funções no exemplo (37) em que, segundo o autor, *sabe?* é usado com características de preenchedor de pausa e também funciona como topicalizador e modalizador.

- (37) E: a outra eh::... eh o que você acha da escola... dos professores... da política atual?  
 I: escola... está péssima... escola está péssima... paredes muito... pixadas... os banheiros tudo arrebitado... que não sei o quê... e... os próprios alunos mesmo... **sabe?** tanto do dia tanto da manhã... que fazem isso... **sabe?** como... tu pode ver aqui... porque os quadros horríveis eh::... mesas horríveis toda ra... rabiscada... rasgada... né? tudo... agora... quanto aos... professores... al... alguns são... muito... exigentes... outros um pouco melhores... **sabe?** e... eu achava que cada um... um deles tinha que dar um... um trabalho ou eh::... um teste pra... ajudar na prova... tá? pra ajudar na prova... ajudar no teste... né? e quanto à... à política... não tenho/ não tem como explicar eh... a vida está... tudo caro... né? pra mim... pro Brasil sair... dessa crise... acho que... **sabe?** só:: só milagre... agora... esse presidente Itamar Franco... **sabe?** está fazendo alguma coisa... né? agora... política... acho que... **sabe?** todos eles... sinceramente... são uma cambada de ladrões... que adoram... **sabe?** pegar dinheiro... dos outros sabe eh:: fazer... sacanagem... fazer troço assim...  
 E: ahn... ahn...  
 I: entende?  
 E: valeu... obrigado...

Embora os resultados das pesquisas dos autores referidos contribuam para a problematização do estudo de itens como *sabe?* e *entende?* e para o estabelecimento de várias funções para os mesmos, muitos de nossos dados não são recobertos pelas funções citadas por eles. Vejamos algumas de nossas ocorrências em que os itens em análise ocorrem envolvidos, respectivamente, em relações de especificação, finalidade e conclusão:

- (38) No caso de/ de baterias assim, de/ de campeonato, a nível de campeonato, eu não/ não/ não estou acompanhando isso, não é o meu lado o campeonato. (est) Eu posso dizer como as pranchas evoluíram, **entendeu?** como elas afinaram, espessura, elas afinaram muito, as pranchas antes eram bem grossas, assim, bem largas, hoje não, hoje elas estão mais estreitas, bem finas de espessura e mais alongadas assim, né? (FLP12MJC:799)

---

<sup>42</sup> Os exemplos (36) e (37) foram extraídos de Martelotta (1998:84).

- (39) Outra festa. Quinze anos da minha irmã. (est) Foi um sarro, ela dançando a valsa, o sapato dela quebra. (risos E) O salto quebrou, ela quase levou um tombo. Estava lá [dan-] estava dançando com meu pai, o primeiro par dela, depois ela dançou com dois namorados, dois namorados ela estava dançando, começou a dançar. Primeiro foi um, foi uma briga assim no meio do salão, **não tem?** pra ver quem dançava com ela primeiro, os dois namorados dela, foi um sarro quase se pegaram no pau, lá no meio da festa dela. (FLP05FJP: 1127)
- (40) O ruim é o vizinho da esquerda e o vizinho da frente, a do lado assim, é uma senhora viúva, ela é legal. Eles são muito assim, berrão, eles fazem muito... escândalo, muito matraca, eles vão lavar roupa [su-] suja na rua assim, **sabe?** a coisa mais ridícula. Parece que eles nem têm casa, eles vivem na frente da casa dos outros. (FLP19FJG:1380)

No exemplo (38) *entende?* situa-se entre um tópico e sua especificação, pois antes dele o falante anuncia que pode falar sobre a evolução das pranchas e depois especifica de que tipo de evolução está falando. Já em (39) o falante narra a situação de uma briga e usa *não tem?* entre o fato e sua finalidade, a conquista da primeira dança com a namorada. E em (40), após dar uma série de atributos negativos a seus vizinhos, o informante faz uso de *sabe?* para, em seguida, dar sua conclusão avaliativa sobre o comportamento da vizinhança.

Embora a delimitação de funções seja muito mais um recorte metodológico que o retrato fiel do comportamento destes itens, a partir do novo olhar sobre o escopo de atuação destes elementos e considerando a existência de possíveis sobreposições funcionais, temos a necessidade de elaborar um quadro de funções que leve em conta os diferentes níveis de atuação, mesmo sabendo que esta não é uma tarefa simples, dado o caráter multifuncional destes itens.

## CAPÍTULO II: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para os itens em estudo propomos uma análise em duas vias: de um lado, observamos os itens *sabe? entende? e não tem?* como formas variantes em uma mesma função lingüística; do outro, tentamos traçar o percurso de mudança funcional destes itens a fim de compreender como formas tão distintas puderam compartilhar funções e contextos de uso. Sendo assim, apresentamos neste capítulo as duas principais linhas teóricas que guiam a pesquisa nas duas vias propostas – o Funcionalismo Lingüístico e a Teoria da Variação e Mudança –, fornecendo uma visão geral de ambas e discutindo conceitos como regra variável, função, língua, linguagem e gramática.

Na seção dedicada ao Funcionalismo Lingüístico apresentamos (cf. Nichols, 1984; Givón, 1993 e 1995; e Moura Neves, 1997) as concepções de língua, linguagem, gramática e discurso que perpassam a teoria e que assumimos nesta dissertação. Concentramos especial atenção à mudança lingüística: são expostas as principais premissas e características dos processos de gramaticalização (principalmente cf. Heine e Reh, 1984; Heine *et al.*, 1991; Traugott e Heine, 1991; e Hopper e Traugott, 1993) e discursivização (cf. Vincent *et al.*, 1993 e Martelota *et al.*, 1996) e, com base nas discussões feitas por Traugott (1988 e 1995), reavaliamos os limites e a pertinência dos dois processos; além disso, consideramos a inserção de três funções da linguagem em uma escala de gramaticalização (cf. Halliday e Hasan, 1976; Heine *et al.*, 1991; e Thompson, 1996) e discutimos a diferença entre os processos de metáfora e metonímia (cf. Traugott, 1988; Traugott e König, 1991; Heine *et al.*, 1991, Bybee *et al.*, 1994; e Castilho, 1997) e suas implicações para a delimitação de mudanças lexicais e categoriais.

Na seção seguinte, sobre a Teoria da Variação e Mudança, apresentamos as idéias de Weinreich, Labov e Herzog (1968), e de Labov (1972 e 1994) sobre linguagem, língua e mudança lingüística. Nos preocupamos em trazer à tona as discussões a respeito da extensão da noção de *regra variável* (cf. Weiner e Labov, 1983

[1978]; Lavandera, 1978; e Labov, 1978) e de significado (cf. Nichols, 1984) para justificarmos o tratamento de itens discursivos dentro da teoria.

Finalmente, na última seção deste capítulo, problematizamos a união entre Variação Lingüística e Gramaticalização (cf. Lichtenberk, 1991; Vincent *et al.*, 1993; Castilho, 1997; e Tavares, 1999), principalmente no que concerne ao ponto de partida da mudança lingüística.

## 1. O Funcionalismo Lingüístico

Na visão funcionalista a língua muda e se molda a partir de pressões funcionais-adaptativas, exercidas durante a performance lingüística, ou seja, no momento em que a língua é adquirida e onde a gramática emerge e muda. Esta pressão, feita em prol da característica criativa e comunicativa das línguas, tem como componentes necessários a variação e a indeterminação de partes do discurso que, mesmo ocorrendo no momento da performance, acabam por moldar e remoldar a própria competência lingüística (cf. Givón, 1995:7).

Moura Neves (1997:3), resumindo Gebruers (1987:129), caracteriza a concepção de linguagem da gramática funcional como *funcional*, porque é preocupada com a funcionalidade do sistema lingüístico dentro da situação de comunicação, e *dinâmica*, porque admite que a relação estrutura-função pode ser mudada segundo as pressões comunicativas.

Compreendida como instrumento funcional e dinâmico, a linguagem humana serve para muitas funções – nem todas diretamente ligadas às duas tarefas maiores de *representação mental* da experiência e sua *comunicação aos outros*<sup>43</sup> – e envolve três domínios funcionais bem definidos (cf. Givón, 1993:21-3):

a) o domínio da *palavra* (significado): entidades são codificadas por palavras e podem existir de várias maneiras – no mundo externo (real), no mundo interno mental e no universo cultural socialmente negociável;

---

<sup>43</sup> Muitas destas outras funções meta-comunicativas, que contam com a participação da gramática em sua performance, são: funções de coesão sócio-cultural, funções afetivas interpessoais e funções estéticas. Através das *funções de coesão sócio-cultural*, a língua atua mantendo a coesão sócio-cultural de um determinado grupo e identificando indivíduos com o grupo; nas *funções afetivas interpessoais* a língua media a interação entre os componentes de um grupo, podendo marcar relações de afeto, cooperação, obrigação, dominância ou competição; e como entidade de *funções estéticas*, a língua assume o importante papel de assinalar valores estéticos em discursos, ficção, poesia, canções e peças teatrais (cf. Givón, 1993:21)

b) o domínio da *oração* (informação): orações codificam proposições que, por sua vez, combinam conceitos (palavras) dentro da informação. Estas informações refletem nosso mundo externo, interno e culturalmente negociado, ou combinações deles e podem ser sobre relações, qualidades, estados ou eventos nos quais as entidades participam;

c) o domínio do *discurso* (coerência): o discurso é multiproposicional e sua coerência é uma propriedade que transcende fronteiras proposicionais, pois sua atuação é justamente sobre proposições individuais que são combinadas dentro da coerência comunicativa ou textual.

Entendendo a gramática como um código comunicativo que serve de instrumento para a codificação lingüística, Givón (1993:25-6) reagrupa os domínios acima definidos em dois grandes domínios funcionais codificados pela gramática: o domínio da informação proposicional na oração e o domínio da coerência discursiva da oração situada em seu contexto discursivo. A maior porção de componentes da sintaxe é usada primariamente para codificar a pragmática-discursiva da oração – sua função comunicativa, sua coerência com o texto ou seu contexto discursivo.

A partir das considerações que vêm sendo feitas, percebe-se que nesta abordagem a gramática não é um conjunto rígido de regras que podem ser colocadas em certa ordem de modo a produzir sentenças gramaticais, mas sim um conjunto de estratégias que são empregadas em seqüência para produzir comunicação coerente (cf. Givón, 1993:1-2). Isto não significa que regras não existam, porém deve-se atentar para o fato de que não são arbitrárias<sup>44</sup>, pois a linguagem humana consiste em um instrumento destinado a codificar e comunicar a informação e, como outros instrumentos, sua estrutura não está dissociada de sua função.

Combinando certos avanços teóricos da gramática formal com os avanços da sociolingüística e da etnografia da comunicação, a gramática funcional analisa a estrutura gramatical – como faz a gramática formal e estrutural –, mas, além disso, também analisa a situação comunicativa inteira: o propósito do evento de fala, seus participantes, seu contexto discursivo (cf. Nichols, 1984:97-98).

Um elenco de princípios (cf. Givón, 1995:9), válidos até certo ponto e dentro de contextos bem definidos, pode traduzir tudo aquilo que vimos dizendo a respeito da visão do funcionalismo lingüístico sobre língua, linguagem, gramática e

---

<sup>44</sup> Ao defender que as regras da gramática não são arbitrárias, Givón (1993:4) não está afirmando que existe somente um modo universal de codificar gramaticalmente uma determinada função comunicativa.

mudança. Estes princípios podem estar em competição entre si, interagindo um com o outro, a fim de fazer funcionar o complexo sistema de representação e comunicação que é a linguagem humana:

- ❑ A linguagem é uma atividade sócio-cultural
- ❑ A estrutura lingüística serve a funções cognitivas ou comunicativas
- ❑ A estrutura é não-arbitrária, motivada, icônica
- ❑ A mudança e a variação estão sempre presentes
- ❑ O significado é dependente do contexto
- ❑ As categorias são não-discretas
- ❑ A estrutura é maleável, não rígida
- ❑ A gramática é emergente
- ❑ As regras da gramática permitem alguma flexibilidade

Além destes princípios mais gerais, Givón (1995:28) ainda elabora o Princípio da Marcação, que se verifica através de três critérios e prevê que as categorias cognitivamente mais marcadas (ou mais complexas) costumam ser também estruturalmente mais marcadas:

- ❑ Complexidade estrutural: a estrutura marcada tende a ser mais complexa (ou maior) que a correspondente não marcada;
- ❑ Distribuição de frequência: a categoria marcada tende a ser menos freqüente, portanto mais saliente cognitivamente, que a correspondente não marcada;
- ❑ Complexidade cognitiva: a categoria marcada tende a ser cognitivamente mais complexa – em termos de esforço mental, demanda de atenção ou tempo de processamento, que a não marcada (cf. Givón, 1995:28).

Acreditamos que este princípio possa ser aplicado a cada um dos itens em análise, fornecendo-nos uma relação escalar entre os mesmos, que podem justificar muitas de suas diferenças comportamentais.

Adotamos o aparato teórico funcionalista para lidar com itens como *sabe?* *entende?* e *não tem?*, por acreditarmos que os aspectos variáveis das línguas podem contribuir para as mudanças lingüísticas, já que a gramática é dinâmica e emergente.

Além disso, como também estamos interessados em reconstruir a trajetória desses elementos discursivos – assumindo novas funções durante o percurso e modificando seu estatuto categorial –, é fundamental podermos contar com uma teoria que vincule a constituição de significados e funções ao contexto no qual as formas se encontram e que considere as categorias lingüísticas como graduais e flexíveis, ao invés

de discretas, pois, como vimos no capítulo anterior, existe uma grande recorrência de sobreposição de funções quando estamos lidando com itens no *continuum* da mudança.

### 1.1 Processos de mudança lingüística: gramaticalização e discursivização

Durante as duas últimas décadas, as discussões a respeito dos processos e mecanismos que envolvem mudanças lingüísticas têm sido intensas. Vários estudos, como os de Heine *et al.*(1991), Traugott e Heine (1991), Hopper e Traugott (1993), Vincent *et al.* (1993), entre outros, têm tratado destes processos e das unidades que passam por eles, procurando estabelecer as características dos tipos de mudança e os mecanismos que atuam para que ela ocorra.

Assumimos, *a priori*, que gramaticalização e discursivização são dois processos especiais de mudança lingüística que ocorrem em níveis diferentes e determinam a natureza funcional das unidades que passam por um ou por outro processo.

Acredita-se que o termo gramaticalização<sup>45</sup> tenha sido cunhado por Antoine Meillet, que define o processo como *a passagem de um item autônomo para um papel de elemento gramatical*<sup>46</sup> (cf. Meillet, 1965:131 [1912])<sup>47</sup>. Neste sentido, segundo Heine *et al.* (1991:2):

Quando uma unidade ou estrutura lexical assume uma função gramatical, ou quando uma unidade gramatical assume uma função mais gramatical, nós a

---

<sup>45</sup> Alguns outros usam como sinônimos ou quase sinônimos do termo *gramaticalização*: reanálise, sintaticização, descoramento semântico, desbotamento semântico, enfraquecimento semântico, condensação, redução, subdução, gramaticização, gramatização (cf. Heine *et al.*, 1991:3).

<sup>46</sup> Todas as traduções de citações são de minha inteira responsabilidade.

<sup>47</sup> Várias outras definições foram propostas além daquela de Meillet para o processo de *gramaticalização*: Kurylowicz (1975:52 [1965] *apud* Heine *et al.*, 1991) afirma que a gramaticalização consiste na expansão dos limites de um morfema que passa a avançar de um status lexical para um gramatical ou de um status menos gramatical para um outro mais gramatical. Esta definição é adotada por Heine *et al.* (1991) como vemos na seqüência do texto.

Heine e Reh (1984:15 *apud* Heine *et al.*, 1991) entendem como gramaticalização o processo ou evolução em que unidades lingüísticas perdem em complexidade semântica, significação pragmática, liberdade sintática e substância fonética, respectivamente. É o caso, por exemplo, quando um item lexical se desenvolve em marcador gramatical.

Para Sankoff (1988:17 *apud* Heine *et al.*, 1991) ocorre gramaticalização quando *palavras de conteúdo ou morfemas de classes abertas da língua tornam-se palavras funcionais, ou morfemas de classes fechadas*. De qualquer modo, observa-se que em todas as definições persiste a idéia comum de um direcionamento do léxico para a gramática.

relacionamos com gramaticalização, um processo que pode ser encontrado em todas as línguas conhecidas por nós e que envolve algum tipo de função gramatical.<sup>48</sup>

Para poder identificar melhor os diferentes estágios da gramaticalização e a emergência de novas construções gramaticais, Hopper (1991:22) sugere cinco princípios<sup>49</sup> que, apesar de não se aplicarem especificamente à gramaticalização, pois se aplicam também a outros tipos de mudança, podem contribuir para a caracterização deste processo, especialmente em sua fase inicial:

- ❑ Camadas (*Layering*): em um domínio funcional, novas camadas estão constantemente emergindo e podem coexistir e interagir com as camadas mais velhas, que não necessariamente desaparecem.
- ❑ Divergência (*Divergence*): quando uma unidade lexical se gramaticaliza como um clítico ou afixo, a forma lexical original pode permanecer como um elemento autônomo e passar a sofrer as mesmas mudanças que os itens lexicais ordinários.
- ❑ Especialização (*Specialization*): em um domínio funcional, uma variedade de formas com diferentes nuances semânticas pode ser possível num dado estágio; quando a gramaticalização toma seu lugar, esta variedade de escolhas diminui e um número menor de formas selecionadas assume significados gramaticais mais gerais.
- ❑ Persistência (*Persistence*): quando uma forma sofre gramaticalização e passa de uma função lexical a uma gramatical, alguns traços de seu significado lexical tendem a aderir a ela e detalhes de sua história lexical podem se refletir sob a forma de restrições sobre sua distribuição gramatical.
- ❑ Decategorização (*De-categorization*): formas em gramaticalização tendem a perder ou neutralizar marcas morfológicas e privilégios sintáticos característicos das categorias plenas, nome e verbo, e a assumir propriedades características de categorias secundárias, tais como adjetivo, particípio, preposição, etc.

Por acreditarem que muitos itens em mudança não são recobertos pela gramaticalização, Vincent *et al.* (1993:73) propõem um outro processo, a pós-gramaticalização, que ocorreria quando uma unidade lexical ou gramatical assumisse uma função não-gramatical, deixando de obedecer a restrições sintáticas e passando a cumprir restrições pragmáticas e interativas.<sup>50</sup>

Ao invés de utilizarmos o termo *pós-gramaticalização*, denominamos este processo de *discursivização*, seguindo a sugestão de Martelotta *et al.* (1996:59-60), uma

---

<sup>48</sup> Um exemplo deste tipo de processo em língua portuguesa seria o percurso do verbo IR, tratado por Gibbon (2000), que de verbo pleno com sentido físico de trajetória passa a atuar como auxiliar de tempo futuro e marcar aspecto verbal.

<sup>49</sup> Voltamos a falar de princípios no capítulo VII, quando são aplicados dentro do quadro de mudança dos itens em estudo.

<sup>50</sup> Como exemplo deste processo, podemos citar o marcador discursivo *né?*, observado por Martelotta e Alcântara (1996), que resulta da contração da partícula de negação e do verbo *ser* na terceira pessoa do singular. Este item exerce desde funções pragmático-interativas, responsáveis pela manutenção do canal comunicativo, até funções de planejamento verbal.

vez que a partícula *pós* poderia dar a entender que, para se discursivizar, o item deve ter se gramaticalizado anteriormente, o que nem sempre é verdade<sup>51</sup>.

Para tornar mais operacional a identificação das formas em gramaticalização, Heine e Reh (1984:67) enumeram algumas características assumidas pelas unidades que avançam neste processo. Sendo assim, quanto mais uma unidade se gramaticaliza, mais ela: a) perde complexidade semântica, significado funcional, valor expressivo, significação pragmática e substância fonética; b) ganha significação sintática; c) reduz o número dos membros de seu paradigma e sua variabilidade sintática; d) tende a tornar seu uso obrigatório em certos contextos e agramatical em outros e a se fundir com outras unidades.

De maneira bastante diferente e muitas vezes até inversa, segundo Vincent *et al.* (1993:80), quanto mais uma unidade avança no processo de discursivização, mais ela: a) perde complexidade semântica e significação sintática; b) ganha significação pragmática; c) se distingue das outras unidades que continuam a ser gramaticais pela sua entonação e posição na frase; d) tende a desenvolver um uso opcional e diversifica suas posições na frase.

Para visualizar comparativamente as características dos dois processos, organizamos o quadro abaixo:

<b>Gramaticalização</b>	<b>Discursivização</b>
Ganha significação sintática	Perde significação sintática
Perde complexidade semântica	Perde complexidade semântica
Perde significação pragmática	Ganha significação pragmática
Tende a tornar seu uso obrigatório em certos contextos e agramatical em outros	Tende a desenvolver um uso opcional
Se funde com outras unidades e se fixa em uma posição	Diversifica suas posições na frase
_____	Se distingue das outras unidades que continuam a ser gramaticais pela sua entonação e posição na frase
Reduz o número dos membros de seu paradigma e sua variabilidade sintática	_____
Perde significação funcional, valor expressivo, e substância fonética	_____

<sup>51</sup> Segundo Martelotta e Alcântara (1996), o *né?* ilustra este caso, já que migrou diretamente do léxico para o discurso.

---

Quadro 2: As características dos processos de gramaticalização (cf. Heine e Reh, 1984:67) e discursivização (cf. Vincent *et al.*, 1993:80)

Os itens que entram em qualquer um dos dois processos, exibindo algumas ou todas as características dadas acima, seguem uma certa trajetória<sup>52</sup> de mudança.

Uma das idéias de trajetória, talvez a mais identificada com o processo de gramaticalização, é a instaurada por Meillet (1965:131 [1912]), como vimos no início desta seção, e compartilhada por Kurylowicz (1975:52 [1965] *apud* Heine *et al.*, 1991), que considera a mudança de itens lexicais ou menos lexicais para itens mais gramaticais:

#### Léxico Gramática

Focalizando a idéia de trajetória lingüística, Givón (1979 *apud* Heine *et al.*, 1991:13) cria o conhecido slogan *a morfologia de hoje é a sintaxe de ontem*, referindo-se ao caráter cíclico e evolutivo da gramática, de onde Heine *et al.* derivam a idéia de que *a sintaxe de hoje é a pragmática-discursiva de ontem*. Neste sentido, ainda segundo Givón, a gramaticalização envolve itens em um processo cíclico e unidirecional que faz com que um modo mais pragmático de comunicação dê lugar a um modo mais sintático:

Discurso > sintaxe > morfologia > morfofonêmica > zero

Além destas, uma outra proposta para dar conta dos possíveis caminhos dos itens em mudança é de Heine *et al.* (1991:217), que sugerem o seguinte percurso de gramaticalização:

persona objeto atividade espaço tempo qualidade

Enquanto as idéias de trajetória propostas por Meillet (1965 [1912]) e Givón (1979 *apud* Heine *et al.*, 1991) se aproximam, por considerarem a mudança em termos categoriais, a trajetória formulada por Heine *et al.* (1991) se distancia das demais, pois

---

<sup>52</sup> A idéia subjacente às trajetórias de itens no processo de gramaticalização é a de unidirecionalidade. Conforme Traugott e Heine (1991:4-6), um tipo de unidirecionalidade associada à gramaticalização é o crescimento da abstratização. Um outro tipo de unidirecionalidade seria o fortalecimento da vinculação, quando, por exemplo, num nível de sentenças independentes essas são combinadas e uma cadeia pode se desenvolver de sentenças independentes para algum tipo de justaposição livre e, ao invés de coordenação, passar a envolver subordinação. A própria direção que conceitualiza o processo de gramaticalização – do léxico para a gramática – é entendida como unidirecional, não sendo possível a ocorrência de itens que iriam da gramática para o léxico.

nela os itens sofrem mudança semântica em seu significado lexical na direção concreto abstrato e, não necessariamente, mudam de categoria.

Um elemento adicional é incorporado por Vincent *et al* (1993:75) à caracterização de trajetória, ao afirmarem que, tanto no processo de gramaticalização, quanto no de discursivização, os significados migram de funções mais concretas e mais dêiticas para funções mais abstratas e relacionais.

Podemos fazer a ressalva de que, apesar dos dois processos refletirem o sentido concreto-abstrato, os mecanismos que impulsionam a mudança e as características adquiridas à medida que cada um dos processos avança são diferentes. Segundo a proposta dos autores, as unidades em gramaticalização tornam-se mais abstratas porque perdem significado semântico-lexical e adquirem valor sintático, já no processo de discursivização, as unidades perderiam significado semântico-lexical, adquirindo valor pragmático-discursivo.

### 1.1.1 Os limites e a pertinência de dois processos

Recentemente, o papel de elementos que, a princípio, se afirmava estarem passando pelo processo de discursivização, está sendo revisto, como é o caso dos marcadores discursivos que têm sido analisados sob a ótica da gramaticalização.

Traugott (1995) procura verificar que lugar o desenvolvimento de marcadores discursivos ocupa em uma teoria da gramaticalização, especialmente no que se refere à unidirecionalidade da gramaticalização. A autora selecionou três destes elementos, *indeed*, *in fact* e *besides*, com o objetivo de defender a posição de que também este tipo de item poderia ser tratado dentro do paradigma da gramaticalização, postulando que a cadeia *cláusula adverbial interna* > *sentença adverbial* > *partícula discursiva* (percurso proposto para os itens em questão) também faz parte do inventário das cadeias de gramaticalização. Para tanto, a autora (1995:7) adota uma visão alargada de gramática que engloba, além de fonologia, morfossintaxe e semântica, também certos aspectos comunicativos da linguagem, inferências que surgem da forma lingüística (como topicalização e dêixis), excluindo somente certos aspectos pragmáticos que incluem conhecimento enciclopédico<sup>53</sup>. Desta forma, a partir desta visão de gramática, a própria definição de gramaticalização é ampliada:

---

<sup>53</sup> Observa-se que a visão de gramática de Traugott é compatível com a de Givón (1993:1-2), que dá lugar de destaque para a pragmática (cf. seção 1 deste capítulo).

Gramaticalização é o processo pelo qual um item lexical, impulsionado por um certo contexto pragmático e morfossintático, torna-se gramatical (Traugott, 1995:1).

Traugott tece uma série de considerações em defesa de sua proposta, que podem ser assim resumidas: a) em relação à hipótese da unidirecionalidade (supostamente invalidada pelo comportamento dos marcadores discursivos) – a autora mostra que os itens estudados por ela passam, em seu percurso de mudança, a atuar como conectores, assumindo, portanto, função mais gramatical que antes, não ferindo a unidirecionalidade (1995:2); b) em relação à acréscimo de valor pragmático (o que contraria uma das propriedades postuladas por Heine e Reh (1984) – segundo a qual as unidades em gramaticalização perderiam significado pragmático) – Traugott postula que, ao menos nos primeiros estágios de gramaticalização, pode ocorrer um fortalecimento pragmático, principalmente da expressão do envolvimento do falante (atitudes e crenças) (1988:407), o que implicaria, então, um crescimento da função pragmática e da subjetificação; c) em relação a outras características tidas como típicas da gramaticalização – os itens analisados pela autora obedecem aos seguintes aspectos: decategorização, vinculação com o sintagma, redução fonológica, generalização de significado e, mesmo violando os critérios que dizem respeito ao escopo sintático e à disjunção, não constituem um problema para a autora (1995:19-20).

Em suma, para Traugott (1995:21):

O desenvolvimento de *indeed*, *in fact* e *besides* é consistente com a gramaticalização prototípica em seus primeiros estágios e existem muito mais motivos para tratá-los dentro deste processo do que fora dele, pois isto implicaria obscurecer suas similaridades com as cadeias mais canônicas.

Como percebemos, os itens analisados pela autora podem ser abordados sob este novo conceito de gramaticalização, já que assumem funções de conexão e organização textual, que são mais gramaticais. Porém, não nos parece claro se os itens analisados por nós se situam ou não dentro deste processo.

É importante observar que Traugott adota a mesma concepção de Schiffrin (1987:63), para quem marcadores discursivos são elementos que atuam no nível da coerência discursiva<sup>54</sup>. Entretanto, o que entendemos por coerência discursiva é muito

---

<sup>54</sup> Schiffrin (1987:65), inclusive, se pergunta se marcadores como *and*, *now*, de um lado, e *Y'know*, de outro, podem ser colocados juntos sob o rótulo de marcadores ou se devem ser vistos em contraste, concluindo que, em prol da macro-função da coerência discursiva, as diferenças, consideradas pequenas podem ser temporariamente esquecidas.

amplo, vislumbrando-se pelo menos dois campos relativamente distintos recobertos por este termo: o campo das relações textuais e o campo das relações entre o discurso e os indivíduos<sup>55</sup>. Assim, cremos ser pertinente separar os marcadores que atuam no nível mais textual, exercendo funções de conexão, seqüenciação – como é o caso de *indeed*, *in fact* e *besides* – daqueles que estão mais voltados para o nível extratextual (embora também possam atuar no nível textual), exercendo funções no processamento cognitivo, na interação entre interlocutores, na verificação do canal comunicativo – como ocorre com *sabe? entende? e não tem?*.

Para verificar melhor se, portanto, os itens investigados podem ser explicados via gramaticalização, algumas questões devem ser levantadas para serem discutidas mais adiante, no último capítulo desta dissertação:

- Que tipo de fortalecimento pragmático ocorre durante o processo de mudança de itens como *sabe? entende? e não tem?* ?
- Dado o tipo de fortalecimento pragmático detectado, estes itens podem ser inseridos na gramática, no sentido alargado proposto por Traugott?

A partir das considerações feitas nesta seção, verificamos que o leque de itens que podem ser descritos sob o paradigma da gramaticalização torna-se bastante grande, podendo ser explicadas por esta via, desde mudanças de verbo pleno a auxiliar, até mudanças de verbos plenos a itens discursivos. Isto, apesar de restringir bastante a atuação de um processo de discursivização, não necessariamente invalida sua postulação, já que mudanças como de um item discursivo a um marcador de planejamento verbal, função que envolve relações cognitivas de processamento mental, podem não estar recobertas pela gramaticalização.

### 1.1.2 As funções da linguagem e a gramaticalização

Segundo Thompson (1996:27-8) cada uma das três diferentes funções da linguagem – experiencial, interpessoal e textual – inicialmente propostas por Halliday e Hasan (1976) – dá igualmente sua parcela de contribuição para o significado da

---

<sup>55</sup> Esta divisão é feita também por Martelotta (1998:64) quando distingue entre os operadores argumentativos, que estariam exercendo funções no nível textual, e os marcadores discursivos, que estariam atuando fora do nível textual.

mensagem como um todo e cada uma das três é tipicamente expressa por diferentes aspectos da palavra inserida em seu contexto. São elas:

- ❑ Experiencial<sup>56</sup>: a língua é usada para expor nossas experiências sobre o mundo e para falar sobre eventos, estados e entidades envolvidas nele, incluindo o nosso mundo interno, mental.
- ❑ Interpessoal: a língua é usada para interagir com as outras pessoas, estabelecer e manter relações com elas, influenciar sua conduta, expressar nosso ponto de vista sobre as coisas e concluir ou mudar a opinião delas.
- ❑ Textual: a língua é usada para organizar nossas mensagens indicando como elas se ajustam com as outras mensagens ao redor delas e com o contexto maior em que falamos ou escrevemos.

Na Gramática Funcional de Halliday, estas três funções podem ser veiculadas por qualquer elemento lingüístico e se manifestam simultaneamente. Porém, podemos pensar que, apesar das três funções estarem sempre presentes em todo item lingüístico, em alguns contextos uma delas pode ser mais evidenciada que as outras e, a partir do momento em que ocorre uma mudança no contexto no qual o item se insere, pode haver também uma mudança na relação entre as três funções, sendo que aquela que era mais evidente no primeiro contexto pode vir a ser coadjuvante no segundo, enquanto uma das outras duas toma o lugar de destaque.

Com base nesta idéia de que uma certa função da linguagem pode ser privilegiada em um determinado contexto e que a mudança do contexto pode afetar a escolha da função a ser evidenciada, tem-se tentado colocar as três funções em uma escala que apontaria a direção dos itens em processo de gramaticalização e refletiria o quão gramaticalizado o item se encontra.

Traugott (1982, *apud* Traugott e König, 1991:189) foi uma das primeiras a propor uma escala para as três funções da linguagem, baseada nos princípios da inferenciação: proposicional<sup>57</sup> (>textual) > expressivo, sugerindo que nas mudanças via gramaticalização exista uma passagem do componente proposicional via o textual para o expressivo, ou diretamente do componente proposicional para o expressivo.

---

<sup>56</sup> Também chamada de ideacional ou proposicional.

<sup>57</sup> O termo *proposicional* é usado pela autora equivalentemente ao termo *experiencial* (proposto por Thompson, 1996) e ao termo *ideacional* (proposto por Halliday e Hasan, 1976), referindo-se à experiência do falante no mundo – real ou interno de sua mente.

Heine *et al.* (1991:190-1) concordam com a direção ideacional > textual nas mudanças via gramaticalização, mas problematizam o lugar da função interpessoal nesta trajetória, pois *expressivo* não é equivalente a *interpessoal*, abarcando somente a atitude/crença do falante sobre o que é dito e diminuindo o caráter interativo que também faz parte da função *interpessoal*, tal qual definida por Halliday e Hasan (1976).

Segundo Heine *et al.*, Traugott propõe que a função textual seja adquirida antes da expressiva porque está considerando somente o componente de interpessoalidade voltado para o falante. Entretanto, quando, por outro lado, considera-se o componente de interpessoalidade voltado para o ouvinte, emerge uma nova possibilidade de escala para as funções: ideacional > interpessoal > textual. O autor então propõe, para as mudanças via gramaticalização, um caminho que vai do ideacional via interpessoal (com componente de interação com o ouvinte) para o textual.

Para os autores, uma das principais evidências do desenvolvimento da função interpessoal orientada para o ouvinte para a função textual vem de exemplos envolvendo itens ativadores de estruturas interrogativas (como *quem?* ou *o que?*) que passam a atuar como pronomes relativos dentro de estruturas subordinadas (Carlos revelou quem vai chegar).

Não abordamos neste capítulo esta questão em relação aos itens em estudo. Porém, lançamos a hipótese de que estes itens, provenientes de verbos plenos, teriam o traço ideacional mais evidente nesta fase, mas, inseridos em construções interrogativas, estes verbos teriam sua função interpessoal enfatizada e continuam mantendo esta característica interpessoal também durante sua atuação como RADs, até que, em contextos relacionais, o item parece diminuir sua curva entonacional, deixando de ter a função interpessoal como central e podendo estar em vias de assumir traços mais textuais.

### **1.1.3 Processos metafóricos e metonímicos**

Um dos pontos mais divergentes nas discussões sobre o desenvolvimento de itens no processo de gramaticalização diz respeito ao lugar ocupado pela metáfora e pela metonímia, às fronteiras entre estes dois processos semântico-pragmáticos e sua relação na delimitação de dois tipos de mudança via gramaticalização – a mudança no significado e a mudança categorial.

A mudança no significado pode ser vista especialmente como mudanças de domínios de sentido: pessoa objeto atividade espaço tempo qualidade (cf. Heine *et al.*, 1991); já a mudança categorial é comumente relacionada à idéia de reanálise gramatical, quando um item muda suas fronteiras e passa a atuar como outra categoria gramatical.

Conforme Traugott e König (1991), existem dois diferentes tipos de inferência envolvidos nos processos de gramaticalização. Um deles é a metáfora, que é dominante no desenvolvimento de marcadores espaciais para marcadores temporais (*before, after*) e é correlacionada com mudanças de sentidos situados externamente à situação descrita para sentidos situados internamente na situação avaliativa, perceptual, cognitiva e na situação textual. Contudo, para os autores, no domínio do desenvolvimento de conectivos (*since* de temporal para causal), de partículas escalares (*mere, just*) ou de evidenciais (*I heard that he left > I hear he left*), está envolvido um processo diferente, especificamente um fortalecimento da informatividade, o qual pode ser analisado como um tipo de metonímia, correlacionada com mudança de sentidos situados na crença subjetiva do falante ou na atitude dele diante da situação.

Heine *et al.* (1991:204-10) elevam o processo metafórico a uma importante posição de estruturação não só dentro das mudanças de significado, mas também nas mudanças categoriais, atribuindo à metáfora o poder de pairar sobre todos os domínios da categorização humana, funcionando como estratégia de estruturação de experiências – que se direcionam do concreto > o abstrato – tanto no mundo real ou mental, quanto no discurso e também estendida para a forma gramatical.

Percebemos, através das considerações feitas pelos autores supra-citados, que o processo metafórico tem sido considerado como o maior fator na mudança semântica, conforme Traugott (1988:407). Segundo a autora, a metaforização tem sido reconhecida primariamente na mudança lexical, porém, recentemente, muitos argumentos têm sido sustentados no sentido de associar também a mudança via gramaticalização a um processo metafórico.

Entretanto, a visão de Bybee *et al.* (1994:296) vai em uma direção oposta ao espraiamento metafórico. Os autores acreditam que a metáfora seja restrita aos estágios iniciais de mudança, sendo que nos estágios mais abstratos, que envolvem mudança categorial, ocorreria um processo metonímico.

Creemos que o processo de metaforização possa ocorrer tanto nos casos de mudança de significado como nos casos de mudança categorial, no sentido alargado de

que estaríamos, mesmo dentro de categorias gramaticais, indo em direção a categorias mais abstratas – de verbos > auxiliares marcadores de tempo > afixos marcadores de tempo (cf. Heine *et al.*, 1991). Todavia, o desenvolvimento de processos metonímicos parece ter seu lugar somente quando a mudança envolvida é categorial (cf. Castilho, 1997).

## 2. A Teoria da Variação

Segundo Labov (1972:xviii), o objeto da Sociolingüística Variacionista<sup>58</sup> é a língua usada por uma determinada comunidade de fala em situação natural de interação, ou seja, nas conversas em família, no bar, nas praias. Nesta teoria, a língua é entendida como veículo de comunicação entre indivíduos e observada em seus vários contextos sociais, constituindo-se não como resultado de regras prontas, mas como um fenômeno sujeito a variações e mudanças, que são provocadas também pela atuação dos falantes<sup>59</sup>.

Nesta concepção, o uso da língua pelos falantes é muito mais do que o reflexo da distribuição de fenômenos variáveis, podendo ser entendido, até mesmo, como causa da própria existência da regra variável, definida por Tarallo (1985:6) como conjunto de formas lingüísticas alternantes – também denominadas *variantes* – que representam *as diversas maneiras de dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade*, dando-se a este conjunto de variantes o nome de *variável lingüística*.

Ocorre que o papel que antes era exercido por uma forma *x* pode passar a ser exercido pelas formas *x* e *y*, pois, dada a atuação de condicionamentos lingüísticos e sociais, a forma *y* passa a exercer o papel que antes era exercido unicamente por *x*. Deve-se ressaltar, porém, que não é necessário que ocorra mudança para que haja variação, pois, *nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura lingüística*

---

<sup>58</sup> A Teoria da Variação e Mudança passou a ser conhecida também como Sociolingüística Variacionista, contando com resultados percentuais e probabilísticos como subsídios para análises lingüísticas.

<sup>59</sup> Labov (1972:251-2) afirma que, quando atribuímos aos fatores sociais um lugar na evolução lingüística, não devemos esquecer o grau de contato ou sobreposição entre valores sociais e estruturas da língua. De qualquer modo, é preferível que aprendamos a lidar com estas possíveis sobreposições do que marginalizarmos a atuação de fatores sociais que motivam a mudança lingüística.

*envolve mudança, mas toda mudança envolve variabilidade e heterogeneidade* (Weinreich, Labov e Herzog, 1968:188).

Para a observação da mudança lingüística subjacente a fenômenos variáveis, Labov (1994) aponta duas possibilidades: a) mudança em tempo real: verificada através da comparação entre dados de fala atuais e de outras épocas (décadas, anos atrás) ; b) mudança em tempo aparente: percebida pelo confronto do uso do fenômeno em estudo entre as diferentes gerações (jovens, adultos, idosos).

As primeiras pesquisas de Labov sobre Variação Lingüística iniciam no âmbito da fonologia, verificando a variação entre dois ou mais alofones para a representação do mesmo fonema, ou seja, a referência a uma mesma coisa em um mesmo contexto. Mais tarde, juntos Weiner e Labov (1983, [1978]), em um estudo quantitativo sobre as estruturas passivas e ativas no inglês, ampliam<sup>60</sup> a aplicação da metodologia de pesquisa variacionista para níveis além da fonologia. A diferença entre os resultados obtidos nas primeiras pesquisas e aqueles observados nesta está ligada, principalmente, aos grupos de fatores sociais, já que para este fenômeno os autores verificaram que a variação não é socialmente condicionada, somente lingüisticamente<sup>61</sup>.

Os resultados da pesquisa de Weiner e Labov (1983 [1978]) não passam despercebidos, instaurando um problema para aqueles que acreditavam na Teoria da Variação como aparato para lidar com condicionamentos sociais atuantes sobre fenômenos lingüísticos.

A partir disso, Lavandera (1978) inicia um acirrado debate, defendendo a impossibilidade se estender a análise variacionista para além da fonologia, por falta de uma teoria coesa do significado (p. 171). Os dois principais argumentos explorados pela autora dizem respeito à dificuldade de se respeitar a exigência de mesmo significado e de mesmo contexto para as formas em variação. Lavandera questiona: a) Como podem duas formas sintáticas veicular o mesmo significado? b) O que deve ser entendido como significado? c) Fortes diferenças estilísticas não seriam um indício de que cada forma é especializada em um contexto?

---

<sup>60</sup> Ampliam também a idéia de regra variável, pois no caso de variações no nível da estrutura da sentença a *mesma coisa* passa a ser o mesmo valor de verdade das sentenças em variação, *referindo o mesmo estado de coisas* (cf. Weiner e Labov, 1983:33-9).

<sup>61</sup> Os autores observam que a variação entre as estruturas passivas e ativas no inglês é apenas superficialmente condicionada por fatores sociais (a influência dos fatores sociais recai sobre a escolha do auxiliar *be* ou *get* a ser usado e não sobre a escolha de uma estrutura em detrimento da outra). Isto implica uma revisão no forte papel dos fatores sociais como responsáveis pelas mudanças lingüísticas, pois, neste caso, o que provoca a variação são fatores de ordem interna que dizem respeito à estrutura e funcionamento da gramática (cf. Weiner e Labov, 1983:54-56).

Lavandera, depois de levantar várias questões, para as quais não encontrou respostas no texto de Weiner e Labov, conclui que o fenômeno da passiva não constitui uma variável *sociolingüística*, porque, além das restrições quanto a significado e contexto, o comportamento da candidata a variável não é condicionado por fatores sociais, propondo que esta seja considerada somente uma variável lingüística (p. 176-8).

Em resposta às críticas de Lavandera, Labov (1978) ressalta que o objetivo inicial dos estudos em variação, realmente, era descobrir as motivações sociais das mudanças em termos de sons, porém a análise tem o intuito bem maior de poder também contribuir para o estudo da gramática e das operações cognitivas, mesmo contando somente com restrições lingüísticas. Labov também lembra que a regra variável consiste em duas ou mais formas que representam *o mesmo estado de coisas*, atuando no mesmo contexto, e esclarece que o valor de verdade de uma sentença pode sim ser parâmetro para se avaliar este mesmo estado.

O impasse, no caso das variáveis sintáticas, parece ter sido resolvido dentro da teoria. Mas como devemos lidar com variáveis discursivas? A ‘mesma função’ quer dizer ‘mesmo significado’? Quando lidamos com unidades discursivas é ainda mais difícil delimitar a regra variável, pois, neste caso, aquilo que mais se assemelha à noção de ‘significado’ é o que chamamos de função discursiva.

Nichols (1984:98-100) enfatiza o caráter polissêmico do termo função, que abarca, entre outras quatro possibilidades<sup>62</sup>, a função/significado. Assim, se a função pode ser entendida como significado e se isto remete ao *mesmo estado de coisas*, podemos tratar os RADs dentro da teoria da variação? A resposta a esta indagação é, no mínimo, discutível. Por um lado, elementos de natureza discursiva podem desempenhar funções que podem ser hierarquicamente (re)agrupadas, podendo-se identificar níveis como *subfunção*, *função* e *macrofunção*, para uma mesma forma. Por outro lado, o caráter *continuum* atribuído à mudança dificulta a delimitação de funções. Tais peculiaridades dos itens discutidos tornam árdua a tarefa de recortar regra(s) variável(eis), levando em consideração as condições dadas por Labov (1978).

## 2.1 O tratamento de itens discursivos na Teoria da Variação e Mudança

---

<sup>62</sup> 1) função/interdependência: semelhante ao sentido matemático do termo; 2) função/fim(objetivo): os falantes usam a língua com um certo fim; 3) função/contexto: língua como reflexo do contexto do ato de

Ainda são poucos os pesquisadores que se dispõem a tratar itens discursivos dentro da metodologia da Teoria da Variação proposta por Labov (1972), talvez porque estes elementos sejam impregnados de noções pré-teóricas como *intenção do falante*, *efeito sobre o ouvinte*, *estratégia*, *carga discursiva* e também porque atuam em contextos muito extensos (cf. Lavandera 1984, *apud* Castilho 1989:255).

Outro fator que restringe a execução de mais estudos com a utilização desta metodologia provavelmente seja a dificuldade de se estabelecer uma igualdade funcional, que corresponderia ao mesmo significado, entre itens como *sabe?* e *entende?*, carregados com uma multiplicidade funcional muito grande e com matizes distintos, derivados de seus significados lexicais originais.

Macedo e Silva (1996) realizam uma das poucas pesquisas no Brasil, tratando os RADs sob a perspectiva variacionista, contando com um *corpus* de 64 entrevistas da “Amostra Censo” e controlando as variáveis sociais (sexo, idade e escolaridade) e lingüísticas (gênero discursivo, subjetividade do assunto, status informacional, tamanho do contexto, presença de estímulos e posição).

Outro trabalho pioneiro é o de Sankoff *et al.* (1997), que observam o uso variável de marcadores discursivos (como *bien*, *bon*, *tu sais*, *you know*, *etc...*) em uma situação de línguas em contato, através da análise de entrevistas com jovens nativos de Montreal, falantes de inglês. O objetivo da pesquisa era verificar em que medida falantes nativos de língua francesa, quando falando em inglês, faziam uso variado de marcadores das duas línguas.

Também Leitão e Martelotta (1998), apesar de não se utilizarem do arcabouço teórico da Teoria da Variação e Mudança, realizaram uma análise quantitativa com 93 informantes do *corpus* do Rio de Janeiro do Grupo Discurso & Gramática, com o objetivo de verificar as diferenças e semelhanças entre *sabe?* e *entende?*, contrapondo estes dois RADs em relação a duas variáveis *tipo de discurso* e *nível de escolaridade*. Esta é uma das únicas pesquisas a confrontar elementos do grupo dos RADs entre si.

Diante deste quadro, percebemos que os caminhos de itens discursivos dentro da perspectiva variacionista ainda devem ser trilhados e, portanto, a presente pesquisa constitui-se como uma contribuição para esta caminhada.

---

fala; 4) função/relação: a relação de um elemento estrutural com ou dentro de uma unidade estrutural de ordem mais alta; 5) função/significado: sentido mais alargado.

### 3. Variação e gramaticalização

A princípio, se pensarmos que sob a ótica da Teoria da Variação temos mais de uma forma para um mesmo significado e, por extensão, para a mesma função, e que nos processos de mudança por gramaticalização/discursivização podemos ter várias funções para uma mesma forma, pode nos parecer contraditória a união destas duas abordagens.

Como vimos na seção anterior, do ponto de vista da Teoria da Variação, *nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura lingüística envolve mudança, mas toda mudança envolve variabilidade e heterogeneidade* (cf. Weinreich, Labov e Herzog, 1968:188). Assim, percebemos que a variação de duas formas é vista como estopim para que se inicie o processo de mudança, de modo que uma das formas pode vir a desaparecer, ou a se especializar em determinadas funções, fazendo cessar a variação.

Por outro lado, como observa Tavares (1999:59), os trabalhos em gramaticalização/discursivização têm mostrado o contrário da visão variacionista, ou seja, a variação é ativada pela mudança. Várias pesquisas demonstram que, quando uma unidade entra em processo de mudança, adquire novas funções que, muito provavelmente, já eram exercidas por outras unidades, entrando, então, em competição com a(s) forma(s) já existente(s) e, portanto, em variação.

Diferentemente do que possa parecer à primeira vista, estes modos distintos de olhar para a mudança-variação-mudança não impossibilitam a correlação destas duas perspectivas teóricas, se assumirmos que:

dado o caráter cíclico da gramaticalização, parece não haver contradição em afirmar que a variação é ao mesmo tempo o ponto de partida e o ponto de chegada da mudança lingüística (Castilho, 1997:55).

Pode ocorrer, e observamos que realmente ocorre, que um item *x*, após ter passado por um processo de mudança, entre em disputa de espaço com um item *y*, tornando-se variantes na mesma função. Ainda pode ocorrer que este novo estado de variação impulse a mudança de *y* ou, novamente, de *x* e assim por diante. Em síntese, não existe uma precedência entre variação e mudança, ambas atuam em um ciclo

contínuo e gradual e *de acordo com essa perspectiva, portanto, os fenômenos de variação e mudança podem decorrer um do outro* (Tavares, 1999:60).

Podemos citar, como exemplo da associação das duas perspectivas, a pesquisa de Vincent *et al.* (1993:85-9), que reconstituem o processo de mudança via gramaticalização de *par exemple* e *mettons* no francês de Quebec. Enquanto *mettons* atua cada vez mais com função exemplificadora, *par exemple*, que antes era prototípico nesta função, adquire mais e mais função de oposição. Assim, vimos que, a partir de um processo de mudança, as duas formas *mettons* e *par exemple* entram em variação na função exemplar e esta variação pode ter provocado um outro processo de mudança, já que cada uma das formas parece estar se especializando em uma função. Temos, na figura 1<sup>63</sup>, a caracterização para tal fenômeno:

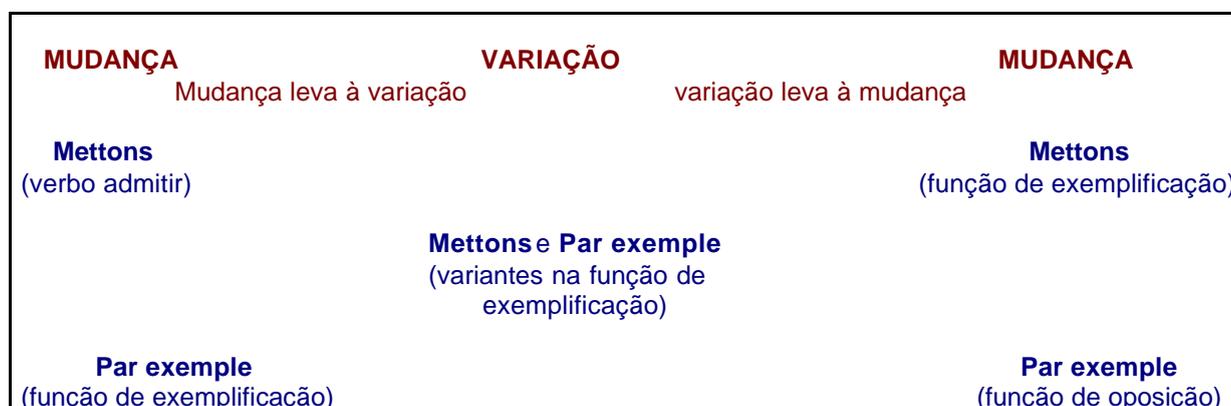


Figura 1: processo de mudança via gramaticalização de *par exemple* e *mettons* no francês de Quebec (cf. Vincent *et al.*, 1993:85-9)

Um outro exemplo é a pesquisa feita por Lichtenberk (1991:37-80), que trata da mudança funcional de alguns verbos de uma língua falada na Ilha de Malaita, o To'aba'ita. O autor analisa o processo de mudança de itens que, tendo perdido suas características verbais, passam a assumir funções principalmente preposicionais. Ao assumir função prepositiva, estes elementos entram em competição com as formas lingüísticas que já exerciam esta função e podem ser tratados pelo autor como variantes em uma função comum.

Com relação à associação de gramaticalização e variação, Lichtenberk acrescenta ainda que um elemento pode começar a perder as características de uma categoria A e assumir características de uma categoria B, disputando espaço com as outras formas desta categoria e, com seu estabelecimento, podendo até substituir as

formas velhas. O autor ressalta a importância dos resultados de frequência das formas em competição na indicação dos possíveis direcionamentos da mudança e comenta que as diferenças na frequência de uso das formas inovadoras, ao longo do tempo ou entre jovens e adultos, indicam que a mudança está em progresso e que sua atualização é gradual (op. cit., p. 39).

## CAPÍTULO III: OBJETIVOS, QUESTÕES E HIPÓTESES

A partir de questões abertas por trabalhos anteriores sobre o tema, como vimos no capítulo I, e com base nos postulados teóricos do capítulo anterior, elencamos os objetivos que guiam nosso trabalho e as questões e hipóteses que deles emergem.

### 1. OBJETIVOS

#### 1.1 Geral

- Descrever, utilizando a metodologia da Teoria da Variação, o uso variável dos Requisitos de Apoio Discursivo – *sabe? entende? e não tem?* – na fala de informantes florianopolitanos e sugerir, pela via dos estudos em gramaticalização e discursivização, uma possível trajetória de mudança lingüística que levou estes itens a exercerem funções equivalentes. Esperamos contribuir para a discussão e consolidação do uso associado da Teoria da Variação e das premissas do paradigma da Gramaticalização/Discursivização na descrição das origens e do comportamento de unidades pragmático-discursivas.

#### 1.2 Específicos

---

<sup>63</sup> Esta figura ilustrativa do processo de mudança de *par exemple* e *mettons* foi organizada por nós, a partir das descrições de Vincent *et al.* (1993).

### 1.2.1 Os RADs como fenômeno de variação

- ❑ Estabelecer e catalogar funções que *sabe? entende? e não tem?* veiculam nos diversos níveis do discurso oral, levando em conta o movimento bi-direcional destes itens.
- ❑ Averiguar se *sabe? entende? e não tem?* exercem as mesmas funções e se são intercambiáveis nos mesmos contextos lingüísticos, verificando se o conjunto destes itens constitui ou não uma regra variável.
- ❑ Detectar os fatores lingüísticos e sociais que condicionam os contextos de uso e a escolha de cada forma, prevendo possíveis especializações.

### 1.2.2 Os RADs na perspectiva da gramaticalização/discursivização

- ❑ Projetar, a partir de descrições a respeito do uso dos verbos de origem e dos resultados estatísticos obtidos por nós, as possíveis trajetórias de *sabe? entende? e não tem?*, recortando as etapas seguidas na mudança lingüística de *saber, entender e ter* e isolando os princípios que a impulsionam
- ❑ Aplicar o Princípio da Marcação (Givón, 1995) para inserir os itens em análise em uma escala do menos ao mais marcado, associando a disposição nesta escala com o estágio de gramaticalização de cada item.
- ❑ Verificar o que ocorre com o conteúdo lexical e com o estatuto gramatical dos itens no decorrer do percurso.
- ❑ Avaliar qual dos dois processos de mudança – gramaticalização e discursivização – é mais pertinente para explicar o fenômeno em estudo.

## 2. QUESTÕES E HIPÓTESES

Neste ponto do trabalho, são propostas as questões e hipóteses de natureza mais geral. As hipóteses específicas para cada grupo de fatores lingüístico e extralingüístico controlados são apresentadas no capítulo VII, juntamente com sua descrição e análise.

**a) Quais as funções dos RADs em estudo e como lidar com seus vários níveis de atuação?**

Com base nos estudos de Schiffrin (1987), Martelotta e Leitão (1996), Martelotta (1998) e numa análise preliminar de nossos dados, acreditamos que o leque de funções exercidas por estas unidades discursivas seja muito vasto e que se distribua basicamente em dois planos: no plano extratextual, da relação entre o falante e seu ouvinte, e no plano intratextual, da relação entre o falante e o seu próprio texto. É necessário delimitar estes planos, para que possamos, a partir do contexto das ocorrências, identificar as funções correspondentes a eles, porém já prevemos que no plano extratextual pouco podemos medir dado que as intenções do falante para com seu ouvinte são, na maioria das vezes, inatingíveis, imensuráveis.

**b) O uso de *sabe? entende e não tem?* constitui uma regra variável?**

Os estudos em Variação Lingüística tomam como condições necessárias para a variabilidade entre duas ou mais formas, sua equivalência de significado e seu uso no mesmo contexto (cf. Labov, 1978). Tomando o termo significado de forma alargada, podemos abrigar nele a noção de função<sup>64</sup> e prever que os RADs em questão, apesar de atuarem em inúmeras subfunções (cf. Valle, 1998 e 1999; Macedo e Silva, 1996; e Martelotta *et al.*, 1996), encontram-se unidos sob uma mesma propriedade e, portanto, possuem o mesmo significado.

Quanto ao contexto dos itens, apesar de contarmos com certas especializações, não acreditamos, *a priori*, que existam comportamentos categóricos. Sendo assim, creditamos a cada um dos três itens em análise o estatuto de variante de uma mesma variável lingüística, já que são intercambiáveis em uma mesma função e em um mesmo contexto.

**c) Como se caracterizam os contextos de uso de *sabe? entende? e não tem?* e qual sua influência na escolha das formas?**

De maneira geral, os RADs devem ocorrer mais em contextos argumentativos, de informação subjetiva, em trechos discursivos mais longos

---

<sup>64</sup> Conforme relação função/significado proposta por Nichols (1984).

(cf. Macedo e Silva, 1996) e ainda, segundo Valle (1998 e 1999), em seqüências narrativas e com escopo sobre informações novas.

De modo mais específico, acreditamos que (cf. Valle, 1998 e 1999):

- *sabe?* – seja o mais produtivo em contextos descritivos, favorecido pela ausência de pausas às suas margens e pela falta de estímulos por parte de seu interlocutor;
- *entende?* – ocorra mais em contextos argumentativos, mais rodeado de pausas e estímulos, inclusive que sejam dadas mais respostas plenas por parte do ouvinte;
- *não tem?* – se concentre mais em contextos narrativos, fortemente favorecido pela presença de pausas às suas margens e pela ausência de estímulos dados por seu interlocutor.

#### **d) A escolha dos RADs é sensível a fatores sociais?**

Não possuímos hipóteses concretas com relação à atuação das variáveis sociais na escolha dos RADs. Acreditamos, porém, que deva ser pequena, como tem sido verificado em outros estudos de fenômenos discursivos (cf. Macedo e Silva, 1996:25). A preferência dos falantes por um ou outro RAD parece ser muito mais uma escolha do indivíduo, talvez determinada por redes familiares, do que um reflexo das características sociais do informante. Aliás, acreditamos que o falante seja fiel ao uso de determinado RAD e que a escolha por um, praticamente, diminua ou faça cessar o uso dos outros, isto é, aquele informante que se utiliza muito de *sabe?* é pouco produtivo com *não tem?* e *entende?*, o que indicaria que os RADs representam muito mais um caso de variação na comunidade do que no indivíduo.

#### **e) Qual é a trajetória de mudança dos RADs em estudo a partir de seus respectivos verbos de origem?**

Os itens *sabe?* *entende?* e *não tem?*, além de compartilharem funções e contextos, têm em comum sua base verbal, sendo que os significados veiculados pelos seus verbos de origem têm mudado desde o latim, passando, em português,

a desenvolver também significados ligados a conhecimento, compreensão e existência. Associados a construções plenamente interrogativas, estes verbos incorporariam traços pragmáticos de interpessoalidade e, a partir disto, seguiriam caminhos semelhantes, deslocando-se para outras posições no enunciado, fixando sua forma e assumindo funções relacionadas com a interação falante/ouvinte e cada vez mais voltadas para a organização textual.

As trajetórias de cada item, apesar de semelhantes, são particulares, pois parte da possibilidade e da direção da mudança é, de certa maneira, delimitada pelo conteúdo referencial de seus verbos de origem (cf. Sweetser, 1988:390-3), desta forma *saber* e *entender*, verbos da mesma ramificação semântica, devem possuir trajetórias mais semelhantes do que *ter*.

**f) Os percursos de mudança dos RADs podem ser explicados via gramaticalização ou discursivização?**

A princípio, acreditamos ser possível tratar *sabe?*, *não tem?* e *entende?* como itens em processo de gramaticalização, concordando com a postura de Traugott (1995) que inclui o fortalecimento pragmático nos primeiros estágios deste processo.

## CAPÍTULO IV: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Como vimos no capítulo II, propomos uma análise em duas vias para *sabe? entende? e não tem?*, tentando traçar o percurso destes itens, com o intuito de precisar como chegaram a compartilhar funções e contextos de uso, e analisando-os como variantes em uma mesma função lingüística. Para tanto, contamos com dois tipos de análise: uma qualitativa, na qual se observam os dados isoladamente em todas as suas particularidades, e uma quantitativa, na qual os resultados são obtidos e comentados a partir do somatório dos dados, resultante de procedimentos estatísticos.

Segundo Schiffrin (1987:66-8), estes dois tipos de análise são interdependentes, pois a análise quantitativa depende da descrição qualitativa anterior e os resultados numéricos não dizem muito sozinhos, devendo ser interpretados em termos qualitativos. A diferença entre os dois tipos de análise está na abordagem lingüística subjacente a elas: enquanto a qualitativa tem suas bases em uma abordagem mais humanista e subjetiva, ressaltando as particularidades da descrição e desprezando as tentativas de generalização, a quantitativa é pautada em uma abordagem mais científica e objetiva, em que as particularidades são controladas e agregadas para produzir resultados generalizados. Para a autora, nenhuma das duas análises, isoladamente, é capaz de dar conta da descrição de fenômenos discursivos, sendo importante a associação das duas.

## 1. Análise Qualitativa

A análise qualitativa foi utilizada, principalmente, em dois momentos desta pesquisa: para uma maior sistematização da multifuncionalidade dos itens em estudo – capítulo V – e para a observação de suas trajetórias de mudança lingüística – capítulo VI.

Foi através da observação cuidadosa e particular de cada um dos dados encontrados na amostra de Florianópolis que conseguimos identificar certas regularidades na posição e no uso de *sabe?*, *entende?* e *não tem?*, podendo, assim, apesar de não estarmos lidando com valores discretos, estabelecer seu modo de atuação, de forma a operacionalizar seu controle na análise quantitativa.

Para tentar traçar um percurso de mudança lingüística para os itens investigados, analisamos qualitativamente dados sincrônicos de vários tipos de construções com *saber*, *entender* e *ter*, extraídos da mesma amostra usada para a análise quantitativa. Além disso, resgatamos outros do latim e do português arcaico.

Apesar de recuperarmos alguns dados diacrônicos, nossa análise é considerada sincrônica, o que não nos impede, porém, de reconstruir as trajetórias seguidas pelos itens em estudo. Segundo Myhill (1988:352), para podermos obter uma descrição completa do processo de gramaticalização de determinado item ou construção, não basta realizarmos apenas estudos diacrônicos, pois estes, apesar de bastante freqüentes, focalizam os pontos iniciais e finais do processo, quando o elemento pode ser classificado, respectivamente, como lexical e gramatical, deixando de lado os detalhes e os fatores motivadores do processo. Na concepção do autor, os estudos sincrônicos em gramaticalização são altamente relevantes na medida em que podem nos fazer perceber a competição entre as formas lexicais e gramaticais, a luta entre sentido antigo e sentido inovador.

## 2. Análise quantitativa

Para Labov (1978), a aplicação de métodos quantitativos à análise lingüística é necessária para que se possa compreender melhor a estrutura da língua, bem como sua função, já que existem evidências de que a competência lingüística humana obedece a

certas restrições quantitativas, as quais, bem reconhecidas e analisadas, podem permitir a construção de nossas regras gramaticais.

Na execução de uma análise quantitativa com base nos preceitos teóricos da Teoria da Variação, o primeiro passo necessário é a delimitação da regra variável e de suas possíveis formas variantes, constituindo assim a variável dependente. No nosso caso, como estamos lidando com um fenômeno discursivo que envolve vários níveis funcionais, é preciso que fique claro como e porque *sabe? entende?* e *não tem?* são itens em variação, mantendo o mesmo significado/função no mesmo contexto. Desta forma, não detalhamos o recorte de nossa regra variável neste capítulo, pois isto somente pode ser feito após a discussão sobre o aspecto multifuncional destes itens.

Esta seção fica, portanto, destinada à apresentação e restrições da regra variável, caracterização da amostra utilizada para a extração dos dados, exposição das variáveis independentes que são controladas em relação à variável dependente e descrição dos passos para o tratamento dos dados, principalmente no que se refere ao funcionamento do Pacote Estatístico VARBRUL 2S (Pintzuk, 1988).

## 2.1 A Regra Variável: restrições<sup>65</sup>

Estamos interessados no uso variável de *sabe? entende?* e *não tem?* e, de início, é preciso diferenciar estes itens usados como RADs dos usados como verbos. Conforme já visto no capítulo I, *sabe?* e *entende?*, enquanto RADs, constituem-se formalmente de modo bastante diversificado de seus respectivos verbos de origem, recebendo uma pronúncia mais rápida, maior contorno interrogativo, fixando-se em final de enunciado e na segunda pessoa do singular. As diferenças entre *não tem?* e seu verbo de origem são ainda maiores, pois aglutina a partícula de negação *não* em seu uso como RAD.

Além disso, este tipo de item, apesar de extremamente necessário para o fluxo e o sucesso do discurso oral, é sintaticamente independente e pode ser retirado sem nenhum prejuízo para o conteúdo proposicional, enquanto um verbo não poderia (cf. Marcuschi, 1989:299 e Urbano, 1997a:89).

---

<sup>65</sup> Foram estabelecidas algumas restrições para o tratamento estatístico dos dados, ocorrendo algumas exclusões nesta fase da pesquisa variacionista, embora muitos dos dados descartados aqui sejam recuperados e considerados na análise qualitativa para o traçado do percurso de mudança.

Quanto à posição destes itens, não nos parece tão evidente em nossos dados que eles se posicionem em final de enunciado, pois temos um elevado número de ocorrências em posição inter e intraoracional. Veja os exemplos:

- (41) E eles tiraram dali e me botaram para o outro lado... e cercaram tudo ao redor, e fizeram um monte de casinhas assim, num estilo de umas meia-aguinhas, **não tem?** (est) pra fazer pra festa. (est) (FLP13MJP:880)
- (42) É, isso, a família dela (est). Aí trouxe irmã, trouxe mais não sei quem, trouxe mais não sei quem, e eu dura que nem um... Que aí eu/ eu/ eu fus/ fui grosseira, **sabe?** com eles, assim, não queria saber deles de jeito nenhum. (FLP03FAP:182)

Estas diferenças em termos de posição não implicam nenhuma grave diferença contextual que impeça o tratamento de RADs em posições diferentes como variantes, mesmo porque a posição dos itens é controlada como uma das variáveis independentes. Todavia, as construções com os itens em início de enunciado foram descartadas por não compartilharem dos mesmos traços formais e funcionais que os RADs possuem nas outras posições:

- (43) E outra também que eu estava andando, **não tem aquela rua ali do lado do Correio?** (est) que passa ali? Eu estava andando ali, aí os guris vieram aqui por trás assim, encostaram aqui em mim: "É, passa o que tu tens no bolso." (FLP14MJG:1436)
- (44) Ah, eles tinham lá um lugar que eles chamavam Posto dos Índios. (est) Eram bem, assim, bem do mato mesmo. **Sabe aqueles índios ainda bem... Índios bem atrasados.** (est) (FLP15FBG:891)

Também não foram controlados estatisticamente os dados inseridos em expressões cristalizadas como em (45) e em perguntas completas como em (46):

- (45) Ficava brincando com a gurizada, fazendo alguma coisa, até servindo, às vezes, o vizinho pra ir na venda. Tu vê, guri, **sabes como é que é** às vezes, dão uma bala, qualquer coisa, o guri já vai pra venda, já corre. Não xinga, não chia ninguém. (FLP04MAP:197)
- (46) O açúcar era açúcar grosso. Era açúcar/ primeiro era açúcar grosso, (est) depois do açúcar grosso, começou o açúcar (inint). A fábrica do açúcar (inint), **sabes onde era?** Ali onde é a Modelar hoje. Ali era a fábrica do açúcar (inint). (FLP08FBP:39)

Os dados em que o verbo de origem do item discursivo era usado na oração imediatamente anterior a ele, como em (47), também tiveram que ser descartados para fins quantitativos, pois nestes casos não se pode saber se o item está sendo usado como RAD ou se é o verbo anterior que está se repetindo em forma de pergunta direta.

- (47) No meu tempo, que eu era criado aqui, Florianópolis não tinha nada. As ruas, quando chovia, as ruas- Duarte Schuttel- **Tu sabes onde é a rua Duarte Schuttel, tu sabes?** (est) Era a pior rua que tinha aí, naquela época. (FLP06MBP:259)

E, além dos dados desconsiderados pelas restrições dadas acima, também descartamos ocorrências em que algum tipo de interrupção, ruído, ou corte na entrevista pudesse comprometer a interpretação do dado, como em (48).

- (48) Inf: Tanto que o meu pai escutou que ela disse... que eu fui um dos alunos primeiros colocados, (est) mas em tudo, (falando rindo) inclusive na bagunça. (dirigindo-se ao interveniente) -- Foi ou não foi? – Então...  
 Interv: Era bagunceiro lá dentro [do]- da sala de aula. (est)  
 Inf: **Entendeu?** [Então]- agora [o]- [o]- o nível [de]- de professores era bom. (est) Era bom. Não pode se reclamar, porque0 o meu pai conheceu também, [não]- não tinha nada...(SCFLP02MAP:930)

Deve-se ressaltar que os dados inseridos em contextos confusos de hesitação e gagueira não foram excluídos, pois os itens podem estar atuando ali na manutenção do turno conversacional como elementos de planejamento verbal.

Explicitadas as restrições, consideramos dados de análise tal como se apresentam em (49), (50) e (51), em todas as suas posições, exceto de início de enunciado, e em todas as suas possíveis representações formais específicas<sup>66</sup>:

- (49) Porque naquela época, eles comiam pirão com ovo, né? (est) Não tinha ovo pra comer. (est) Aí meu vô [era]- era alcoólatra, **não tem?** Era, graças a Deus, por isso que agora ele tem esse problema no coração. Era alcoólatra, vivia batendo neles, vivia batendo na minha vô. Agora que ele parou de bater, né? Mas graças a Deus, né? (FLP05FPJ:909)
- (50) E aí as pessoas [ne-] nesse planeta são iguais, são terráqueos também, **entendeu?** forma de terráqueos, né? E ele conhece uma/ uma/ e o dialeto deles é um dialeto bem antigo do povo [egi-] dos/ os egípcios, né?(FLP01MCJ:775)
- (51) Olha, a impressão que eu tenho, ... sendo eu bancário, ... o Plano pra mim num:: ... não resolveu nada, **sabe?** ... Apesar que estava tudo, né? numa hora da morte, ... e que agora a gente tem aquela esperança que os supermercados vão... congelar aquilo e vai ficar por muito tempo. (FLP12MAG:122)

## 2.2 A amostra

Os dados utilizados nesta pesquisa foram coletados no *corpus* do Banco de Dados do Projeto VARSUL (Variação Lingüística Urbana da Região Sul do Brasil), projeto integrado que possui dois objetivos principais: oferecer à comunidade

---

<sup>66</sup> Usamos a macro-forma *entende* para nos referirmos aos dados genericamente, porém nas ocorrências este RAD pode se manifestar sob a forma de *entende*, *entendes*, *entendeu*, *entendesse*, *tá entendendo*, *tás entendendo*, etc, bem como *sabe* pode manifestar-se como *sabe* ou *sabes*.

acadêmica um *corpus* representativo da Região Sul e promover a descrição dos vários aspectos do português falado no Sul do Brasil.

O Banco de Dados – em cuja formação encontram-se envolvidas quatro Universidades do Sul do país (UFSC, UFPR, UFRGS e PUC-RS) – é constituído pela gravação e transcrição<sup>67</sup> de 24 entrevistas<sup>68</sup>, com aproximadamente uma hora de duração, de falantes das quatro regiões urbanas etnicamente mais representativas de cada um dos três estados da Região Sul. Assim temos 96 entrevistas em cada estado, formando um total de 288 entrevistas em todo o Banco.

Para esta pesquisa selecionamos a amostra referente à cidade de Florianópolis<sup>69</sup> que, além de contar com as 24 entrevistas da primeira fase de constituição do Banco, conta também com gravações que compõem uma amostra suplementar da fala dos jovens florianopolitanos<sup>70</sup>. Utilizamos, então, 36 entrevistas distribuídas segundo a idade, escolaridade e sexo dos informantes, como segue na tabela:

Idade	Escolaridade					
	Primário		Ginásial		Colegial	
	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.
15 a 21 anos	2	2	2	2	2	2
25 a 50 anos	2	2	2	2	2	2
Mais de 50 anos	2	2	2	2	2	2
Total de 36 informantes						

Tabela 1: Distribuição da amostra de Florianópolis

<sup>67</sup> As entrevistas do Projeto VARSUL contam com um sistema especial de transcrição em três linhas, inspirado no sistema adotado pelo Projeto *Censo da Variação Lingüística do Rio de Janeiro*: na primeira linha é feita a transcrição da sintaxe real dos informantes, com suas interrupções, hesitações e gagueiras, utilizando-se os princípios ortográficos da escrita do português; a segunda linha é reservada para marcações fonéticas variáveis, bem como para controlar a duração das pausas respiratórias do falante; a terceira e última linha é destinada a marcações referentes à classificação morfosintática de cada item textual dentro do contexto em que se insere, além de conter também detalhes sobre a intensidade e velocidade de palavras e trechos (cf. Knies e Costa, 1996) Observe no anexo I a cópia de algumas páginas de transcrição.

<sup>68</sup> As entrevistas do Banco de Dados do Projeto VARSUL são compostas por diálogos assimétricos em que *um dos participantes tem o direito de iniciar, orientar, dirigir e concluir a interação e exercer pressão sobre o(s) outro(s) participantes* (cf. Steger *apud* Marcuschi, 1986:16). Além disso, os entrevistadores do VARSUL foram orientados para produzir perguntas curtas e não interferir muito durante as respostas do informante, o que nos impõe certas limitações ao fazermos considerações sobre itens interativos por excelência.

<sup>69</sup> Florianópolis, primeiramente, foi colonizada pelos Vicentistas que tinham o objetivo de estender o domínio português até o Rio da Prata, posteriormente, durante o período de 1749 a 1756, chegaram, em grande número, os madeirenses e açorianos. Nos últimos anos, tem recebido pessoas de diversas procedências, principalmente, gaúchos, paulistas e argentinos.

## 2.3 Variável dependente e variáveis independentes

Na análise quantitativa é considerada como variável dependente aquele grupo de itens que estabelecemos como regra variável – *sabe?*, *entende?* e *não tem?*.<sup>71</sup> E, a fim de detectar os fatores lingüísticos e sociais que condicionam os contextos de uso e a escolha de cada uma das formas, foram controladas em relação à variável dependente quatorze variáveis independentes, como segue no quadro:

VARIÁVEL DEPENDENTE SABE? ~ ENTENDE? ~ NÃO TEM?	
VARIÁVEIS INDEPENDENTES	
LINGÜÍSTICAS	SOCIAIS
<input type="checkbox"/> Formas dos RADs <input type="checkbox"/> Presença de pronomes junto aos RADs <input type="checkbox"/> Referência temporal do contexto <input type="checkbox"/> RADs como elementos focalizadores <input type="checkbox"/> Relações assinaladas pelos RADs <input type="checkbox"/> Posições dos RADs <input type="checkbox"/> Presença de conectores entre orações <input type="checkbox"/> Tipo de seqüência discursiva/textual <input type="checkbox"/> Status informacional <input type="checkbox"/> Estímulos <input type="checkbox"/> Pausas <input type="checkbox"/> Hesitações <input type="checkbox"/> Presença de MDs junto aos RADs	<input type="checkbox"/> Sexo <input type="checkbox"/> Idade <input type="checkbox"/> Escolaridade <input type="checkbox"/> Informante

Quadro 3: Variável dependente e variáveis independentes

No capítulo VII, reservado à análise do funcionamento dos itens em estudo, as variáveis independentes, lingüísticas e sociais, são mostradas detalhadamente juntamente com as hipóteses específicas que temos para o comportamento de cada uma delas.

## 2.4 Tratamento dos dados

<sup>70</sup> Como a Amostra Suplementar dos Jovens, composta por 24 entrevistas, listamos no anexo II as 12 entrevistas selecionadas por nós.

<sup>71</sup> Lembramos que o recorte detalhado da Regra Variável é feito no final do capítulo V.

Os dados retirados das 36 entrevistas do Banco de Dados VARSUL somaram um total de 521 ocorrências – 203 de *sabe?*, 205 de *não tem?* e 113 de *entende?*. Veja a distribuição das ocorrências no gráfico abaixo:

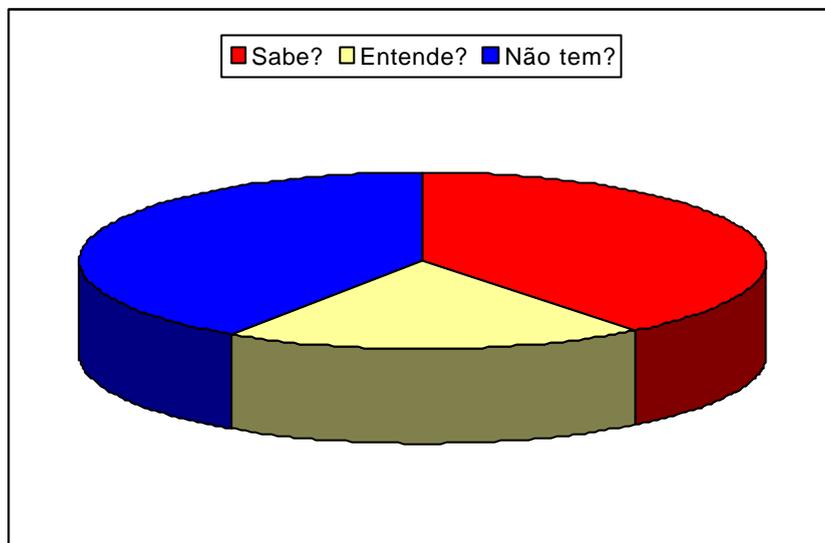


Gráfico 1: Distribuição dos dados na cidade de Florianópolis

Todas as ocorrências foram codificadas de acordo com as variáveis que apresentamos acima, representadas por simbologia pré-determinada por nós. Completada a codificação, esta foi digitada, utilizando-se como recurso estatístico o Pacote VARBRUL 2S (Pintzuk, 1988). Posteriormente, o programa executou a combinação das variáveis, dando-nos resultados de frequência, percentagem e peso relativo<sup>72</sup>.

É importante destacar, tal como aponta Guy (1998:48), que as análises estatísticas feitas através do Pacote VARBRUL, bem como por qualquer outro programa, mesmo servindo como fortes indicadores para a observação do comportamento dos itens em estudo, são apenas ferramentas para a manipulação dos dados, já que interpretações e generalizações feitas a partir dos resultados são tarefas exclusivas do pesquisador.

<sup>72</sup> Os resultados em peso relativo são obtidos através da análise conjugada dos grupos de fatores que considera as interações existentes entre eles, dando-nos resultados probabilísticos e selecionando as variáveis de maior relevância para a escolha de um dos itens da variável dependente.

## CAPÍTULO V: MULTIFUNCIONALIDADE DE *SABE?*, *NÃO TEM?* e *ENTENDE?*

Um dos objetivos elencados neste trabalho diz respeito ao estabelecimento e controle das funções que *sabe?*, *não tem?* e *entende?* veiculam nos diversos níveis do discurso oral, levando em conta seu movimento bi-direcional.

Na primeira seção deste capítulo, buscamos problematizar a atribuição de funções para os elementos do grupo dos RADs, dada sua multifuncionalidade e seu aspecto interpessoal. A partir desta problematização escolhemos um possível caminho para a organização funcional/discursiva dos itens em estudo, considerando seu caráter bi-direcional (cf. Risso, 1999) que, embora saibamos não resolve por completo o problema da multifuncionalidade, pode servir como uma primeira sistematização, contribuindo para o controle da regra variável (realizado no capítulo VII), bem como para o recorte da mesma, feito na última seção deste capítulo.

### 1. Multifuncionalidade: atuações extra e intratextuais

A tarefa de atribuir funções aos itens em análise, bem como aos marcadores discursivos em geral, é, na maioria das vezes, bastante complexa, dado seu caráter multifuncional. Estes itens, segundo Castilho (1989:265), atuam em três níveis distintos, já que possuem três tipos de propriedades:

- Propriedades pragmáticas: sinalizam o modo como o falante monitora a interação, deixando clara a tomada/passagem/manutenção de turno e solicitando a atenção do ouvinte;
- Propriedades semânticas: balizam os sucessivos subtemas selecionados pelo falante para o desenvolvimento do assunto;
- Propriedades sintáticas: interligam as unidades discursivas, atuando como nexos anafórico/catafórico.

Estas propriedades, segundo o autor, não são excludentes, ao contrário, são cumulativas<sup>73</sup>, o que não necessariamente significa que todos os marcadores são igualmente atuantes nestes três níveis. Ocorre que, na maioria das vezes, cada item se especializa em um dos níveis, tendo uma das propriedades mais ressaltada do que as outras.

Considerando o aspecto funcional cumulativo dos MCs, Marcuschi atribui a eles duas propriedades básicas, que englobam as três propostas por Castilho (op. cit.). Como elementos que se forjam no momento da conversação – que se faz pela conjugação de princípios pragmáticos e regras lingüísticas – os MCs possuem propriedades tanto *interacionais* (indicam atos ilocutórios e relações interpessoais), quanto *intratextuais* (estruturam a cadeia lingüística), atuando simultaneamente como *organizadores da interação, articuladores do texto e indicadores de força ilocutória, sendo, pois multifuncionais* (cf. Marcuschi, 1989:282).

Assim, por um lado, os RADs, como elementos de interlocução, são responsáveis pela verificação da compreensão do ouvinte acerca das informações fornecidas pelo falante, ou apenas pela manutenção do canal comunicativo (atuação extratextual). Por outro lado, ao articularem relações interpessoais, organizam também quadros discursivos<sup>74</sup>, na medida em que frisam a proposição que finalizam ou o elemento ao qual se pospõem (atuação intratextual). Veja:

(52) Um pão que era assim, ele era meio redondo, o pão, (est) **sabe?** meio achatado.  
(FLP18MAC:677)

Observamos, portanto, uma primeira grande divisão funcional destes itens: de um lado, como elementos que atuam para fora do texto (sobre o falante) e de outro, como itens que focalizam partes do próprio texto (o pão).

Neste ponto um outro problema é instaurado, pois nós, como analistas, não conseguimos sistematizar as atuações extratextuais destes itens, já que estas emergem

---

<sup>73</sup> De maneira diversa, Martelotta (1998:64), quando distingue entre os operadores argumentativos, que estariam exercendo funções no nível textual, e os marcadores discursivos, que estariam atuando fora do nível textual, simplifica o problema, deixando de lado o caráter multifuncional dos itens em prol de uma distinção clara entre estes dois tipos de elementos bastante distintos. Já Urbano (1999:198), apesar de enfatizar a função proeminente do dado, admite que na grande maioria dos casos os MDs não exercem apenas uma função.

<sup>74</sup> Tomamos de modo equivalente os termos *discursivo* e *textual*.

da relação falante/ouvinte, envolvendo aspectos como conhecimento compartilhado e trocas perceptuais<sup>75</sup>.

Além disso, deve-se considerar que o estabelecimento de uma atuação interpessoal depende de qual perspectiva encaramos o item. Se, de um lado, tomarmos o falante como ponto de partida, as atuações dos RADs são identificadas a partir das atitudes e expectativas que o falante tem sobre seu ouvinte, se ele entendeu ou não o que foi dito e se é necessário, portanto, fazer uso destes itens para checar informações, destacá-las ou apenas manter o contato com seu interlocutor. Por outro lado, se nos localizarmos sob a ótica do ouvinte, as atuações dos RADs são atribuídas a partir da compreensão/reação do ouvinte, ou seja, se ele sentiu-se requisitado ou não pelo falante e se é necessário, portanto, responder plenamente ao RAD, fornecer algum estímulo ou simplesmente manter o silêncio.

Com isto não estamos afirmando que seja impossível a observação das atuações extratextuais dos RADs, mesmo porque, como vimos no capítulo I, Schifffrin (1987) e Chodorowska (1997) guiam seus trabalhos com este objetivo: a primeira, buscando estabelecer funções a partir do conhecimento compartilhado entre falante e ouvinte; e a segunda, tentando medir o grau de polidez ou atenuação que o falante aplica ao contexto através do item discursivo.

Porém para a identificação deste tipo de função seria necessário ouvir todos os dados e nossa análise versaria mais para uma abordagem qualitativa, no sentido de levantar hipóteses sobre as atuações dos RADs.

Além disso, acreditamos, conforme Urbano (1999:200), que exista uma distinção entre *função* e *propriedade* e que, como todos os RADs – seja para checar compreensão ou somente para testar o canal comunicativo – requisitam o apoio do interlocutor<sup>76</sup>, isto, na verdade, seja a sua propriedade (pragmática) mais ressaltada, não excluindo, porém sua atuação em outros níveis. Assim, ao tomarmos esta propriedade como característica geral comum a todos os itens deste grupo, que, por si só, os define, nos restringimos a identificar apenas suas funções intratextuais, lançando mão dos comentários a respeito de sua propriedade extratextual somente qualitativamente para explicar certos comportamentos e sua atuação no nível do discurso.

---

<sup>75</sup> Estas trocas perceptuais seriam os olhares, balançar de cabeça, sorrisos, enfim, aspectos físicos que fazem parte da relação falante/ouvinte e que também influenciam nas trocas linguísticas.

<sup>76</sup> Este apoio não necessariamente é feito através de estímulos verbais ou não-verbais, podendo o próprio silêncio atestar apoio, à medida que, através do RAD, o interlocutor teve a oportunidade de interferir no turno e não o fez.

## 2. Atuações intratextuais bi-direcionais

Risso (1999) – que observa o comportamento dos chamados marcadores de abertura, itens como *bom, bem, olha, oh* – afirma que a localização destes itens entre pares adjacentes faz com que eles participem da organização local do texto falado, atuando, simultaneamente: a) com implicações sequenciais, servindo de pistas da articulação de turnos independentes; b) com implicações interacionais, marcando a relação entre os locutores (p. 272). Além disso, a autora observa que estes marcadores também podem ser usados como apoio para indicar o avanço linear dos tópicos, tornando-se mecanismos que delimitam partes do texto que se iniciam após o fechamento de outras (p. 287).

Sendo assim, a autora considera que, a partir do reconhecimento deste papel delimitador dos marcadores, se reconhece também *sua bi-direcionalidade, como um pontuador discursivo anaforicamente incidente no fechamento da seqüência anterior, para cataforicamente viabilizar a progressão para a seqüência superveniente* (op. cit., p. 287).

A partir dessas considerações, reconhecemos também nos itens analisados por nós este caráter bi-direcional, pois ao mesmo tempo que frisam a proposição ou elemento anterior a eles, contribuem como pistas para a seqüência discursiva e, conseqüentemente, para as relações que se estabelecem no discurso. Veja o exemplo:

(53) às vezes até eu acho que eu sou meio brabinha, **não tem?** assim meio de gênio... (est)  
(FLP20FAC:350)

Observando o exemplo acima, verificamos que *não tem?*, ao mesmo tempo que frisa a proposição anterior (*às vezes até eu acho que eu sou meio brabinha*), está localizado entre ela e um trecho que a detalha (*assim meio de gênio*) e, por estar nesta posição e marcar a divisão entre a proposição e seu detalhamento, acaba funcionando como elemento que assinala uma relação de especificação<sup>77</sup>.

---

<sup>77</sup> Note-se que não estamos atribuindo diretamente ao RAD a função de especificação; estamos apenas considerando que o item aparece numa posição tal que *coloca luz*, ou sinaliza a relação de especificação

Deste modo, intratextualmente, atribuímos aos RADs dois papéis principais: a) de elemento focalizador, frisando aquilo que o antecede; b) de elemento que assinala relações textuais, servindo de pista para o acesso às mesmas. Deve-se apenas ressaltar que o papel de elemento focalizador faz parte da característica do próprio RAD, porém ele só se constitui como elemento que assinala relações, por causa da posição que ocupa e do contexto em que se insere.

## 2.1 Os RADs como elementos focalizadores

Para sistematizarmos e subdividirmos as atuações dos RADs como elementos focalizadores, contamos com a noção de *relevo* proposta por Travaglia (1999:77-81), segundo a qual o falante, ao formular seu texto, usa deste recurso para: a) destacar certos elementos dentro do texto em relação a outros (relevo positivo); b) ocultar ou rebaixar certos elementos em relação a outros (relevo negativo)<sup>78</sup>.

Segundo o autor, a função básica do relevo positivo, que é dar destaque, pode ser subdividida em várias outras funções mais específicas, como: ênfase, intensificação, marcação de um valor especial, estabelecimento de contraste, reforço de um argumento, sinal de importância para a estrutura ideacional/informacional, marcação de foco informacional, etc... Estas funções podem ser marcadas por uma série de recursos de natureza diferente (aspectos fônicos, itens lexicais, elementos morfológicos, estruturação sintática, parênteses, recursos expletivos, etc...), entre eles os marcadores conversacionais.

Apesar de não citar nenhum dos elementos do grupo dos RADs como marcadores de relevo<sup>79</sup>, Travaglia (p. 116-7) ressalta que a função de marcar relevo é exercida primordialmente por aqueles itens que chamam a atenção do falante para determinados elementos e idéias dentro do texto, o que, como vimos, também parece ser o caso dos itens analisados por nós. Deste modo, tomamos *sabe?*, *não tem?* e *entende?*

---

estabelecida no contexto. Também não estamos excluindo a possibilidade de outros elementos lingüísticos estarem co-ocorrendo com o RAD e, eventualmente, desempenhando a função em questão, o que poderia ser atribuído, por exemplo, a *assim* em (53).

<sup>78</sup> Travaglia (1999:127) ressalta que, independentemente do tipo de recurso usado para seu estabelecimento, o *relevo* possui também um caráter pragmático, emergindo da interação dos falantes em uma determinada situação comunicativa.

<sup>79</sup> O autor restringe seus comentários a elementos iniciadores como *olha*, *ó*, *veja*, etc...

como elementos marcadores de relevo ou focalizadores, que, em geral, chamam a atenção para aquilo que os antecede, seja um elemento ou trecho maior.

Esta sinalização de relevo pode servir a dois propósitos. Por um lado, o falante pode fazer uso dos RADs chamando a atenção para determinado trecho ou elemento textual com objetivos pragmáticos de ativar algo na memória de seu interlocutor, checar a compreensão do que foi dito, destacar certas informações em relação a outras, etc... Por outro lado, os RADs podem dar relevo a itens e trechos do texto com o objetivo de organizar o texto, ordenando segmentos textuais, como veremos na seção 2.2.

Para classificarmos aquilo que é focalizado pelos RADs, consideramos a divisão feita por Travaglia (p. 119) dos fatos de focalização (foco no falante, no participante, em seus estados e características, foco em conceitos e relações, em argumentos, em ações executadas ou a executar, etc...) e propusemos os tipos de focalização explicados e exemplificados a seguir<sup>80</sup>.

### 2.1.1 Foco no(s) participante(s)

O RAD incide sobre elementos humanos e não-humanos, animados ou não, sendo utilizado para dar relevo: ao falante ou a partes dele, a terceiros que figuram na entrevista, quase como personagens das histórias contadas pelo falante (54) e (55), a objetos, a nominalizações, a instituições/estabelecimentos e a indicações temporais (56) e locativas (57) – todos elementos dotados de referencialidade, podendo se realizar através de sintagmas nominais. Veja os exemplos:

(54) Inf: Tem gente que melhorou (inint). Reclassificação... (est) Reclassificação, eles pediram.  
Os que foram reclassificados, assim, cozinheiros, **não tem?**  
Ent: Já está na hora da senhora voltar para o serviço, né? D. Ida? (FLP07FBP:1129)

(55) Eu sou uma pessoa otimista, como eu já falei pra ti. \*Tudo o que eu quero eu batalho... Ela já é meio:: pessimista, ela, **não tem?**... Ela acha que nunca vai conseguir as coisas, e uma coisa que ela sempre gostou, que ela achava que nunca ia ter um filho. (FLP20FAC:1149)

---

<sup>80</sup> Em uma primeira fase da pesquisa havíamos subdividido ainda mais os tipos de focalização para poder perceber todas as suas especificidades, mas verificamos que, além de pouco econômica, a classificação mais pormenorizada não nos apontava grandes diferenças. Por exemplo, não nos importa muito diferenciar se o foco é na avaliação que o falante faz de si mesmo ou dos outros, o importante é destacar a existência de um foco sobre uma avaliação.

- (56) Ent: Como foi sua viagem ao Paraguai?  
 Inf: É, foi no dia vinte e nove de agosto:: de oitenta e seis, **sabe?** Tinha uma vizinha, (hes) a Shirley..., ela:: o marido dela só deixava ela ir se eu fosse..., e o meu marido deixava eu ir se ela fosse. (FLP09FAG:737)
- (57) Estava super legal assim, né? Eles agitaram pra caramba, eu tive que (risos F) eu fui, o show era lá no LIC, né? Lagoa da Conceição **sabe**, né? Aí eu fui, cheguei/ fui de carona com a minha amiga, né? porque meu pai não queria deixar eu ir, de última hora a gente resolveu ir. Aí ela arranhou um tio dela pra levar nós. (FLP19FJG:647)

Neste caso, os RADs têm o propósito de ativar na memória do interlocutor, ou apenas destacar, referentes conhecidos ou disponíveis<sup>81</sup>, como ocorre nos exemplos (54) e (55) – em que são destacados participantes humanos, o primeiro (*cozinheiro*) disponível e o outro (*ela*) conhecido e retomado – e como é o caso do exemplo (57) em que é ativada uma indicação locativa compartilhada pelos interlocutores (*Lagoa da Conceição*). Por outro lado, os RADs também atuam destacando participantes novos como quando o item incide sobre a referência temporal fornecida em (56).

### 2.1.2 Foco na(s) característica(s) do(s) participante(s)

O RAD pode dar relevo, sem julgamentos de valor, a características, descrições mais constatáveis ou que remetam a aspectos físicos dos participantes como: cor dos olhos, dos cabelos, formato do rosto, pesos e medidas, etc...

- (58) Mas ele deu sorte, que ele só queimou por cima, só queimou a pele. (est) Não teve [que]-aquelas queimaduras profundas, **entende?** Só queimou isso, é, só queimou assim ó, (est) como:: essas coisinhas aqui assim.(FLP03MAP:942)
- (59) Nada sozinha... Ela fala, **sabe?** mas/ come sozinha, mas colocando no prato e:: chamando e só, mas... ela pegar sem dificuldade, comer, fazer, isso não. (FLP07FBP:181)
- (60) E teve um último que eu vi que eu não lembro direito deixa eu lembrar direitinho agora. Ah! teve uma cena que quase caiu a toalha, ficamos torcendo eu e a minha amiga pra cair, que caísse aquela toalha, mas no fim não caiu, (hes) uma cena de luta assim, **sabe?** (est) estava só enrolado na toalha. (risos F) (est) (FLP19FJG:580)

O falante utiliza o RAD para chamar a atenção para características de participantes desconhecidos ao interlocutor e, assim, compor mais um referente que será arquivado em sua memória, ou para ativar no arquivo mental do interlocutor a imagem de um participante já conhecido ou de conhecimento público. Em (58) a característica do participante (*queimadura*) é dada através de um adjetivo (*profunda*); já em (59) a caracterização é feita por uma habilidade do participante (*ela fala*) que, ao invés de ser

dada através de um verbo, poderia ser feita através de uma construção predicativa (*ela é falante*), a forma mais recorrente de caracterização. Enfim, em (60) o participante (*uma cena*) é descrito por um complemento (*de luta*).

### 2.1.3 Foco na avaliação do falante

Os RADs podem servir para dar ênfase a avaliações, julgamentos de valor que o falante faz sobre si mesmo (61) e (63), sobre outros participantes (62) e sobre eventos ou ações (64). Seguem os exemplos:

- (61) É, isso, a família dela... (est) Aí trouxe irmã, trouxe mais não sei quem, trouxe mais não sei quem, e eu dura que nem um:: Que aí eu/ eu/ eu [fus-] fui grosseira, **sabe?** com eles, assim, não queria saber deles de jeito nenhum. (FLP03MAP:182)
- (62) Agora, o serviço ali é:: um serviço:: brabo, ele é estúpido, **sabe?** Ele é/ porque é pesa::do, mas sempre uma ajuda a outra, né? (FLP07FBP:130)
- (63) Mas não sou assim de estar dentro:: de casa, de estar lá, de comer, e/ e chegar lá eu não abro a geladeira. Se eu quiser água, eu peço. Não sou de mexer em nada, **entende?**... E a gente se dá muito bem. Gosto muito da família do meu marido, muito mesmo. (FLP09FAG:694)
- (64) Inf: Ah, nós fazemos strogono::ff, lasa::nha e croquete de salsicha... (est) Olha, tantos pratos, assim, que eu gosto de pegar as receitas e fazer, **sabe?**  
Ent: E de onde você pega as receitas? (FLP11FAG:947)

Neste caso, o papel do RAD como elemento de busca de aprovação discursiva (cf. Urbano, 1997a) e como marcador de polidez (cf. Chodorowska, 1997) é ressaltado, dando mais espaço para que o interlocutor participe na interação. Nos exemplos (61) e (63) a avaliação do falante é sobre si mesmo, mas é feita de maneira diferente, pois em (61) o julgamento sobre si se dá através de uma construção predicativa (*eu fui grosseira*), como também ocorre em (62) só que sobre um participante (*ele é estúpido*), já em (63) a avaliação se procede através de uma construção que indica um traço comportamental do falante (*não mexo em nada*). Um exemplo pouco frequente é o (64) em que toda a ação (*pegar as receitas e fazer*) é avaliada por conta do significado do verbo *gostar*.

### 2.1.4 Foco na opinião do falante

---

<sup>81</sup> Tomamos a noção de referentes conhecidos ou disponíveis de Prince (1981, *apud* Görski, 1985).

Este tipo de foco é exercido pelo RAD quando o item tem escopo sobre o posicionamento, sobre a opinião do falante acerca de qualquer assunto, principalmente polêmico (política, religião).

- (65) Mas, (hes) é como eu falei pra você, não tem que educar. (est) Sobre o negócio da AIDS não tem que educar...(est) Todos assistem televisão..., a mostra está toda na televisão... Diz: "Olha, o fulano, porque era isso, porque era [dro-] era drogado, porque injetava isso, fazia aquilo, tal", cansa de falar na televisão. Então não precisa ter educação pra isso... (est) Só a pessoa ser consciente daquilo que escutou, (est) **entendeu?**... (est) Então aí ele vai ficar/ vai botar na consciência que, bom, eu sei lá, pra sair, manter relações, eu tenho que ver com quem é que eu vou manter relações e, enfim. (FLP02MAP:569)
- (66) Olha, a impressão que eu tenho, sendo eu bancário, o Plano pra mim não:: não resolveu nada, **sabe?** (est) Apesar que estava tudo, né? numa hora da morte- (FLP12MAG:124)
- (67) Já usei droga, tudo... (est) E::... eu parei, tudo. Isso aí eu:: acho um absurdo, né? usar droga. Pra que quer destruir sua vida com droga..., **não tem?**... (est) Pode usar outras coisas, pode beber, ir numa festa, tudo... (FLP10MJP:626)

Associado a este tipo de foco, o RAD pode estar sendo usado pelo falante para enfatizar sua opinião, pedindo a concordância de seu interlocutor, ou, num sentido inverso, diminuindo a carga assertiva da proposição. Existem modos mais ou menos explícitos de opinar sobre algo, assim percebemos que em (66) e (67), além de outros elementos, o que explicita o caráter opinativo daquilo que antecede o RAD são expressões como *eu acho que, pra mim*. Já em (65) o caráter opinativo é dado através do tom impositivo do discurso do falante (*não tem que educar*).

### 2.1.5 Foco na situação acabada

O RAD é utilizado para dar relevo a situações, experiências passadas, incidindo sobre orações ou períodos inteiros que informam um estado, um evento ou uma ação, pontuais ou corriqueiros (que costumavam acontecer).

- (68) Aí, isso aí já tava fazendo quinze dias que já tinha passado a minha, o prazo, né? Aí resolvi ir no médico. Aí foi onde que eu fui na Kasuê. Aí ela disse pra mim que::... que tinha dez por cento pra eu não ficar::, né? Aí foi o único dia que realmente eu chorei, **não tem?** Fiquei meio apavorada. Aí eu fui nessa minha amiga que é a Ana, perguntei de sexo pra ela. (FLP20FAC:990)
- (69) Então, na quinta-feira..., a gente tinha que confessar, na primeira quinta-feira do mês a gente tinha que ir ao Confessionário, isso, assim, no, no espaço de uma aula ou outra, ou então tinha um horário (est) pra gente se confessar, **sabe?** (est) aí todo mundo se confessava. A Capela era linda, não podia ser mais linda a nossa Capela. (FLP24FBC:537)

O papel do RAD, neste caso, pode ser o de checar a compreensão e/ou o canal comunicativo para poder dar seqüência às informações, ou pôr em evidência descrições de situações corriqueiras. Perceba que em (68) temos um exemplo de foco em uma situação passada pontual em que é narrado um fato único, já em (69) o falante descreve uma seqüência de fatos que se repetiram durante um determinado período da sua infância.

### 2.1.6 Foco na situação presente

Além de poder dar relevo a situações passadas, os RADs também são usados para marcar situações presentes, sejam elas durativas ou habituais, incidindo sobre orações ou períodos inteiros que informam sobre estados, eventos ou ações. Veja os exemplos abaixo:

- (70) Vai fazer dois anos. Porque é:: faz um ano e:: Setembro, outubro, novembro, dezembro, janeiro e fevereiro. É, um ano e cinco meses. (hes) Ela morreu... Eu, assim, conto e não posso contar muito com a família da mãe, **entendes?**... (est) Que a gente/ que eles sabem assim que eu sou filha adotiva. (FLP03FAP:388)
- (71) A minha filha fica em casa porque (tosse) o meu filho mora:: no mesmo quintal, **sabe?**... A casa é quase/ que a distância é pouca, então::, antes de eu sair, eu deixo ela tirada da cama, tiro ela da cama. (FLP07FBP:166)
- (72) Inf: Farofa de banana é assim: é/ tá! vou explicar a de ovo, **não tem?** a de ovo é mais fácil.  
Ent: Hã, hã, tá! tá!  
Inf: A do ovo é assim: tu botas um pouco/ um:: pouquinho de azeite, né?... (est) tu [bot-] pegas o ovo, tu botas ali..., tu já tens que mexer porque queima, **não tem?** (est) aí deixa o azeite sair todo. Dai se o azeite já saiu todo, desliga o fogo, pega a farinha, mexe, (est) esquenta, né? [de-] deixa o fogo ligado, esquenta tudo. (FLP10MJP:1243)

Neste caso o papel do RAD também pode ser o de checar a compreensão e/ou o canal comunicativo para poder dar seqüência às informações, ou pôr em evidência descrições de situações corriqueiras. Observe que nos exemplos (70) e (71) *entende?* e *sabe?* focalizam situações presentes durativas, parecendo ser usados mais no sentido de checar compreensão, já em (72) a segunda ocorrência de *não tem?* focaliza uma instrução (*como fazer a farofa de ovo*), parecendo checar se os passos da tarefa, desconhecida por parte do ouvinte, estão sendo assimilados, ou somente se ele (ouvinte) continua atento e acompanhando o raciocínio do falante.

Deve-se ressaltar que a primeira ocorrência de *não tem?* no exemplo (72) não dá relevo a uma situação presente, mas sim a um contexto de futuridade, que acabamos considerando também como um caso de foco na situação presente, dada a

escassez deste tipo de ocorrência e também porque a atuação do RAD é semelhante sobre estes dois tipos de situações.

## 2.2 As relações assinaladas pelos RADs

Como expusemos na seção 2, o papel dos RADs de focalizar elementos ou trechos que os antecedem é do próprio item, que possui esta característica de apontar para partes do texto, destacando-as para o ouvinte. Entretanto, estes itens não possuem por si próprios o papel de elementos relacionais, parecem muito mais atuar, a partir de seu uso como focalizador e por estarem inseridos em certos contextos, como pistas do estabelecimento de relações textuais.

O que desencadeia o uso destes elementos como sinais relacionais parece ser seu papel de elemento focalizador, pois a focalização textual tem:

a função básica de organizar o texto, fornecendo ao interlocutor ‘apoios’ para o processamento textual, através de ‘orientações’ ou indicações para cima, para baixo, para frente e para trás, ou estabelecendo uma ordenação entre segmentos textuais ou partes do texto (Koch 1994, *apud* Travaglia, 1999:119-20).

Segundo Travaglia (p. 120), o uso de marcadores discursivos como *ó, olha e veja* parece ser um caso de relevo por dêixis textual em que o falante remete a atenção de seu interlocutor para o que vai ser dito depois do item. No caso de *sabe?, não tem? e entende?*, seu uso remete a atenção do falante ao que já foi dito, criando assim uma hierarquia informacional, em que o trecho focalizado toma destaque, servindo de base de onde derivam os outros comentários do falante, estabelecendo-se, assim, uma relação de dependência daquilo que é posposto ao RAD em relação ao trecho ou elemento focalizado pelo item.

Sendo assim, se o RAD focaliza, por exemplo, uma característica de um participante (*o Alfredo é quarentão*), o que vem dito depois dele estará relacionado ao elemento focalizado, trazendo informações que podem especificá-lo (*bonito e solteiro*) ou mesmo contrastar com ele (*mas parece mais jovem*). Deste modo, o lugar em que o RAD ocorre para marcar relevo, acaba dando a ele também o caráter de pista para relações textuais.

Ressaltamos ainda que os RADs em si não são elementos relacionais, porém expõem coordenadas textuais devido à posição que ocupam, ao contexto que os cerca, explicitando uma série de relações não porque em si as realizam, mas sim porque o discurso é multiplamente estruturado e seus componentes integrados entre si, existindo múltiplas relações entre enunciados (cf. Schiffrin, 1987:325 – para os marcadores em geral). Veja a seguir os contextos em que os RADs atuam como pistas, a partir do agrupamento das ocorrências de nosso *corpus*.

### 2.2.1 Especificação

Neste contexto o RAD atua como ponte entre o elemento o qual focaliza e sua especificação, sinalizando suas características, detalhando-o, clareando-o, qualificando-o ou reformulando-o.

Os elementos posteriores ao RAD podem ser tais como: de natureza atributiva (adjetivos, expressões adjetivas, orações relativas); de natureza descritiva (construções que descrevam o elemento em foco); em forma de lista (abrindo um leque de elementos que fazem parte do elemento focalizado); ou em forma de relato de situações habituais (relatando as ações costumeiras das pessoas, que acabam sendo incorporadas como características suas). Veja os exemplos:

(73) Foi o que ajudou muito a minha vida pra criar eles, e eles hoje, eu me sinto feliz porque são casados, não são ricos mas são pobres que não me dão trabalho, **sabe**, são filhos bons:... não/ não têm vício, o moço, já tenho uma netinha pela parte do filho, de seis anos- (FLP07FBP:38)

(74) Ent: É, além de ir na praia, casa/ na casa da praia?  
Inf: Não, eu sigo/ a rotina é esta, **sabe?** (ruído) Eu sou muito companheiro, quase não saio de casa, às vezes vou na praia sozinho, e do serviço pra casa. (FLP12MAG:989)

(75) Ent: Passarinho? (est) Mas depois o que você fazia com o passarinho?  
Inf: Com passarinho que eu/ que não matava, precisava de gaiola, pegava vivo, **não tem?** =ferido=  
E =Ah, vivo?= (est) E como você fazia isso? (FLP10MAG:250)

Em (73) e (74) o RAD assinala o detalhamento daquilo que vem dito antes dele (*os filhos e a rotina*), posicionando-se no lugar que introduz uma série de construções que especificam aquela sobre a qual o elemento tem escopo, já em (75) é usado entre um elemento (*vivo*) e sua reformulação (*ferido*).

### 2.2.2 Contraste

O RAD pode ocorrer entre duas informações contrastantes, ou em um contexto em que a segunda informação restringe a primeira. Veja os exemplos abaixo:

- (76) Você tem que ser/ ter o seu estudo, porque na hora que o calo apertar, porque hoje nós estamos num país, o seguinte: você casa e descasa. (est) Você tá casando agora, daqui a pouco dá uma doida na cabeça do marido ou dá uma [cabe-] doida na cabeça da mulher e lá foi um pra um lado, outro pro outro. Então, quer dizer, para o homem, tudo bem, (est) que ele tem como se virar, **tá entendendo?** (est) Agora, quando chega no lado da mulher, aí é outra coisa. Agora, se ela tiver um grau de estudo bom: "Tudo bem, ele foi embora, o que é que eu vou fazer, né? (FLP02MAP:1381)
- (77) Não, não se fala. A gente evita, né?... Eu, até agora, durante os meus vinte anos de casada, eu era feliz..., **sabe?** Apesar de vez em quando ter um espi::nho, assim, né?... Qual o casal que não briga, né? (FLP11FAG:398)

Em (76) é estabelecida uma relação de contraste entre o comportamento masculino e feminino, principalmente devido a *agora*. Já em (77) *apesar* introduz um trecho que não exatamente se opõe àquele focalizado pelo RAD, mas o restringe, o delimita.

### 2.2.3 Conclusão

Este tipo de relação é verificado quando após o RAD dá-se a justificativa, a explicação ou o desfecho de um tópico que vinha sendo desenvolvido<sup>82</sup>. Normalmente o tópico é longo e após o RAD verifica-se um trecho que pode justificar, explicar, finalizar, resumir ou retomar o tópico, como também pode retratar a avaliação do falante sobre o conteúdo do mesmo. Veja os exemplos:

- (78) Ent: Me fala sobre esse grupo jovem da tua irmã.  
Inf: Grupo jovem? É o (inint) da Catedral. (est) Tem muitas viagens. É bom **não tem**, porque fazem a gente/ eles fazem a gente.../ como é que eu posso dizer, gostar do próximo, (est) gostar das outras pessoas do jeito que elas são. (est) Eles fazem a gente entender a vida, gostar de Deus. (FLP05FJP:72)
- (79) Aí agora o taco não, o taco é um:: é um pedaço de pau, (est) tem uma casinha... (est) atrás do taco e o outro cara está no outro lado joga a bolinha, vais ter que rebater e ter que:: um indo pra o lado do outro fazer ponto. (est) **Entendeu?**... (est) É isso aí. (FLP10MJP:323)
- (80) Bom, o Seu Jerson, ele é demais, ele atende muito bem quando uma funcionária se sente doente, ele:: dá todo o recurso na hora, se não tiver uma/ uma Kombi aí da Reitoria,

---

<sup>82</sup> Sob o rótulo de *conclusão*, incluímos também relações de causalidade em sentido amplo (cf. Paiva, 1991).

rápido, ele mesmo... passa a mão na/ na doente, na funcionária, ele mesmo se dedica com o carro dele, **sabe**, ele é:: é excelente pessoa. (FLP07FBP:87)

No exemplo (78) o trecho após *não tem?*, encabeçado por *porque*, justifica a informação focalizada pelo RAD (*o grupo jovem é bom*). Já em (79) o escopo de *entendeu?* é sobre todo o trecho que o antecede (*instruções para jogar taco*), localizando-se entre o final do tópico e a construção resumitiva que retoma e finaliza o mesmo. Também em (82) *sabe?* possui um escopo amplo e finaliza o tópico anterior (*as qualidades do seu Jerson*) ao mesmo tempo que sinaliza a introdução de um desfecho resumitivo/avaliativo.

#### 2.2.4 Retomada

O RAD, ao marcar um comentário de fundo, geralmente avaliativo, indica que aquele trecho está interrompendo um tópico principal, também contribuindo para recuperação ou seqüência do mesmo. Vejamos:

- (81) Eu hoje por exemplo, na época, eu era garoto, já crescido, um pouco mais de doze, treze anos, eu lembro que o meu pai trazia pra gente, embora/ e ele tinha [se-] oito filhos, então trazia pra gente vinte pães, (est) à noite,... que a gente costumava/ Que naquela época tinha fartura porque o custo de vida era melhor, (est) **entendeu?** (est) Então ele trazia vinte pães, trazia um... um potezinho de mel, um vidrinho, que seja lá o que é que for. Mas mel puro! (FLP02MAP:750)
- (82) Aí eu fui nessa minha amiga que é a Ana, perguntei de sexo pra ela. Aí ela estava apavorada, **não tem?**... Aí ela ficou/ me aconselhou que eu tirasse. (FLP20FAC:993)

Percebemos que em (81) *entendeu?* marca um comentário avaliativo (*naquela época a vida era melhor*) derivado do tópico principal (*a descrição da época de garoto do informante*), que é retomado através de um conector (*então*) e da repetição do último trecho dito antes do comentário ser introduzido (*ele trazia vinte pães*). Em (82) o quadro é um pouco diferente, pois *não tem?* marca uma avaliação do falante sobre a participante (*ela ficou apavorada*), mas o tópico principal não é propriamente retomado, é apenas seqüenciado.

#### 2.2.5 Seqüenciação de situações ou argumentos

Temos o RAD como elemento que marca uma seqüenciação de situações ou argumentos quando ele se posiciona entre uma seqüência de fatos ou idéias que compõem o mesmo tópico discursivo, mas que não apresentam nenhum grau de

dependência, nenhuma relação semântica como especificação ou explicação entre si.

Notem os exemplos:

- (83) Ele::... Assim ó: ele é um carro preto, né?... (est) tem um cara dentro que/ todo que/ toda vez que passa meia-noite ele [sa-] ele solta uma paradinha do/ do/ do aro do::... carro dele... (est) pra atingir em outro carro. Aí outro carro começa a capotar, (est) morre essas pessoas, **não tem?**... Aí chega no final do filme ele encontra com o carro que é reforçado,... (est) que daí o cara é da polícia. (FLP10MJP:472)
- (84) Mas, enfrento com muito amor, enfrento com toda::, credo, com tudo que eu sinto, assim como se ela fosse uma/ uma moça boa, **sabe?**... Não me incomodo de não ir a certos lugares porque tenho ela, não saio mesmo quase, é difícil, só uma missa de manhã, enquanto ela fica sozinha, porque a igreja é aqui perto. (FLP07FBP:48)

Em (83) notamos que *não tem?* situa-se entre uma seqüência de situações, interligadas também pela participação de *aí*. Já em (84) verificamos que *sabe?* participa na seqüenciação de argumentos feita de forma justaposta, ou seja, sem a presença de conectores, sendo, neste caso, o único elo encadeador explícito da seqüenciação.

### 2.2.6 Finalização de turno

O RAD é usado como item que sinaliza o término do trecho oral desenvolvido pelo falante, passando a palavra ao interlocutor. Veja os exemplos:

- (85) Inf: Quer dizer, então isso aí existe, é a briguinha de/ essa é:: é a tal briguinha do amor, (est) **não tem?** (risos E)  
Ent: Já ouvi falar dessas. (FLP02MAP:684)
- (86) Ent: E como é que sabe o cardápio do dia? Como é que é feito o cardápio? Toda quinta-feira, por exemplo, é a mesma coisa, toda segunda-  
Inf: Não, isso aí é mudado, isso aí varia... O cardápio varia, **sabe?**...  
Ent: Enjoa, né? (FLP07FBP:500)

Conforme observamos nos exemplos (85) e (86), o RAD, neste caso, ainda atua como pista de relações, porém de relações de tomada/passagem de turno entre falante e ouvinte, pois após sua ocorrência a palavra imediatamente passa para a outra pessoa envolvida na interação.

### 2.2.7 Anúnciação de complemento

Em alguns casos o RAD pode aparecer em lugares não tão comuns a ele, como entre verbo e objeto, entre objeto direto e indireto, sem marcar nenhuma relação

aparente, funcionando apenas como delimitador de constituintes<sup>83</sup>. Observe os exemplos:

- (87) Um irmão meu também gosta muito de cozinhar. É bom, **sabe?** nessas coisas. Aí eu me lembro que um dia a minha avó [fe-] A minha avó fazia um feijão, assim, maravilhoso. (FLP01FAP:731)
- (88) Eu agora tô assim, eu acredito, mas eu acredito e não acredito assim, **não tem?** (est) em Deus assim, não tem? Acredito e não acredito assim, porque tem um lado que eu acredito e tem um outro lado que eu não acredito. (FLP14MJG:290)

Nos dois exemplos os RADs são usados como anúncio de complementos já requisitados pelas estruturas que os antecedem: (87) *bom em quê?*; (88) *acredita em quê?*.

### 2.2.8 Circunstanciação

Existem contextos em que o RAD funciona como introdutor de informações circunstanciais que servem para delimitar o contexto no qual as ações se passam ou a finalidade a que se prestam. Veja os exemplos:

- (89) a gente molhado, chovendo e dando aquela trovoada, a gente [se-] chegava a sentir (hes) como se tivesse tomado um choque, **entendesse?** (est) no chão, na grama, aquela coisa, que caiu aquele raio. (FLP23MBC:733)
- (90) E ele/ e ele se dedica com amor, acho que o que tinha tudo pro filho, ele dedica nos cachorros. Até a gente assim fica pegando no pé dele, e ele chega em casa, **não tem?** lá na mãe, né?... aí chega: "Sim, tu deste comida pro cachorro, tu fizeste isso?" (FLP20FAC:1225)
- (91) A mamãe, ela de manhã ela fazia tricô, de tarde ela/ ela/ ela costurava e de noite ela fazia outro [borda-] um bordado, uma coisa assim diferente, **entende?** Pra não ficar sempre naquele ali e aborrecer, né? E:: então ela fazia mesma coisa com o quartinho dela. (FLP22FBC:196)

Nos dois primeiros exemplos os RADs se antepõem a circunstâncias locativas: em (89) *entendesse?* encontra-se posicionado entre uma situação passada pontual e informações que compõem o quadro descritivo (*no chão, na grama*), já em (90) a informação circunstancial (*lá na mãe*) é introduzida a partir de *não tem?*, que focaliza uma situação presente habitual.

---

<sup>83</sup> Dal Mago (2001) controlou o *quer dizer* ocupando esta posição e comenta que, nestes casos, o item serve apenas como marca de delimitação de constituinte.

O exemplo (91) difere dos primeiros, pois após *entende?* é dada a finalidade da situação focalizada pelo item (*como o objetivo de não se aborrecer*). Neste sentido, aquilo que é colocado depois do RAD atua como a finalidade, o objetivo, a razão pela qual a ação se efetivou. A posição do RAD é, preferencialmente, entre uma oração principal e uma oração final, porém, a mesma relação pode se dar entre duas orações justapostas, sendo que, neste caso, o sentido de finalidade será depreendido da relação entre o conteúdo das duas orações.

### 2.2.9 Ênfase/Atenuação

O RAD pode participar do recurso de ênfase de uma unidade, atuando como elo entre uma unidade neutra (ou já enfatizada) e sua intensificação (ou sua maior intensificação). Vejamos o exemplo:

- (92) Porque naquela época, eles comiam pirão com ovo, né? (est) Não tinha ovo pra comer...  
(est) Aí meu vô era/ era alcóolatra, **não tem?** Era, graças a Deus, por isso que agora ele tem esse problema no coração. (FLP05FJP:909)

Geralmente, são intensificadas características de objetos, dos participantes ou do falante. O RAD age diretamente sobre uma palavra ou expressão específica, e, posteriormente ao item, a informação é frisada, como é o caso do exemplo (92) em que o informante enfatiza o verbo *ser* no pretérito.

### 2.2.10 Planejamento verbal

Em contextos complexos, quando o falante perde o fluxo discursivo, por ter dificuldade em expor suas opiniões ou em narrar situações constrangedoras e/ou esquecidas, o RAD junto a outros elementos, como hesitações e prolongamentos, fornece alguns segundos para que o falante possa reorganizar seu discurso. É usado para que seja impedida a colocação de uma pausa que iria autorizar o interlocutor a tomar o turno. Observe os exemplos:

- (94) Inf: Eu/ eu sei que foi assim, o fato de eu ser criada sempre assim, abaixo de discussão, de briga, que eu levei o casamento toda vida nessa-  
Ent: No mesmo clima ="assim de confusão"=  
Inf: =No mesmo clima.= Isso, **tás entendendo?**... É, eu não [s-] eu [acre-] eu acho que, às vezes, eu fico até pensando: de repente (dirigindo-se à interveniente) --Acho que [t-] pode ser até isso, Dona Ana.—(FLP03FAP:495)

- (95) Que têm pessoas que são assim: tu vês uma criança, né? Criança/ dependendo da criança, se tu ralhas com ela, ela sai daqui vai fazer outra (inint). Têm pessoas que também são assim. Eles recebem uma/ uma/... um, **sabe?** (hes) tem um atrito aqui, já vão lá, já outro atrito logo. (FLP22FBC:63)

Note que em (94) o fluxo é perdido após *tás entendendo?* e em (95), por ocorrer bastante cercado por hesitações, *sabe?* parece ter se tornado também uma marca de hesitação, que se constitui como uma estratégia de planeamento verbal.

### 3. Recortando a regra variável

Como vimos no capítulo II, não podemos atribuir aos itens analisados um *significado*, somente uma função. Mas este não parece ser um problema, já que Nichols (1984:98-100) associa *significado* a *função*, o problema é identificar qual o significado/função que pode recobrir as inúmeras atuações dos RADs.

Conforme expusemos na primeira seção deste capítulo, a propriedade dos RADs é requisitar apoio discursivo e isto é comum a todas as ocorrências, sendo os itens usados relativamente ao ouvinte para confirmar a ativação de informações compartilhadas, para checar se a informação foi compreendida e/ou para testar o canal comunicativo.

Além disso, os RADs chamam a atenção para o próprio texto, focalizando elementos variados (como participantes, opiniões do falante, situações, etc) e, ao focalizarem elementos do texto e ocuparem certas posições, acabam assumindo, através do contexto em que se encontram, o papel de assinalar relações (tais como: especificação, conclusão, contraste, etc...).

Os dois níveis de atuação destes elementos, focalizando informações veiculadas no texto e assinalando relações entre partes do texto não se excluem, apenas caminham juntos de maneira superposta. O quadro abaixo nos possibilita uma melhor visualização deste quadro funcional complexo:

**Propriedade**  
**Requisitar apoio discursivo**

<p><b>Focalizando informações veiculadas no texto</b></p> <p><b>Foco no(s) participante(s)</b> <b>Foco na(s) característica(s) do(s) participante(s)</b> <b>Foco na avaliação do falante</b> <b>Foco na opinião do falante</b> <b>Foco na situação passada</b> <b>Foco na situação presente</b></p>	<p><b>Assinalando relações entre partes do texto</b></p> <p><b>Especificação</b> <b>Contraste</b> <b>Conclusão</b> <b>Retomada</b> <b>Seqüenciação de ações ou argumentos</b> <b>Finalização de turno</b> <b>Anúnciação de complemento</b> <b>Circunstanciação</b> <b>Ênfase/Atenuação</b> <b>Planejamento verbal</b></p>
---	---

Quadro 4: Hierarquia funcional dos RADs

A partir da visualização deste quadro nos perguntamos:

- É possível tratar estes itens extremamente multifuncionais como variantes de uma mesma variável lingüística?
- Qual seria o significado/função comum a todos eles?

Apesar da multifuncionalidade em que estes itens se encontram envolvidos, percebemos, através de (96), que eles são intercambiáveis e isto ocorre porque para sobre todos os três a propriedade interativa de *requisitar apoio discursivo*, que os une e que possivelmente nos permite tratá-los como variantes.

Regra Variável

- (96) Eu mesmo não posso ler muito, **sabe?** me prejudica muito as vistas. (FLP15FBG:143)  
Eu mesmo não posso ler muito, **não tem?** me prejudica muito as vistas.  
Eu mesmo não posso ler muito, **entende?** me prejudica muito as vistas.

Não descartamos a hipótese de que dado item se especialize em determinado contexto, porém isto não prejudica a constituição da regra variável, já que especializações são previstas dentro da Teoria da Variação e podem ser controladas através de variáveis independentes.

Devemos ainda ressaltar que a distribuição de itens como *sabe?*, *não tem?* e *entende?* em certas funções não é um procedimento mecânico e discreto, pois é

extremamente complexo, como constata Martelotta (1998), estabelecer fronteiras claras entre uma e outra função, sendo comum encontrarmos casos em que várias funções parecem se sobrepor. Assim a sistematização e controle que fizemos das atuações dos RADs são importantes para uma compreensão melhor do papel destes itens no discurso, porém deve-se sempre lembrar que se trata de um procedimento metodológico que desconsidera certos matizes funcionais particulares.

## **CAPÍTULO VI: SABE?, NÃO TEM? E ENTENDE? DE VERBOS A REQUISITOS DE APOIO DISCURSIVO**

Temos admitido que os itens *sabe?*, *não tem?* e *entende?* compartilham contextos e funções, tanto de ordem mais pragmática, servindo para explicitar as relações entre falante e ouvinte, quanto de ordem mais textual, focalizando partes do texto e, assim, contribuindo para a organização e o encadeamento discursivo.

Para chegarem a tal estágio, os significados veiculados pelos seus verbos de origem (*saber*, *ter* e *entender*), como vimos no capítulo I, têm se expandido desde o latim e, em português, inseridos em construções plenamente interrogativas, estes itens incorporam traços de interpessoalidade do contexto, diminuindo as formas de seu paradigma e deslocando-se para outras posições na frase.

Neste capítulo, estamos interessados em analisar mais detalhadamente, a partir dos significados dos verbos de origem, das ocorrências de nosso corpus e de reconstruções hipotéticas, as prováveis trajetórias pelas quais cada um dos itens em análise passou até seu uso como requisito de apoio discursivo, recortando as etapas seguidas na mudança, identificando os princípios que a impulsionam e verificando as semelhanças e diferenças entre os três percursos.

No capítulo seguinte, continuamos a discussão a respeito do caminho percorrido pelos itens enquanto RADs a partir dos resultados estatísticos, procurando observar o que ocorre com o conteúdo lexical e com o estatuto gramatical de cada um deles no decorrer do percurso, qual a direção que estes itens parecem estar tomando, além de avaliar de que tipo de mudança se trata: gramaticalização ou discursivização.

### **1. Os percursos de *sabe?*, *entende?* e *não tem?*: o sentido-origem e o papel do contexto**

Como vimos no capítulo II, o Funcionalismo Lingüístico considera que a constituição de significados e funções está vinculada ao contexto no qual as formas lingüísticas se encontram, sendo assim, as categorias lingüísticas são vistas como graduais e flexíveis.

Neste sentido, a gramática é emergente, as estruturas são condicionadas pelo discurso, desenvolvidas nele e emergem dele, em um processo contínuo, no qual as formas, ao invés de fixas, são negociáveis na interação face-a-face, refletindo as experiências do indivíduo, seus valores no contexto em que se insere (cf. Hopper, 1987 *apud* Heine *et al.* 1991:77).

A partir desta concepção de gramática, analisamos os aspectos semânticos e contextuais que contribuíram para a emergência de *sabe?*, *entende?* e *não tem?*, salientando que apenas recuperamos a trajetória verbo requisito de apoio discursivo, sem nos preocuparmos em observar todas as etapas e direções de mudança dos verbos que dão origem a estes itens<sup>84</sup>.

Acreditamos, levando em conta as discussões levantadas por Schifffrin (1987) e Chodorowska (1997), que o tipo de mudança sofrida por *sabe?*, *não tem?* e *entende?* e a direção da mesma tenha sido determinada por dois fatores principais: a influência de seus sentidos-origem e o contexto de uso destes itens.

Com relação à idéia de sentido-origem, existe uma certa universalidade entre as línguas com relação à escolha de determinadas classes de palavras para se desenvolverem em outras, devido à atuação de fatores que impulsionam ou restringem o processo de mudança (cf. Traugott e Heine, 1991:8). Assim, julgamos que: a) de um lado, os itens em estudo tenham assumido o estatuto de requisitos de apoio discursivo, devido ao tipo de significado que seus verbos de origem veiculam – *saber* e *entender*, verbos de estado mental, voltados para o *conhecimento*, *percepção* e *compreensão*; b) por outro lado, os caminhos seguidos na mudança e as atuações assumidas no decorrer do percurso também foram delimitados e restringidos pelos sentidos de origem de cada item, o que pode ter ocasionado certas preferências de uso<sup>85</sup>.

Quanto a seu contexto de uso, sugerimos que os itens em análise têm seus percursos de mudanças influenciados em dois momentos distintos, que correspondem a dois tipos de contextos: a) em um primeiro momento, dadas as influências pragmáticas do contexto em que o item é utilizado – contexto de pergunta plena, de interação face-a-face – estes elementos incorporam traços de interpessoalidade; b) em um segundo

---

<sup>84</sup> Segundo o princípio da divergência, quando uma unidade lexical se gramaticaliza como um clítico ou afixo, a forma lexical original pode permanecer como um elemento autônomo e passar a sofrer as mesmas mudanças que os itens lexicais ordinários (cf. Hopper, 1991:22). Seguindo este princípio, as mudanças ocorridas nos verbos *saber*, *entender* e *ter* seguem em várias direções paralelas que não serão observadas em sua totalidade neste trabalho, já que estamos interessados em somente uma das direções (verbo requisito de apoio discursivo).

momento, os RADs, por se posicionarem entre partes do texto que se relacionam, assumem o papel de pistas do próprio encadeamento discursivo.

### 1.1 O percurso de *sabe?*<sup>86</sup>

Como vimos no capítulo I, o verbo *saber* deriva do latim *sapere*, que já se ramificava em dois grupos de sentidos distintos, sendo o segundo derivado do primeiro por um processo de expansão metafórica: a) ligado a experiências físicas (*ter sabor, ter cheiro, ter gosto*); b) relacionado a propriedades mentais (*discernimento, conhecimento, compreensão*) (cf. Ferreira, 1976:1024). No português, *saber* entra com estes dois sentidos, porém seu significado ligado a processos mentais se difunde, enquanto seu uso inicial ligado a experiências físicas se restringe.

A partir deste sentido associado a *conhecimento, discernimento*, o verbo *saber* vai assumindo outros usos, aceitando outros complementos (quem sabe, sabe algo) além de referentes nominais e, como verbo núcleo de uma oração principal (assumindo o sentido de *ter conhecimento de*), admite como complemento toda uma oração subordinada substantiva objetiva direta<sup>87</sup>. Veja o exemplo que segue:

(97) Então, eu hoje jogo somente às quartas-feiras. Então a minha senhora já **sabe** que quarta-feira eu... é o meu futebolzinho de salão. (FLP02MAP:100)

Em (97) *saber* exprime julgamento de ordem intelectual em relação à proposição subordinada, comportando-se como um verbo proposicional (cf. Votre, 1998). Com este sentido de *ter conhecimento de* o verbo pode atuar sobre sentenças interrogativas diretas, tornando-se cabeça de perguntas WH-<sup>88</sup>. Observe os exemplos:

(98) Que horas são?  
**Sabe** que horas são?

(99) Que dia foi a festa?

<sup>85</sup> Note-se que não estamos falando em determinismo, que dada a carga semântica associada eles se tornam sujeitos a expansões em certa medida previsíveis.

<sup>86</sup> A ordem de apresentação dos percursos foi escolhida a partir do grau de semelhança entre os mesmos. Assim, é apresentada a trajetória de *sabe?*, seguida de *entende?* (verbos de estado mental e com rumos muito semelhantes), para a posterior apresentação de *não tem?*.

<sup>87</sup> Esta mesma estrutura pode ser usada em contextos afirmativos e interrogativos. Em contextos interrogativos *saber* continua com a significação de *ter ciência de, ter conhecimento de* e a resposta a uma pergunta do tipo *tu sabe que eu jogo futebol?* incide somente sobre o verbo *saber*, constituindo-se como resposta a uma pergunta sim/não.

<sup>88</sup> Esta nomenclatura é adotada pela Teoria Gerativa para denominar aquelas perguntas que em inglês são iniciadas por WH- (tais como *who?*, *whay?*, *when?*, etc.) e que em português são traduzidas como *Quem?* *quando?*, *como?*, *onde?*, *qual?*, etc.).

**Sabe** que dia foi a festa?

Verificamos que neste tipo de construção a atuação de *saber* é ambígua, já que pode: a) *perguntar sobre o conhecimento de algo*, funcionando como um verbo proposicional e neutralizando a pergunta WH-. Neste caso, para ambas as perguntas teríamos como possibilidade de resposta: sim/não (sei/não sei); b) *atuar como focalizador da WH-*, reforçando a pergunta feita por ela. Deste modo, obteríamos como resposta para (98) algo como *10 horas* e para (99) algo como *dia 12*. Ou, então, o interlocutor poderia negar a pergunta.

Veja outros exemplos em que *saber* atua como cabeça de WH- e as duas possibilidades de respostas positivas licenciadas por ele:

- (100) **Sabe** quem foi na festa? Sei (sim)/ O Carlos, o André, etc...  
 (101) **Sabe** onde é a festa? Sei / Na casa da Fabiana.  
 (102) **Sabe** como é que se bebe? Sei / Coloque limão e tome tudo.  
 (103) **Sabe** qual é (que é) a senha? Sei / A senha é 007.

Ressaltamos que nenhuma das duas possibilidades de atuação do verbo exclui a outra, pois, mesmo ao focalizar uma WH-, *saber* ainda atua como item que checa o conhecimento. Porém, a partir deste ponto, em que ocorre uma bifurcação nas possibilidades funcionais deste verbo, que passa a atuar, de um lado, mais como *focalizador* e, de outro, mais como *testador de conhecimento*, a trajetória deste item também se bifurca, podendo existir dois caminhos complementares de chegada de *sabe* ao uso como requisito de apoio.

#### ➤ **Caminho 1: como elemento focalizador de referentes**

Atuando mais como focalizador *saber*, ainda como verbo cabeça de pergunta WH-, é usado em certos contextos, provocando uma inferência pragmática. Neste caso, o que se deseja é que o interlocutor ative em sua memória certo conhecimento compartilhado que ele tem com o falante, ou que é disponível. Veja os exemplos:

- (104) **Sabe** que dia é hoje?  
 R: O dia do nosso aniversário de casamento.  
 (105) **Sabe** que lugar é este?  
 R: O lugar em que nos conhecemos.

O ouvinte de uma pergunta como (104) poderia entender que simplesmente deve responder que estamos em uma quarta-feira, porém não foi esta a intenção do falante quando formulou a pergunta, podendo ficar frustrado com este tipo de resposta. Do mesmo modo, ao ser indagado com uma pergunta como (105) o ouvinte pode simplesmente nominar o referido lugar (*o Centro Integrado de Cultura*), contudo não estará satisfazendo o falante.

Nestes contextos, em que o falante tem por objetivo provocar uma inferência, ele acaba ativando referentes na memória do ouvinte e *saber* passa cada vez mais a assumir este papel, perdendo suas características de verbo cabeça de pergunta (a estrutura perde o *que* indicativo de pergunta) e colocando em ação a função de ativação de foco. Observemos os exemplos:

(106) Minha mãe me contou. Hã, hã. No dia do casamento dela, (est) ela não/ a minha avó não queria que o meu pai me/ se casasse com a minha mãe porque a minha mãe assim antes de sair de o meu pai, **sabe aqueles fogões de lenha?** ficava preto, ela tinha que ariar. Se a minha vó passasse o dedo e visse alguma coisa preta na mão, ela apanhava. (FLP05FJP:831)

(107) Porque... **sabe aquele filme Barrados no Baile?** era bastante gente, né? era uma turma ... (FLP20FJG:505)

Notemos que, tanto em (106) quanto em (107), o falante utiliza-se da estrutura da qual *sabe* faz parte focalizando um referente, para ativar a referência na memória de seu interlocutor e poder dar continuidade ao fornecimento de informações. Ao usar esta estrutura, o falante pode ser confrontado por seu interlocutor com uma resposta plena (*sei/sim*), com estímulos verbais ou não-verbais, ou seu interlocutor simplesmente pode manter o silêncio, indicando que não há problemas e que se pode dar seqüência às informações.

Com este papel de ativador de foco, a posição de *sabe* torna-se mais livre na estrutura, podendo ocorrer posposto àquilo que focaliza, como no exemplo (108).

(108) A blusa nova da Maria, **sabe?** fui com ela na festa.

Pode ter sido através deste deslocamento que *sabe* iniciou seu uso como requisito de apoio. Neste caso, *a blusa nova da Maria*, além de ser focalizada para que o ouvinte ative o referente em sua memória, é colocada na posição de tópico em relação às demais partes do texto e assim, como vimos no capítulo anterior, por estar entre partes do texto, *sabe* pode assumir também o papel de assinalar, de ser pista das

relações existentes entre estas partes. A partir daí seu escopo pode ser ampliado, e este item vir a focalizar não somente referentes nominais como também situações, opiniões.

➤ **Caminho 2: como item que checa conhecimento**

De outro lado, o valor de *saber*, como aquele que pergunta sobre o conhecimento, também emergente de sua inserção em contextos interrogativos, toma outro rumo. Toda a pergunta na qual se encontra *sabe* pode ser usada após enunciados sobre os quais o falante não tem certeza do conhecimento do ouvinte (cf. Martelotta e Leitão, 1998:295). Vejamos o exemplo:

(109) E fui morar aqui numa na/ na [aveni-] na Rua Vidal Ramos. Na Vidal Ramos, ali. (est) Tá?  
**Sabes onde é a Vidal Ramos?** (ruído)(est) Então eu casei e fui morar ali.  
 (FLP23MBC:203)

No exemplo (109), toda a estrutura interrogativa da qual *sabe?* faz parte é colocada após uma informação, checando explicitamente se o ouvinte conhece o referente (*Rua Vidal Ramos*).

Esta pergunta, posposta ao enunciado, vai sofrendo reduções e perdendo sua força interativa, exigindo cada vez menos repostas explícitas por parte do interlocutor, pois o falante pressupõe que o mesmo esteja compreendendo e apenas mantém, através do *sabe?*, contato entre os dois. Vejamos a gradual redução da construção exemplificada em (110):

(110) Inf:(...) a Faculdade funcionava aqui na/ na Rua Esteves Júnior, **sabes onde é?**  
 Ent: Na Esteves Júnior, não! (FLP24FBC:815)

Inf:(...) a Faculdade funcionava aqui na/ na Rua Esteves Júnior, **sabes ondê?**  
 Inf:(...) a Faculdade funcionava aqui na/ na Rua Esteves Júnior, **sabe?**

Neste lugar, com a pergunta reduzida e também sua força interrogativa menor, *sabe* tem sua atuação reforçada como elemento que focaliza situações, opiniões<sup>89</sup> e também, como está entre partes textuais que se relacionam, pode ser ainda visto como pista relacional.

Para esquematizar o percurso seguido por este item, observemos a figura:

---

<sup>89</sup> Diferente do caminho 1 em que focalizava exclusivamente referentes.

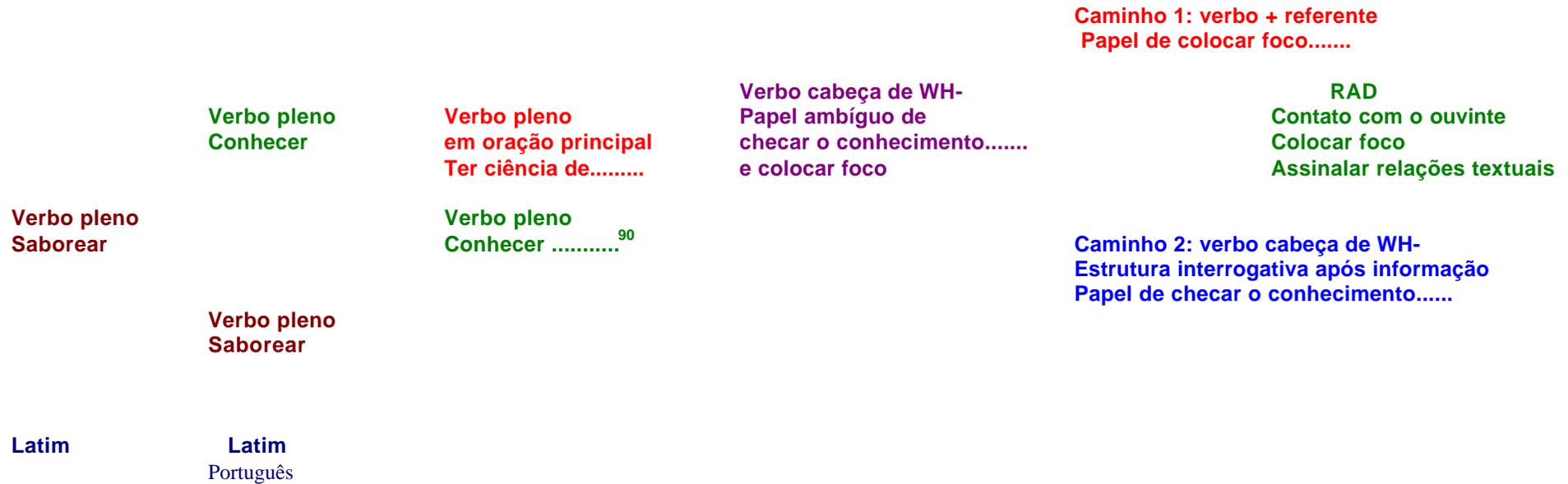


Figura 2: o percurso de *saber*?

Como verificamos, o surgimento de novos sentidos e usos para *saber* não extingue os anteriores, que podem continuar existindo até os dias atuais, como prevê o princípio da *divergência* (cf. Hopper, 1991:24).

---

<sup>90</sup> São colocadas reticências (...) quando queremos indicar que aquele sentido ou estrutura continua em uso na língua.

## 1.2 O percurso de *entende*?

Retomando os comentários do capítulo I, o verbo *entender* deriva do latim *intendere* e seu conjunto de sentidos também parece se dividir em dois grupos, sendo o segundo originário do primeiro: a) ligado a experiências físicas (*estender em certa direção, esticar, dirigir, virar-se para*); b) voltado a ações mentais (*ter a intenção de, pretender*) (cf. Ferreira, 1976:609). Além destes dois sentidos básicos, Machado (1959, *apud* Martelotta, 1998:81) sugere que ainda no latim deve ter existido um primeiro sentido de *entender* como *compreender*, pois no português e no francês arcaicos este verbo já era usado com o significado de *perceber após ouvir*. Veja um provável exemplo:

(111) Você **entendeu** as minhas palavras?

Em português, por um processo de expansão metafórica (generalização), *entender* tem seu sentido de *perceber coisas audíveis* estendido para *perceber, compreender outras coisas*, inclusive processos mentais. Veja o exemplo:

(112) Adriana **entende** matemática.

Em (112) *entender* tem como complemento um referente nominal, uma disciplina que envolve processamento mental. A partir deste significado de *compreensão*, o verbo em questão assume outros usos e, conforme também ocorreu com *saber*, passa a aceitar outros elementos além de referentes nominais como complementos (quem entende, entende algo), como uma oração subordinada substantiva objetiva direta, tornando-se verbo núcleo de uma oração principal (com o sentido de *ter compreensão de*)<sup>91</sup>. Observemos o exemplo abaixo:

(113) Ela **entende** que o seu filho cresceu.

Diferente de *saber*, o próprio sentido do verbo aqui descrito impõe certas restrições àquilo que pode ser seu complemento, aceitando como tal somente algo ou alguma situação que possa ser compreendida, que envolva processos mentais, como em

---

<sup>91</sup> Do mesmo modo que para *saber*, esta mesma estrutura pode ser usada em contextos interrogativos, continuando o verbo *entender* com a significação de *ter compreensão de* (*Tu entende que o teu filho cresceu?*) incidindo a resposta somente sobre o verbo principal (*sim/não*).

(113) em que a mãe percebe (*compreende, avalia*), através da observação dos fatos, que seu filho não é mais uma criança.

Em contextos interrogativos, *entender* também pode ser associado a perguntas WH-, porém sofre certas restrições devido a seu sentido de *ter a compreensão de*, sendo seu uso neste tipo de construção mais limitado. Veja os exemplos:

(114) Que horas são?

\* **Entende** que horas são?

**Entendeste** que horas são?

(115) Que dia foi a festa?

\* **Entende** que dia foi a festa?

**Entendesse** que dia foi a festa?

O uso deste verbo é mais restrito, como nas primeiras possibilidades para os exemplos (114) e (115), porque seu significado lexical limita seu complemento a coisas que podem ser compreendidas. Complementos que não envolvam ações mentais somente podem ser associados a *entender* se seu tempo verbal estiver no passado, como na segunda possibilidade dos exemplos acima, já que, neste caso, o verbo assume somente a significação de *perceber após ouvir*.

Mesmo em contextos em que *entender* incide sobre perguntas que veiculam processos mentais, seu comportamento é diferente de *saber*, pois sua atuação não se bifurca, não é ambígua. Veja os exemplos:

(116) Como é que se multiplica?

**Entendes** como é que se multiplica?

(117) Onde é a festa?

**Entendes** onde é a festa?

Associado a WH-, como nos dois exemplos acima, *entender* não focaliza a pergunta encaixada, seu único papel é o de *checar a compreensão*, obtendo como resposta mais esperada algo do tipo *sim/não (entendo/não entendo)*.

A partir deste uso em contexto interrogativo é que o verbo em questão, realmente, se aproxima de sua atuação como RAD. A pergunta inteira na qual se encontra *entende* pode aparecer após enunciados (como também julga-se ter ocorrido com *saber*) sobre partes dos quais o falante não tem certeza da compreensão do ouvinte. Observemos os exemplos:

- (118) Aí tu colocas bastante gelo e soca bem, **entende como é que é?** Vai botando gelo e socando.  
Aí tu colocas bastante gelo e soca bem, **entende comé?** Vai botando gelo e socando.  
Aí tu colocas bastante gelo e soca bem, **entende?** Vai botando gelo e socando.

Esta pergunta posposta ao enunciado vai sofrendo reduções, mas ainda exige mais estímulos do interlocutor do que no caso do verbo anteriormente descrito. Até o ponto em que resta somente *entende?*, que passa a testar a compreensão ou somente o canal comunicativo, dar relevo à situação ou evento localizados antes dele e, dada sua posição no contexto, também assinalar relações textuais, tais como: especificação, explicação, conclusão, etc.

Para visualizar melhor o percurso seguido por *entende*, observemos a figura:

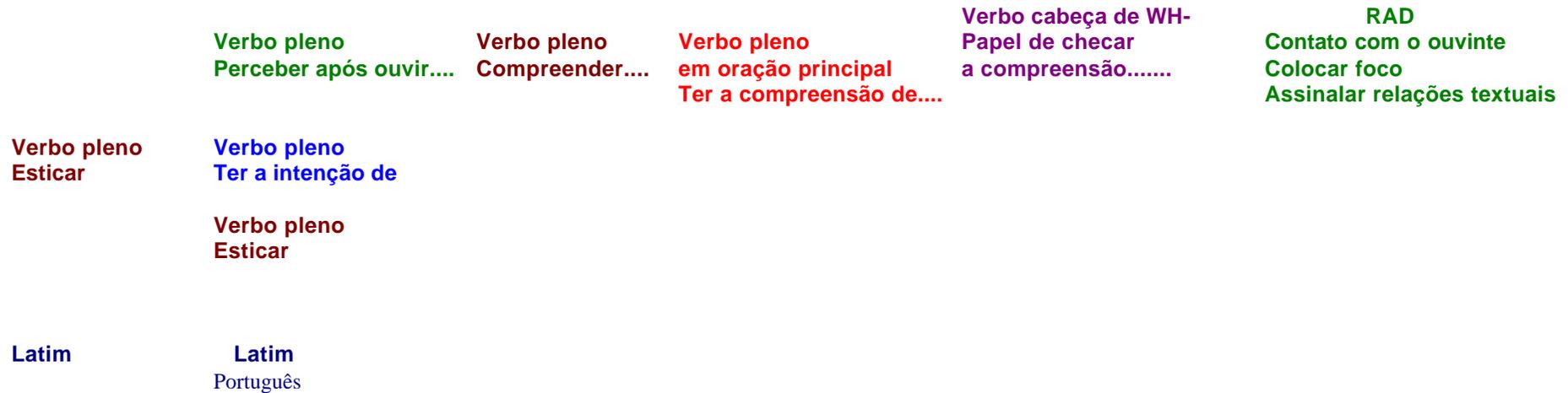


Figura 3: o percurso de *entende?*

Notemos que este verbo não emerge de um uso como focalizador de referentes (*entende a blusa nova da Maria?*) e, portanto, seria esperado que, como RAD, atuasse apenas como focalizador de informações maiores, eventos, situações, e nunca de referentes nominais. Contudo, embora raras, encontramos em nosso *corpus* ocorrências como (119):

(119) É a/ o método de/ de/ de ensino, *entendeu?* foi muito melhor. O que eu sei, eu/ eu aprendi com aquele/ (est) com aquele método/ com aquele método. (FLP13MBG:712)

O que pode ter ocorrido neste caso é que, sendo usado para focalizar informações e compartilhando as mesmas posições com *sabe*, por variação, *entende* acaba se generalizando e expandindo seu papel de focalizador, também para referentes. Mesmo assim, acreditamos que *sabe* ainda seja preferido nestes casos.

### 1.3 O percurso de *não tem*?

O verbo *ter* é derivado do latim *tenere* e, como vimos no primeiro capítulo, era utilizado nos sentidos de *posse duradoura*, *manter junto a si*, *possuir* (cf. Ferreira 1976:1133), dos quais deriva um sentido mais geral de posse.

O percurso inicial de mudança de sentido deste verbo parece diferir bastante daqueles seguidos pelos anteriores, pois a aquisição de seu sentido *existencial* parece ter sido provocada, não por um processo de expansão metafórica, mas sim por uma situação de variação com *haver*, verbo que originalmente possuía este significado (cf. Mattos e Silva, 1996:184).

É a partir deste sentido existencial que se constitui o item *não tem*?. Fixando sua forma na terceira pessoa do singular e associado à partícula de negação (*não*), este item, inserido em contextos interrogativos, pode atuar focalizando referentes definidos. Mas o que teria impulsionado este verbo – que não pertence a grupos verbais que normalmente desenvolvem este uso discursivo, como é o caso dos verbos de estado mental e dos perceptivos – a funcionar como um item de requisito de apoio discursivo? A resposta a esta questão parece residir no sentido-origem de *ter* (existencial).

Franchi *et. al* (1998:111-2) ressaltam que o verbo *ter* é esvaziado, recebendo significação de acordo com o contexto no qual se encontra. Esta adaptatividade de sentido alarga as possibilidades de uso do verbo e abre espaço para sua atuação discursiva.

Por outro lado, conforme Abbott (1993:41-4), a predicação essencial de um verbo existencial é a existência, não somente no mundo real, mas também no discurso. No entanto, como seria pouco comunicativo utilizar uma sentença inteira somente para atestar a existência de algo, já que na maioria das vezes a existência é um pressuposto básico, a informação mais relevante na maioria destas construções seria a locativa (*existir em algum lugar*) e *ter* poderia servir não para atestar a existência, mas para chamar a atenção do ouvinte para o referente, que se localiza em determinado lugar.

Percebemos dois pontos importantes que fazem a ligação entre o *ter* existencial e o *não tem*: a) o uso discursivo e adaptável ao contexto que o próprio *ter* já possui; b) a utilização deste verbo em construções existenciais para chamar a atenção para o referente.

Quanto ao percurso de *não tem?*, a partir do sentido *existencial* de *ter*, são duas as possibilidades, não excludentes, para seu uso como RAD, posposto ao elemento que focaliza.

### ➤ Caminho 1: como item focalizador de referentes

Já em seu uso como verbo existencial, vimos que *ter* possui a propriedade de chamar a atenção do ouvinte para referentes, principalmente locativos. Unido à partícula de negação e posicionado antes do referente, este uso como focalizador se reforça. Veja os exemplos:

- (120) Então o terminal, antigamente/ da/ antigamente, é onde é a Alfândega. ***Não tem a Alfândega ali, negócio de museu, Alfândega aqui na Conselheiro Mafra?*** O terminal era só ali. Os ônibus ficavam tudo encostado ali, um no outro (est) ali. (FLP18MAC:619)
- (121) Que a Prainha/ a/ o mar da Prainha, ele, a/ o mar, aqui no bairro da Prainha, ele vinha até [ond-] até a Assembléia, ele então passava onde é o SESC hoje. ***Não tem aqui o SESC, (est) aqui na frente do Palácio, o SESC?*** O mar vinha até ali, né? (FLP18MAC:525)

Nos dois exemplos, verificamos que *não tem* focaliza SNs definidos, ativando um determinado referente na memória do interlocutor. Esta construção somente é usada quando falante e ouvinte se conhecem e, portanto, compartilham certos referentes, ou então, quando, por viverem no mesmo ambiente, o falante pressupõe que certos referentes, como são de conhecimento público, sejam também acessáveis por seu interlocutor.

Normalmente a partícula de negação possui um significado semântico que pode ser representado logicamente, porém (cf. Givón *apud* Gazdar, 1979:87) a negação sofre também restrições pragmáticas. Sendo assim, o que ocorre com a partícula de negação neste tipo de construção que estamos analisando é o enfraquecimento do significado semântico da negação, dando maior espaço a um tipo de função mais pragmática. Note o exemplo:

- (122) E outra também que eu estava andando, ***não tem aquela rua ali do lado do Correio?*** (est) que passa ali? Eu estava andando ali, aí os guris vieram aqui por trás assim, encostaram aqui em mim: "É, passa o que tu tens no bolso." (SCFLP14MGJ:1040)

Este exemplo é muito diferente de uma sentença do tipo: *não comeste hoje?*, na qual *não* estaria incidindo sobre o ato de comer, forçando uma resposta do tipo sim/não. Em (122) não é possível responder com um *não*, ou, pelo menos, se disséssemos um *não*, ele não estaria negando a existência da rua ao lado do Correio, mas sim a capacidade do ouvinte para acessar o referente pressuposto pelo falante.

Com este papel de ativador de foco, tal como ocorre com *sabe?*, a posição de *não tem?* torna-se mais livre na estrutura, podendo ocorrer posposto àquilo que focaliza, como nos exemplos abaixo:

- (123) Inf: Era bem diferente. (est) Aqui, por exemplo, na Praia de Fora, (est) viu? em frente a/ um Jardim/ aquele Jardim Esteves Júnior ali, a Praça Esteves Júnior, ***não tem ali?***  
Ent: Aquela lá embaixo, na saída da Esteves Júnior? (FLP24FBC:1058)
- (124) O carteiro começa a fazer a entrega, ... vamos dizer assim, na Valdemar Vieira, que é lá no Saco dos Limões, aquela avenida, ***não tem?*** ... depois pega ... a geral até [a] a Estimoarte. (SCFLP14:L67)

Perceba que esta posposição pode ser feita com a retomada de parte da referência, como é o caso de (123), *não tem ali?*, ou simplesmente o item *não tem?* é deslocado diretamente para depois do referente, como ocorre em (124). Este deslocamento pode ter sido o principal passo para que *não tem?* assumisse seu uso como RAD, com a propriedade básica de requisitar apoio, focalizando referentes nominais e, por estar entre porções textuais bem delimitadas, atuar como pista no estabelecimento de relações textuais. A partir daí, seu escopo pode ter sido ampliado, e este item ter passado a focalizar, além de referentes nominais, também situações, opiniões.

### ➤ **Caminho 2: como item que checa a existência**

Uma outra possibilidade para o caminho seguido por *ter* em direção a seu uso discursivo reside no emprego da construção (partícula de negação + *ter*) em contexto interrogativo, posposto a uma sentença com o verbo *ter* atestando existência de referentes, sendo usado para checar se o interlocutor está ciente da existência atestada para poder prosseguir com uma seqüência de fatos, eventos. Observe o exemplo:

- (125) Você passa o prédio da Reitoria. **Tem** o Prédio da Reitoria, **não tem?** (est) Aí você segue até a Biblioteca e anda mais cem metros.  
- Você passa o prédio da Reitoria. O Prédio da Reitoria, **não tem?** (est) Aí você segue até a Biblioteca e anda mais cem metros.  
- Você passa o prédio da Reitoria, **não tem?** (est) Aí você segue até a Biblioteca e anda mais cem metros.

Em (125) o falante vem dando os passos para a localização do informante e, ao inserir um referente nominal definido (*o prédio da Reitoria*), uma construção é introduzida para checar se o interlocutor pode acessá-la. Esta construção pode sofrer reduções como aquelas representadas no exemplo acima, até o ponto em que *não tem?* é colocado diretamente após o referente. Neste caso, apesar deste item parecer incidir preferencialmente sobre referentes nominais, ao ser colocado em seqüências narrativas ou de relatos de procedimento, por exemplo, passa a focalizar também situações, eventos, opiniões. Além de, estando entre partes textuais que mantêm relações entre si, atuar como elemento que assinala estas relações.

Para melhor representar tudo o que desenvolvemos até aqui propomos a figura 4, abaixo:

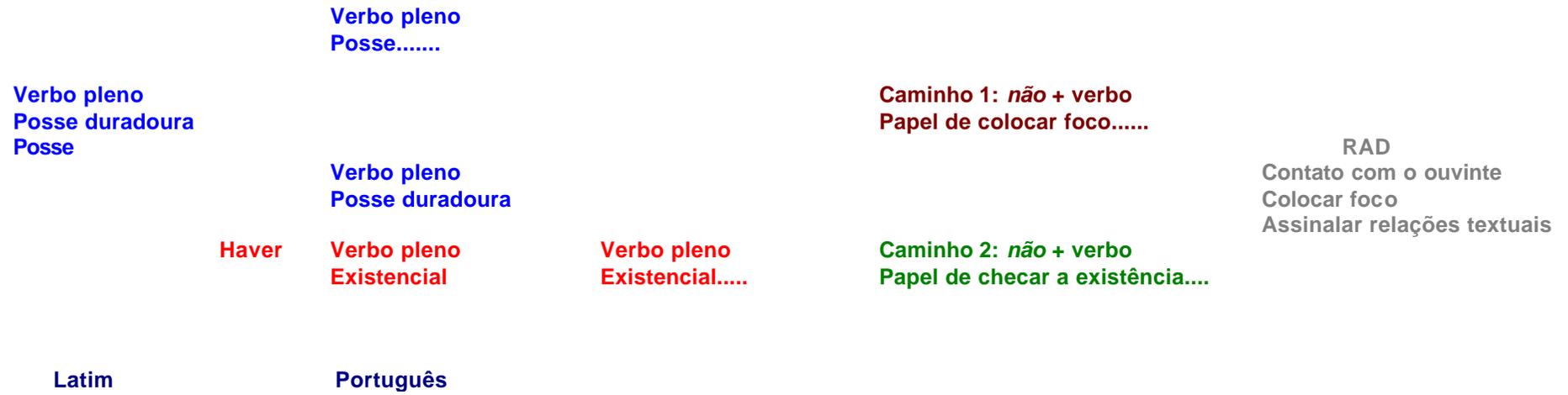


Figura 4: o percurso de *não tem*?

## 2. Semelhanças e diferenças entre os três percursos

Observando as possíveis trajetórias de cada um dos itens em estudo verificamos que: a) os três se assemelham porque todos eles, em dois momentos distintos, são inseridos em dois tipos de contextos, que impulsionam seus percursos de mudança na mesma direção: ideacional interpessoal textual; b) as diferenças existentes entre os três percursos são, essencialmente, decorrentes de traços do sentido-origem de cada um dos itens que persistem em seu uso como RADs.

### 2.1 Mudança do ideacional, via interpessoal, para o textual

Retomando a classificação de Thompson (1996:27-8), cada uma das três diferentes funções da linguagem – ideacional, interpessoal e textual – contribui para o significado da mensagem como um todo, sendo simultaneamente expressas por diferentes aspectos da palavra inserida em seu contexto. Contudo, dependendo do contexto em que a palavra é inserida, certa função pode ser mais evidenciada que as outras e a observação dos diferentes contextos de um item e, por sua vez, das diferentes funções destacadas neles, pode apontar a direção e o estágio do mesmo no processo de mudança.

Os três itens em análise seguem a direção proposta por Heine *et al.* (1991:190-1) para as mudanças via gramaticalização, na qual um item pode seguir em uma escala de sentido mais ideacional, via interpessoal (com componente de interação com o ouvinte), para o mais textual.

Este direcionamento se verifica para *sabe?*, *não tem?*, e *entende?*, pois estes itens, inseridos em contextos interrogativos, apresentam o traço ideacional, evidenciado em seu estado de verbo pleno, mais atenuado, enquanto sua função interpessoal é enfatizada pelo componente interacional envolvido na relação face-a-face entre falante e ouvinte. Em um segundo momento, inseridos em contextos relacionais, os itens parecem ter o traço interpessoal um pouco enfraquecido, abrindo espaço para o fortalecimento de função mais textual. Veja o quadro abaixo:

IDEACIONAL			
saber / ter / entender verbos plenos			
o	veiculam	sentidos	como
	conhecimento	/ existência	/
	compreensão		

INTERPESSOAL			
sabe / não tem / entende verbos inseridos em contextos interrogativos			
o	focalizam elementos		
o	checam	conhecimento,	existência e
	compreensão		

TEXTUAL			
sabe / não tem / entende RADs inseridos em contextos relacionais			
o	focalizam elementos		
o	estabelecem contato falante/ouvinte		
o	assinalam relações textuais		

Quadro 5: trajetória – ideacional > interpessoal > textual

## 2.2 O Princípio da Persistência

Hopper (1991:22) sugere cinco princípios, aplicáveis a vários tipos de mudança, dentre os quais está o Princípio da Persistência, segundo o qual uma forma, ao sofrer gramaticalização e passar de uma função lexical a uma gramatical, carrega consigo alguns traços de seu significado de origem, e detalhes de sua história lexical podem se refletir sobre sua distribuição gramatical.

Observando o que ocorre com os itens investigados, verificamos que este Princípio se aplica a eles, pois traços de seus sentidos-origem aderem ao item enquanto RAD e restringem ou direcionam suas possibilidades de atuação.

Como vimos na descrição de cada percurso: a) *sabe?*, tendo como sentido-origem *ter conhecimento de*, que não restringe o tipo de referente focalizado, pode tanto atuar sobre referentes nominais como sobre situações, opiniões; b) *entende?*, por ter como sentido-origem *ter a compreensão de*, em um primeiro momento, preferencialmente focaliza situações, eventos, opiniões; e c) *não tem?*, por ter seu sentido associado a um verbo existencial que chama a atenção para referentes, estaria mais propenso a focalizar referentes nominais.

## CAPÍTULO VII: FUNCIONAMENTO DE *SABE?* ~ *NÃO TEM?* ~ *ENTENDE?*

Este capítulo se estrutura em três seções, além de uma preliminar, assim organizadas: a) a primeira é reservada à análise dos resultados concernentes à hipótese geral da marcação, com a identificação dos grupos de fatores lingüísticos que condicionam a escolha de *sabe?*, *não tem?* e *entende?* e a descrição dos contextos discursivos de uso dessas variantes; b) na segunda seção são apresentados e discutidos os resultados obtidos para os fatores sociais; c) por fim, a partir da análise e interpretação dos resultados estatísticos, buscamos identificar o estágio de mudança em que se encontram estes três itens relativamente aos verbos de origem, relacionando-os entre si, e apontamos possíveis trajetórias que tendem a seguir.

### 1. Preliminares

Como ponto de partida, julgamos importante expor o encaminhamento das rodadas estatísticas que forneceram os resultados para a análise quantitativa.

A distribuição das variantes em relação a cada fator inicialmente testado foi obtida numa primeira rodada estatística geral (MAKECELL), da qual foram extraídas freqüências e percentagens para a discussão de alguns dos grupos de fatores. A partir desse resultado geral, foram feitas amalgamas de fatores que mostraram comportamento aproximado, tanto do ponto de vista lingüístico como estatístico, procedendo-se a uma rodada ternária (TVARB), que nos forneceu também resultados em peso relativo, além de freqüência e percentagem, para cada uma das variantes em estudo, sem nos dar, contudo, a ordem de significância estatística das variáveis condicionantes.

A seguir, foram realizadas rodadas binárias (IVARB), em que cada item foi comparado aos outros dois agrupados, a fim de verificarmos as variáveis selecionadas como significativas, qual a ordem de significância e quais os fatores condicionantes na escolha de cada uma das variantes. Ainda, para nos certificarmos de que os resultados obtidos nas rodadas binárias não estavam sendo enviesados pela junção de dois RADs em oposição ao outro, executamos mais seis rodadas binárias, desta vez opondo

somente dois itens entre si, *sabe?* x *entende?* e *sabe?* x *não tem?*, por exemplo, sendo os resultados usados apenas como confirmação e refinamento da análise. Para uma melhor visualização, observe abaixo o diagrama da seqüência de rodadas<sup>92</sup>:

1ª Rodada geral  
*sabe?* x *não tem?* x *entende?*  
(resultados em freqüência e percentagem)

Rodada ternária  
*sabe?* x *não tem?* x *entende?*  
(resultados em freqüência, percentagem e peso relativo)

Rodada binária <i>sabe?</i> x <i>não tem?</i> + <i>entende?</i>	Rodada binária <i>não tem?</i> x <i>sabe?</i> + <i>entende?</i>	Rodada binária <i>entende?</i> x <i>não tem?</i> + <i>sabe?</i>
(resultados em freqüência, percentagem, peso relativo e seleção dos grupos de fatores)		

Rodadas binárias para refinamento <i>sabe?</i> x <i>não tem?</i> <i>sabe?</i> x <i>entende?</i>	Rodadas binárias para refinamento <i>não tem?</i> x <i>sabe?</i> <i>não tem?</i> x <i>entende?</i>	Rodadas binárias para refinamento <i>entende?</i> x <i>não tem?</i> <i>entende?</i> x <i>sabe?</i>
(resultados em freqüência, percentagem, peso relativo e seleção dos grupos de fatores)		

Diagrama 1: seqüência das rodadas estatísticas do Pacote Varbrul

## 1.1 A hipótese geral e o Princípio da Marcação

Esta hipótese, como já referido, está apoiada no princípio da marcação, o qual prevê que as categorias cognitivamente mais marcadas (ou mais complexas) sejam também estruturalmente mais marcadas, podendo o mesmo ser verificado através de três critérios: a) complexidade estrutural: estruturas marcadas tendem a ser mais complexas que as não marcadas; b) distribuição de freqüência: categorias marcadas tendem a ser menos freqüentes que as não marcadas; c) complexidade cognitiva: categorias marcadas tendem a ser cognitivamente mais complexas que as não marcadas (cf. Givón, 1995:28).

Observe a distribuição geral dos itens investigados na tabela abaixo.

<sup>92</sup> Algumas amálgamas foram feitas em alguns grupos de fatores e se mantiveram em todas as rodadas.

	Freqüência	%
<b>SABE?</b>	203	39
<b>NÃO TEM?</b>	205	39
<b>ENTENDE?</b>	113	22
Total de dados	521	100

Tabela 2: Freqüência e percentagem das ocorrências de *sabe?*, *não tem?* e *entende?*

Conforme podemos perceber, a freqüência das ocorrências de *sabe?* e *não tem?* apresenta-se equilibrada, porém notamos, em comparação com estes dois itens, uma freqüência mais baixa de realizações de *entende?*.

Observando o comportamento das variantes à luz do princípio da marcação, verificamos que, em termos de complexidade estrutural, *entende?* é nitidamente mais marcado que *não tem?* e *sabe?*, por abarcar, entre outras, formas como *tá entendendo?* e *entendesse?*, uma envolvendo locução gerundiva e outra com dupla flexão; já *não tem?* é composto da união de dois elementos lingüísticos (partícula de negação + verbo) e *sabe?* pode, eventualmente, apresentar a forma alternante *sabes?*; nessas condições, há, de um lado, uma oposição clara entre *entende? versus não tem?* e *sabe?* e, de outro lado, uma certa oposição entre *não tem? versus sabe?*, considerando-se o primeiro elemento desse último par como mais marcado que o segundo devido à sua composição estrutural. Já em termos de freqüência, *sabe?* e *não tem?*, por serem mais freqüentes, são menos marcados que *entende?*. Através do quadro abaixo podemos resumir a configuração dos três itens em relação aos dois critérios de marcação que puderam ser aplicados a eles<sup>93</sup>:

<b>SABE?</b>	<b>NÃO TEM?</b>	<b>ENTENDE?</b>
- complexidade estrutural + freqüência	+ complexidade estrutural + freqüência	+ complexidade estrutural - freqüência
Menos marcado nos dois critérios	Menos marcado em um critério	Mais marcado nos dois critérios

Quadro 6: *sabe?*, *não tem?* e *entende?* e os critérios de marcação

A configuração obtida acima com relação aos critérios de marcação reflete uma escalaridade entre os três itens em análise, que vai do mais marcado ao menos marcado, passando por um nível intermediário:

*sabe?*  
menos marcado

*não tem?*

*entende?*  
mais marcado

<sup>93</sup> Com relação à complexidade cognitiva não fica clara nenhuma diferença entre os itens analisados e, portanto, decidimos excluir este critério.

Acreditamos que, de um modo ou de outro, seja pela complexidade estrutural ou pela frequência de uso, os resultados para os grupos de fatores lingüísticos estão correlacionados ao fenômeno da marcação (cf. Tavares, 1999). Este princípio é retomado e sua aplicação revista na última seção deste capítulo.

## 2. Grupos de Fatores Lingüísticos

Nesta seção é feita a análise a respeito da influência dos fatores lingüísticos, que são apresentados do seguinte modo: a escolha das variáveis é caracterizada e justificada com base na literatura já disponível, quando possível; em seguida é apresentada a hipótese a respeito do grupo de fatores específico e, a partir da apresentação dos resultados, passa-se à discussão em relação à expectativa inicial.

Dentre as variáveis lingüísticas controladas, o pacote estatístico VARBRUL selecionou as seguintes, dispostas por ordem de relevância para cada um dos itens investigados:

SABE?	NÃO TEM?	ENTENDE?
1º atuações dos RADs como elementos focalizadores	1º - atuações dos RADs como elementos focalizadores	1º - tipo de seqüência discursiva/textual
2º - estímulos	2º - tipo de seqüência discursiva/textual	
3º - hesitações	3º - estímulos	
4º - tipo de seqüência discursiva/textual	4º - hesitações	
	5º - pausas	

Quadro 7: grupos de fatores lingüísticos selecionados para *sabe?*, *não tem?* e *entende?*

Para a análise que segue, ao invés de se discutir apenas os grupos de fatores selecionados, acima referidos, optamos por apresentar todas as variáveis em jogo, reunindo-as em três conjuntos em virtude da natureza comum de alguns fatores. Tal procedimento se justifica em função de ganhos analíticos que se espera conseguir, com a discussão conjunta de algumas hipóteses. No decorrer da análise, as variáveis mais significativas serão devidamente assinaladas. Note-se que resultados percentuais também são relevantes numa análise quantitativa, embora não reflitam tendências com o mesmo nível de confiança fornecido pelos cálculos probabilísticos dos quais derivam os pesos relativos. Os três conjuntos de variáveis estão organizados no quadro abaixo.

1) Comprometimento dos RADs com a sintaxe discursiva	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ formas dos RADs</li> <li>▪ presença de pronomes junto aos RADs</li> <li>▪ referência temporal do contexto</li> </ul>
2) As atuações e os contextos sintáticos/discursivos dos RADs	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ atuações dos RADs como elementos focalizadores</li> <li>▪ tipo de seqüência discursiva/textual</li> <li>▪ as relações assinaladas pelos RADs</li> <li>▪ posições dos RADs</li> <li>▪ presença de conector entre orações</li> <li>▪ status informacional</li> </ul>
3) Os aspectos circundantes dos RADs	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ estímulos</li> <li>▪ pausas</li> <li>▪ hesitações</li> <li>▪ presença de MDs junto aos RADs</li> </ul>

Quadro 8: divisão dos grupos de fatores lingüísticos em três grupos

Cada um desses três blocos é tratado nas subseções a seguir, com a discussão das variáveis que o compõem, apresentando-se, ao final de cada um, considerações que capitalizam a influência daquele agrupamento sobre os rumos da mudança dos itens em análise.

## 2.1 Comprometimento dos RADs com a sintaxe discursiva

Este bloco de análise é composto por três variáveis lingüísticas – *formas dos RADs*, *presença de pronome junto aos RADs* e *referência temporal do contexto* – que dizem respeito à descrição de alguns dos aspectos formais concernentes a dois dos itens em análise, *sabe?* e *entende?*, uma vez que apenas esses apresentam variações em sua forma de representação, principalmente o segundo, que conta com o maior número de sub-formas.

Os resultados em frequência e percentagem para as três variáveis aqui apresentadas foram extraídos da rodada estatística geral, tendo esses grupos de fatores sido excluídos das rodadas seguintes, por não se constituírem como possíveis condicionamentos para a escolha de *sabe?*, *não tem?* e *entende?*.

### 2.1.1 Formas dos RADs e Presença de pronome junto aos RADs

Como as hipóteses para estes dois grupos de fatores são complementares, optou-se por, após descrever cada variável separadamente, fazer uma análise conjunta dos resultados.

#### ➤ Caracterização da variável *formas dos RADs*

Conforme vimos no capítulo I, quando um item assume funções discursivas costuma fixar sua forma e, assim, geralmente, não está sujeito à flexão número-pessoal e/ou modo-temporal, por exemplo. Contudo, Urbano (1999:215) observa que *entender* em seus usos discursivos apresenta as variantes *entende?* e *entendeu?*, com uma frequência bem maior da última (77,77%), e que *sabe?* ocorre somente na forma do presente do indicativo<sup>94</sup>.

Analisamos como variável dependente as macroformas *sabe?*, *entende?* e *não tem?*, mas, em nosso *corpus*, além das formas de realização já mencionadas por Urbano, encontramos como variantes para *entende?* as formas *entendes?*, *entendesse?*<sup>95</sup>, *tá entendendo?* e *tás entendendo?*. A variante *sabe?* se realiza através das formas *sabes?* e *sabe?*. E para *não tem?* não existe variação, a não ser que consideremos suas variações fonéticas *num tem?*, *nu tem?* e *n' tem?*; mas para tanto cada ocorrência deveria ser ouvida e julgamos que isto pode ser feito em uma pesquisa futura.

Observe abaixo as formas controladas como fatores para este grupo e seus respectivos exemplos:

- sabe?
- sabes?

(126) Tá! Eu estudo no Colégio Catarinense, eu acho o colégio/ ele é bom só que eu acho que ele tem muita regra, **sabe?** Que ele é muito antigo e ele ainda não mudou as normas, ele mudou muito dos anos sessenta pra cá, né? (FLP20FJG:416)

(127) Inclusive (hes) eu escrevi pra ele, ele escreveu mais duas cartas pra gente -- (dirigindo-se ao interveniente) Podes deixar.--... E não tocou no nome da minha filha,... (est) **sabes?** Falou muito sobre São Paulo, sobre o serviço dele. (FLP11FAG:722)

- entende?
- entendeu?

<sup>94</sup> Urbano (1999) ainda nota que, fora do *corpus*, observa-se um uso moderno de *sabia?*, principalmente na linguagem jovem, mas parece que já acusa declínio.

<sup>95</sup> A forma *entendesse?* corresponde a segunda pessoa do pretérito perfeito do modo indicativo (*entendeste?*), mas por um processo de assimilação fonética *ste* é pronunciado como *sse*.

- entendes?
- entendesse?
- tá entendendo?
- tás entendendo?

- (128) Inf: Sabe, a droga, ela/ como falei ontem também, pra minha namorada, ela tipo, vai te cegan::do, **entende?** tu não/ tu não consegues te ver, ela vai te cegando, tu não consegues ver o/ o mal que ela tá te causando, **entendeu?** Só quando tu paras, tu dás um tempo, tu dizes: "Pó::! perdi muito tempo, me fez (hes) muito mal, não valeu a pena",... **entendes?** (est)  
Ent: (hes) O bom é que tu tens consciência disso, né? (FLP12MJC:356)
- (129) Inf: Não, eu saio mais com guria. Geralmente, eu/ eu tenho apenas um amigo e [u-] e amiga, eu tenho um monte de guria, né? Amiga, eu tenho um monte. **Entendesse?**  
Ent: Vocês conversam coisas assim íntimas? (FLP14MJG:1074)
- (130) A gente ia pra um sítio. Então, quer dizer, lá não tinha luz, não tinha água. Água tinha, não tinha luz. Ah, não tinha televisão, não tinha nada, **tá entendendo?** então, quer dizer, a gente/ era uma/ lindo o sítio, era enorme, quer dizer, bem lon::ge... da federal, né? (FLP04FJC:905)
- (131) Inf: Então a gente não tem assim a [gen-]/ Eu conto assim com os vizinhos, tá? conto com eles tudo assim mas não é assim- Não tem assim aquela família, que não é assim aquela- Tu tens um irmão, tu tens o/ tens o teu pai, tua tia, **tás entendendo?**  
Ent: Entendo, entendo. (FLP03FAP:402)

### ➤ **Caracterização do grupo presença de pronome junto aos RADs**

Os RADs em estudo, dado que se originam de verbos inseridos em construções plenamente interrogativas, podem vir antecidos por pronomes retos de segunda pessoa, como *tu* e *você*.

Em nossos dados não encontramos o pronome *você* antecido nenhuma das ocorrências, portanto controlamos a presença de *tu* nos seguintes termos:

- ausência de pronome junto ao RAD
- presença de pronome junto ao RAD

Veja o exemplo:

- (132) Então têm duas descidas e a gente não sabe qual é a descida que é pra sair,... e eles não dão informação,... **tu sabe?** Os paraguaios, eles não dão pra gente/ informação pra gente. E a gente pegou um táxi. (FLP09FAG:820)

### ➤ **Hipótese**

Como notamos no quadro 6, a variável dependente aqui estudada parece estar distribuída em uma escala que vai do item mais marcado (*entende?*) ao menos

marcado (*sabe?*), contando com um item em nível intermediário (*não tem?*). Tal escala poderia ficar ainda mais acentuada se as diferentes formas de realização das variantes *sabe?* e *entende?* associassem a flexão (ou pelo menos vestígios dela) à presença do pronome *tu* ou *você*, como resquícios de uma estrutura oracional constituída de sujeito + verbo, com alguma marca de concordância. Assim, uma hipótese plausível seria a de que a variante *entende?* apresenta maior complexidade estrutural, seja pela frequência maior de alterações formais em sua flexão, seja pela presença de *tu*. Dois aspectos concernentes à estrutura da língua portuguesa devem ser considerados aqui: o preenchimento do sujeito e a redução do paradigma flexional verbal, conforme comentamos abaixo.

Em relação à presença de pronomes, acreditamos que apesar de nossa língua, conforme afirma Duarte (1993), ter passado por um período de transposição comum a várias outras línguas, perdendo sua característica de *pro-drop*<sup>96</sup> e tornando-se não *pro-drop*, ou seja, língua de sujeito preenchido, os RADs não seguem esta tendência. Nossa hipótese, baseada nos resultados de Valle (1998), é de que exista um número reduzido de ocorrências de *sabe?* e *entende?* antecedidas por pronomes, o que reforçaria o distanciamento destes itens discursivos em relação a seus verbos de origem e os deixaria um pouco menos marcados em termos de complexidade estrutural. A contraparte dessa tendência do português ao preenchimento do sujeito é o empobrecimento do paradigma verbal número-pessoal (cf. Duarte, 1993), o que reforça nossa expectativa de que as formas variantes apresentarão poucas ocorrências com marcas flexionais de segunda pessoa. Observe-se ainda que, paralelamente à redução das marcas número-pessoais, tem-se verificado no português uma redução também no paradigma modo-temporal (cf. Coan, 1997; Silva, 1998; Pimpão, 1999; Gibbon, 2000), o que nos leva a esperar encontrar poucos dados da variante *entende?* em formas marcadas quanto a modo e tempo.

Por outro lado, espera-se que as ocorrências com presença de *tu*, embora esparsas, se concentrem com a variante *entende*, especialmente com as formas mais marcadas.

---

<sup>96</sup> Conceito desenvolvido pela Teoria Gerativa, aplicado para designar línguas que tenham como característica o sujeito não preenchido.



entre os RADs e suas respectivas formas verbais, estes itens teriam já fixado bem a sua forma e, de maneira geral, estariam bastante abstratizados em relação a seu conteúdo referencial inicial. De qualquer modo, embora numa frequência muito baixa, o pronome se mantém junto à variante mais complexa, distribuindo-se entre uma forma morfológicamente marcada (*entendes?*) e uma não marcada (*entende?*), correspondendo parcialmente à nossa expectativa.

No que se refere à forma dos RADs, temos as seguintes ocorrências:

ENTENDE?	Freq.	%	SABE?	Freq.	%
Entendeu?	49	43	Sabe?	195	96
Entende?	29	26	Sabes?	8	4
Tá entendendo?	13	12	TOTAL	203	100
Entendes?	11	10			
Entendesse?	6	5			
Tás entendendo?	5	4			
TOTAL	113	100			

Tabela 3 e 4: Frequência das formas de *entende?* e de *sabe?*

Esses resultados contemplam quase inteiramente nossa hipótese atinente à correlação entre complexidade estrutural e frequência. Veja-se a distribuição dos percentuais em relação à escala inicialmente proposta:

(tás entendendo? / entendesse?)	–	(entendes?)	–	(tá entendendo?)	–	(entende?)	–	(entendeu?)	
4%		5%		10%		12%		26%	43%
menos freqüente				mais freqüente					

A única inversão ocorreu com a forma *entendeu?* que, sozinha, dá conta de quase metade das realizações da variante em questão. Esperávamos que o somatório das formas *entende?* e *entendes?* fosse mais freqüente que o de *entendeu?* e *entendesse?*, mas os resultados numéricos mostraram o inverso, com 36% das ocorrências para o primeiro conjunto e 48% para o segundo. Martelotta (1998:86) verifica este mesmo comportamento, encontrando uma grande quantidade de ocorrências de *entendeu?*, em contraste com o pequeno número de ocorrências de *entende?* (somente duas ocorrências). O autor propõe que a explicação para este comportamento, e também para o fato de *sabe?* não ser usado na forma pretérita, possa emergir do conceito de *telicidade*:

Analísada do ponto de vista de sua consecução, ou mais especificamente, da existência ou não de seu ponto terminal, uma situação é télica quando implica um ponto terminal necessário. Quando isto não ocorre, a situação é atélica (Martelotta, 1986 *apud* Martelotta, 1998:86).

Segundo o autor, *sabe?* se origina a partir de uma situação atélica, pois seu significado em contextos de pergunta plena, *ter conhecimento*, não implica um ponto terminal. *Entende?*, ao contrário, se origina a partir de uma situação télica, pois seu sentido em contextos de pergunta plena, *receber conhecimento*, implica um ponto terminal. Deste modo, é natural que *sabe?* se apresente no presente do indicativo enquanto *entende?* é mais freqüente no pretérito.

Ainda assim, é interessante notar que, diferentemente dos resultados de Martelotta (1998), as ocorrências de *entende?* no presente do indicativo são bastante comuns em nosso *corpus*, ocupando o segundo lugar em termos de freqüência (29 ocorrências). A taxa relativamente alta de ocorrências de *entende?* e *entendes?* é curiosa e pode estar indicando que o item *entende?* está no início da etapa de simplificação de sua forma, apesar de ainda apresentar morfologia variada e bastante marcada, mostrando um comportamento mais próximo a seu verbo de origem.

## 2.1.2 Referência temporal do contexto

### ➤ Caracterização e hipótese

*Entende?* possui formas em tempos verbais variados e pode se encontrar em contextos de referência temporal diferentes. Através deste grupo de fatores tentamos perceber se a referência temporal do enunciado no qual se encontra o RAD pode influir na forma deste elemento. Classificamos este grupo nos seguintes fatores:

- referência temporal presente
- referência temporal passada
- referência temporal futura

Observe o exemplo abaixo, no qual *entendeu?* encontra-se em um contexto de referência temporal futura:

- (133) Não sei,... (risos E) não sei se devo acreditar. Eu acho que se/ se vier esse dia, eu/ eu vou estar preparado, **entendeu?**... não tem porque ter medo, né? Não vou ficar em:: mil novecentos e noventa e oito, ficar lá esperan::do: "Ai, (risos E) vai chegar esse dia, (inint) está chegando." Não, se vier, que seja. (est) Seja como ele/ como ela quiser. (FLP12MJC:897)

Em Valle (1998) encontramos muitos casos em que *entendeu?* aparecia em contextos de referência temporal presente, ocorrendo também o inverso, com *entende?* em contextos de referência temporal passada. Diante dessa evidência e admitindo que o RAD está perdendo suas características verbais, nossa hipótese é de que as formas de *entende?* se apresentem independentemente da referência temporal dos trechos nos quais ocorrem.

### ➤ Resultados e discussão

Como não existiram muitas ocorrências com *referência temporal futura*, decidimos opor *referência temporal passada* à *referência temporal não passada*. Unimos, também, de um lado as formas de *entende?* no pretérito, e de outro aquelas no presente. Observe, na tabela abaixo, os resultados do cruzamento entre *referência temporal* e *forma dos RADs*:

FORMA	REFERÊNCIA TEMPORAL			
	PASSADA		NÃO PASSADA	
	Ap./Tot.	%	Ap./Tot.	%
Entende? – entendes? – tá(s) entendendo?	28/58	48	30/58	52
entendeu? – entendesse?	26/55	47	29/55	53
TOTAL	54/113	48	59/113	52

Tabela 5: Cruzamento entre referência temporal e forma dos RADs

Percebemos, que a relação entre forma e referência temporal é tão arbitrária que o percentual de dados das formas no pretérito é um pouco maior (53%) em contextos de referência temporal não passada. Percebemos que, de maneira geral, não existem grandes diferenças entre a distribuição das formas em relação à referência temporal, o que confirma nossa hipótese de que a escolha das formas de *entende?* não estaria associada à referência temporal de seu contexto de ocorrência. A escolha de suas formas parece estar mais ligada, retomando os comentários feitos para as variáveis anteriores, à questão da telicidade do verbo *entender*.

### 2.1.3 O comprometimento dos RADs com a sintaxe discursiva e os rumos da mudança

A partir da análise dos três grupos de fatores arrolados neste bloco, verificamos que, de maneira geral, os RADs são bastante descomprometidos com a estrutura sintática, pois: a) o número de membros de seus paradigmas é reduzido, sendo que uma ou duas de suas formas (*sabe?* e *entendeu?/entende?*) concentram a maior quantidade de ocorrências no papel de requisitos de apoio; b) as atuações destes itens, semanticamente distantes de seus verbos de origem, estão mais abstratizadas, o que se reflete no número mínimo de pronomes associados aos RADs (5 ocorrências), mesmo que o português brasileiro pareça estar perdendo sua característica de língua de sujeito nulo.

De modo mais específico, dos três itens, o menos distante de sua origem verbal, e, portanto, mais atrasado no movimento de mudança, é *entende?*, que apresenta uma maior variabilidade de formas atuando como RADs (6 possibilidades formais) e concentra quase que a totalidade das ocorrências associadas com pronome (4 das 5 ocorrências). Mesmo assim, já se mostra bastante inclinado a fixar-se na sua forma menos marcada (*entende?*) e naquela que condiz com seu caráter télico (*entendeu?*), não apresentando restrições formais em relação à referência temporal do contexto em que se insere.

## 2.2 As atuações dos RADs e os contextos sintáticos/discursivos

Compõem este bloco de análise, seis variáveis lingüísticas – algumas relacionadas às preferências funcionais dos RADs e outras que podem caracterizar seus contextos de uso: *atuações dos RADs como elementos focalizadores, tipo de seqüência discursiva/textual, as relações assinaladas pelos RADs, posições dos RADs, presença de conector entre orações, status informacional.*

Os resultados apresentados para as variáveis selecionadas como relevantes foram extraídos das rodadas binárias que opunham cada item *versus* os outros dois itens em estudo e, eventualmente, lançamos mão de alguns comentários que põem em contraste somente dois itens entre si. Lembramos que as variáveis estatisticamente

significativas para este bloco foram: *funções dos RADs como elementos focalizadores e tipo de seqüência discursiva/textual*. Entretanto, vamos tecer comentários sobre todos os grupos.

### 2.2.1 Atuações dos RADs como elementos focalizadores

#### ➤ Caracterização e hipótese

A caracterização e exemplificação deste grupo de fatores foi feita no capítulo V quando detalhamos as atuações dos RADs, por isso somente retomamos abaixo os fatores controlados:

- foco na situação passada
- foco na situação presente
- foco no participante
- foco na característica do participante
- foco na avaliação do falante
- foco na opinião do falante

De maneira geral, acreditávamos que os RADs seriam mais usados para colocar foco na opinião e na avaliação do falante, bem como na situação presente, manifestando sua característica de requisito de apoio discursivo e, portanto, atuando ainda fortemente na relação extratextual, na relação entre falante e ouvinte, sendo usado para buscar a aprovação do interlocutor ou somente como marca de polidez.

Esta hipótese fundamenta-se na oposição entre *mundo comentado* e *mundo narrado*, grupos em que se repartem as situações comunicativas, assim caracterizados: a) mundo comentado – o falante está mais comprometido e apresenta uma atitude tensa frente ao que está verbalizando, deixando o ouvinte em alerta para responder (situação mais interativa); b) mundo narrado – o falante assume o papel de narrador, convidando o interlocutor a ser simples ouvinte (situação menos interativa) (cf. Weinrich, *apud* Koch, 1987).

Por outro lado, esperávamos que os RADs fossem menos recorrentes como sinalizadores de foco nos participantes e seus atributos, pelo caráter de referencialidade associado a esses elementos, o que atenuaria a necessidade de qualquer tipo de requisito de apoio discursivo.

De forma mais específica, nossa expectativa era de que *entende?*, por ser mais marcado, fosse o mais usado com foco sobre a opinião do falante, solicitando uma maior participação responsiva por parte do interlocutor. Porém, não tínhamos nenhuma expectativa definida para o comportamento particular de *sabe?* e *não tem?*.

### ➤ Resultados e discussão

Este grupo de fatores se mostrou fortemente atuante na escolha dos itens em análise, sendo selecionado como primeiro em relevância para *sabe?* e *não tem?* e, mesmo não tendo sido selecionado para *entende?* na rodada estatística binária dele *versus* os outros dois itens, apresentou um grau de significância bastante bom, além de ter sido selecionado como primeiro grupo em relevância em rodada binária de *entende?* x *sabe?*.

FOCO	SABE?			NÃO TEM?			ENTENDE?		
	Ap./Tot.	%	PR	Ap./Tot.	%	PR	Ap./Tot.	%	PR
Avaliação	57/81	70	<b>0,77</b>	13/81	16	<b>0,24</b>	11/81	14	(0,37) <sup>98</sup>
Característica	22/51	43	0,48	21/51	41	0,57	8/51	16	(0,41)
Sit. Passada	49/146	34	0,45	60/146	41	0,50	37/146	25	(0,56)
Sit. Presente	40/124	32	0,44	58/124	47	0,58	26/124	21	(0,50)
Opinião	26/84	31	0,44	31/84	37	0,53	27/84	32	(0,64)
Participante	7/29	24	<b>0,35</b>	19/29	66	<b>0,74</b>	3/29	10	(0,30)
TOTAL	201/515 <sup>99</sup>	39		202/515	39		112/515	22	
	Input: .38	Sig.: .017		Input: .38	Sig.: .049		Input: .21	Sig.: .021	
	1º selecionado			1º selecionado			Não selecionado		

Tabela 6: atuação do tipo de foco sobre o uso dos RADs

Realizando inicialmente uma leitura vertical<sup>100</sup>, a partir de cada variante, verificamos que, em termos de frequência de uso, a distribuição global dos itens entre as

<sup>98</sup> Os resultados em peso relativo para os grupos não selecionados como significativos foram extraídos do nível 1 da rodada estatística, quando o grupo é avaliado individualmente.

<sup>99</sup> O total de ocorrências (521) observado na tabela 1 sofre pequena diminuição aplicado a este grupo de fatores, porque quando um dos itens atuava no papel relacional de *planejamento verbal*, pela própria natureza deste tipo de atuação, de processamento e busca, não havia marcação de foco. Esses dados foram desconsiderados nesta etapa da análise.

<sup>100</sup> Os resultados fornecidos pelo Pacote Estatístico VARBRUL são calculados horizontalmente, ou seja, toma-se como referência de cálculo o total de ocorrências de cada um dos fatores analisados em relação à variável dependente, obtendo-se uma leitura do seguinte tipo: *do total de ocorrências com foco na*

possibilidades de focalização praticamente confirma nossa hipótese geral, pois a maioria das ocorrências de *sabe?* e *entende?* focalizam opinião + avaliação + situação presente: (*sabe?*: 133/201 = 66%), (*entende?*: 64/112 = 57%) e (*não tem?*: 102/202 = 50%). Em contrapartida, o número menor de dados aparece focalizando os participantes e suas características: (*sabe?*: 29/201 = 14%), (*entende?*: 11/112 = 10%) e (*não tem?*: 40/202 = 20%). Como se pode observar, nos resultados de frequência bruta, *sabe?* e *entende?* apresentam uma distribuição mais polarizada do que *não tem?*.

De modo mais específico, obtemos, ainda em uma leitura vertical da tabela, a seguinte configuração: a) conforme nossa expectativa, *entende?* é bastante associado a *foco na opinião do falante* (27/112 = 24%) e é ainda mais freqüente com *foco na situação passada* (37/112 = 33%), sendo, por outro lado, pouco freqüente como sinalizador de foco em participantes (3/112 = 3%) e em suas características (8/112 = 7%); b) *sabe?*, por sua vez, possui um alto índice de ocorrências com foco sobre a avaliação do falante (57/201 = 28%), e tem sua concentração bastante reduzida como focalizador de participantes (7/201 = 3%); c) *não tem?* é mais freqüente enfocando situações passadas (60/202 = 30%) e situações presentes (58/202 = 29%), sendo que o menor índice de ocorrências deste item é obtido em sua atuação como focalizador de avaliação do falante (13/202 = 6%).

Em termos de condicionamentos, os resultados em peso relativo nos mostram que, dos três itens, *sabe?* é o mais privilegiado (0,77) quando o foco incide sobre a avaliação do falante. Uma possível explicação para tal comportamento talvez resida no fato de que grande parte das avaliações feitas pelos informantes entram como pano de fundo, interrompendo uma seqüência tópica, ou como motivo para uma conseqüente explicação e especificação. Para recuperar, marcar o fundo e retomar o tópico, *sabe?* – como item menos marcado entre os três em análise – seria bastante adequado, pois cumpriria este papel de ordem mais textual, sem solicitar de forma mais explícita a participação do interlocutor. Em contrapartida, o uso de *sabe?* é inibido de forma acentuada quando o foco recai sobre o participante (0,35). Nos demais tipos de foco, o comportamento desse item é mais ou menos neutro, tendendo levemente a ser desfavorecido (com os pesos relativos entre 0,44 e 0,48).

---

*avaliação, 57 são de sabe?, 13 de não tem? e 11 de entende?.* Contudo, algumas vezes, a leitura vertical, tomando-se como base de cálculo o total de ocorrências de cada um dos itens que compõem a variável dependente, pode nos mostrar, de maneira mais nítida, a relação entre resultados e hipóteses, o que nos faz, eventualmente, optar por ela.

Mostrando um comportamento polarizado em distribuição quase complementar a *sabe?*, a variante *não tem?* é fortemente desfavorecida em focos de avaliação (0,24) e bastante privilegiada quando o foco é sobre participantes (0,74), tendendo este item a aparecer também para focalizar característica do participante (0,57), o que pode estar relacionado ao fato desta variante ser bastante neutra em termos de seu significado referencial e atuar, neste caso, como elemento de ativação de referentes. Reforça-se esta correlação de *não tem?* com a focalização sobre participantes se considerarmos que informações de localização espacial/temporal (tais como no exemplo abaixo) também foram codificadas como participantes.

(134) O carteiro começa a fazer a entrega,... vamos dizer assim::, na Valdemar Vieira, que é lá no Saco dos Limões, aquela avenida, ***não tem?*** depois pega a Geral até a/ a Estimoarte. O outro carteiro pega da Estimoarte e faz o resto do trajeto. Então sempre começa aqui num ponto e outro pega adiante. (FLP14MBG:70)

Além disso, verificamos que, de maneira não tão polarizada, *não tem?* é favorecido nos casos em que o foco incide sobre a situação presente (0,58), enquanto *sabe?* é inibido (0,44) nesse contexto.

Embora esta variável não tenha sido selecionada como significativa para *entende?*, tecemos alguns comentários interpretativos com base nas frequências e em algum resultado probabilístico, porém relativizando a análise. O peso mais alto está associado à focalização na opinião (0,64), que aparece também com um percentual significativo, conforme já foi destacado anteriormente, o que confirma nossa hipótese. Mas, diferentemente do que se esperava, a maior quantidade de ocorrências de *entende?* aparece como focalizador de situação passada (37 dados), com um peso relativo associado de 0,56<sup>101</sup>. Relacionando estes resultados à idéia de marcação, *entende?*, como item mais marcado, dá foco a informações mais complexas, talvez para que o interlocutor se sinta mais impelido a dar sua aprovação. No caso de situações passadas, como a recuperação de informações pretéritas pode ser dificultosa em alguns momentos, o alto índice de *entende?* com foco neste tipo de situação pode ser entendido como requisito de apoio ou como estratégia de planejamento discursivo.

Para uma melhor visualização veja na tabela abaixo a situação de cada um dos itens em relação a seus fatores condicionantes:

SABE?	NÃO TEM?	ENTENDE?
1º Foco na avaliação do falante - 0,77	1º Foco no participante - 0,74 2º Foco na situação presente - 0,58 3º Foco nas características do participante - 0,57	1º Foco na opinião do falante - (0,64) 2º Foco na situação passada - (0,56)

Quadro 9: condicionamentos das funções de focalização sobre os itens em análise

## 2.2.2 Tipo de seqüência discursiva em que os RADs ocorrem

### ➤ Caracterização e hipótese

Tomando como base os tipos de seqüência discursiva fornecidos nas diferentes tipologias utilizadas por Gavazzi (1998:67-9), Macedo e Silva (1996:15) e Guy et al. (1986:43-4), formamos a nossa própria classificação, dividindo esta variável nos seguintes fatores:

- ❑ **factual:** trecho em que o informante simplesmente fornece informações sobre uma situação corrente, como seu grau de instrução, seu ramo de trabalho, sua escolha por determinados gêneros de filmes, etc.
- (135) Ent: E o senhor tem filhos?  
Inf: Tenho. Eu tenho um que é:- O mais velho é engenheiro electricista. Ele trabalha na CELESC, **não tem?** A gente deu estudo pra eles. Quem não (hes) tem estudo é porque não quis. (FLP06MBP:227)
- ❑ **relato de procedimento:** trecho com a descrição dos passos necessários na realização de determinadas tarefas, como uma receita culinária, a explicação de um endereço, as diretrizes para se montar um computador, etc... Geralmente no tempo do presente do indicativo, mas também podendo ocorrer no tempo passado, quando, por exemplo, o informante relata como se montava um carrinho de rolimã na sua época.
- (136) Mas, também, pode não/ se não quiser, também não precisa colocar que salada fica ótima do mesmo jeito sem salame... E tem o molho também pra salada que é: meia xícara de maionese,... **sabe?** Tu Pegas a maionesezinha, o suco de meio limão,... sal, pimenta e um pouquinho de açúcar,... tá? Isso é o que vai. (FLP01FAP:616)

<sup>101</sup> Na rodada binária de *entende?* x *sabe?*, na qual o grupo de fatores em análise foi o primeiro selecionado, os resultados em termos de peso relativo mostram ainda mais nitidamente o favorecimento de *entende?* quando o foco é sobre a opinião do falante (0,65) e sobre situações passadas (0,60).

- **descrição:** trecho, tanto no passado quanto no presente, em que um objeto ou pessoa são caracterizados, como a constituição física de alguém, os detalhes de um quadro, etc...
- (137) É que a minha vó morreu quando a minha irmã nasceu, no caso, faz dez anos, né? Aí o meu avô casou de novo, e aí no caso eu tenho uma vódrasta, que a maioria da família não gosta muito dela porque ela é muito assim, sabe, mandona, quer que a gente chame ela de tia, dessa coisas assim, **sabe?** caso de vó. (FLP19FJG:66)
- **descrição de vida:** trechos em que são relatadas situações habituais ocorridas no passado, como as idas do informante à escola, como passava suas tardes, com o que costumava brincar, etc...
- (138) Inf: E o meu pai era pescador, né?... então a gente sempre ia ali esperar meu pai, às seis horas, que saísse do serviço, ele vinha nos ver. Muitas vezes ele [viaja-] viajava longe com uma lancha chamada Lancha São Francisco,... **sabe?**... (est) então =atravessava=  
Ent: =E era dele,= não? (FLP18MAC:143)
- **narração:** trecho constituído por relatos verbais de fatos particulares ocorridos no passado, como a conquista de uma corrida, o primeiro beijo, uma viagem, etc...
- (139) Aí eu tava dormindo, tudo e:... eu tava com uma dor de cabeça, a minha mãe saiu pra pegar um óleo de:... de ungir, **não tem?** e passou, assim, na minha cabeça, orou, tudo. "Pelo amor de Deus, (est) que cure o meu filho, que tal." Aí chegou num dia pro outro eu [t-] fui dormir e curou, assim, passou a dor, passou a dor de cabeça assim, na hora. (FLP10MJP:1090)
- **argumentação:** trecho em que o informante expõe e/ou justifica seus pontos de vista e opiniões, sobre a situação econômica do país, sobre as drogas, sobre a pena de morte, etc... Costuma ocorrer no tempo presente e com freqüente uso de expressões como *eu acho que, pra mim*.
- (140) Ent: Fernando Henrique Cardoso. O que que tu achas?  
Inf: (hes) Ele é uma pessoa boa, né?... (est) que... não resolve muitas coisas mas... dá pra resistir, né? Agora que eles tão cobrando muito dinheiro de nós, né?... (est) Como é que é? O ônibus subiu, né? a gasolina subiu, essas coisas todas, **não tem?**... (est) E agora tá ruim de arrumar emprego pra nós, né? pra eles tá fácil, né?... (est) e:... acho que tão/ ainda tão mais ou menos, assim, na:... **não tem?** na/ fazendo o serviço deles, tão fazendo poucas coisas mas não é/ não precisa fazer muito e não precisa fazer menos, (est) mas fazer média, assim, mas tá bom. (FLP10MJP:1613)

Martelotta (1998:87) nota que tanto *sabe?* quanto *entendeu?* ocorrem com maior freqüência em *relatos de opinião*, que corresponderiam, em nossa classificação, à argumentação; essa mesma tendência foi constatada por Macedo e Silva (1996:19) para os RADs em geral.

Acreditamos que resultado similar seja obtido com relação a nossos dados, porém, como as entrevistas do Projeto VARSUL são compostas por uma grande porção de seqüências de narração e de descrição de vida, acreditamos que neste tipo de seqüência os RADs também sejam recorrentes. Tomando-se cada item isoladamente,

espera-se uma correlação maior entre *entende?* e argumentação em oposição a *sabe?* e *não tem?*, que seriam mais influenciados pela narração e descrição de vida (cf. Valle, 1998)<sup>102</sup>.

### ➤ Resultados e discussão

Os resultados para este grupo de fatores também mostraram-se bastante relevantes, sendo ele selecionado como primeiro mais significativo para *entende?*, segundo para *não tem?* e quarto para *sabe?*, nas rodadas binárias mais gerais. Quando verificamos os resultados das rodadas mais específicas, constatamos que a relevância deste grupo continua muito forte, muitas vezes é até mesmo aumentada. Na oposição de *sabe?* x *não tem?* sua atuação é ainda mais significativa, passando a ser o terceiro grupo de fatores selecionado. Vejamos a tabela abaixo<sup>103</sup>:

SEQÜÊNCIA DISCURSIVA	SABE?			NÃO TEM?			ENTENDE?		
	Ap./Tot.	%	PR	Ap./Tot.	%	PR	Ap./Tot.	%	PR
Descrição	48/80	60	<b>0,65</b>	21/80	26	0,38	11/80	14	<b>0,37</b>
Descrição de vida	44/97	45	0,58	26/97	27	<b>0,37</b>	27/97	28	0,59
Argumentação	25/84	30	0,47	32/84	38	0,45	27/84	32	<b>0,64</b>
Factual	56/155	36	0,46	69/155	45	0,55	30/155	19	0,47
Narração	30/105	29	<b>0,39</b>	57/105	54	<b>0,68</b>	18/105	17	0,44
TOTAL	203/521	39		205/521	39		113/521	22	
	Input: .38	Sig.: .017		Input: .38	Sig.: .049		Input: .21	Sig.: .017	
	4º selecionado			2º selecionado			1º selecionado		

Tabela 7: Atuação dos tipos de seqüência discursiva sobre o uso dos RADs

A distribuição geral dos dados nos mostra que a freqüência dos RADs nas seqüências narrativas (105/521 = 20%) e de descrição de vida (97/521 = 19%) é ainda mais alta do que esperávamos. Isto pode ter se dado porque, na execução das entrevistas

<sup>102</sup> O gênero narrativo controlado pela autora compreende tanto narração quanto descrição de vida.

<sup>103</sup> É preciso apenas comentar que, como o número de ocorrências em relato de procedimento foi bastante reduzido (13 ocorrências no total), agrupamos este tipo de seqüência àquelas que se apresentam no gênero factual, pois ambos os tipos aparecem predominantemente no presente do indicativo e apenas fornecem informações, sem discutir seu conteúdo.

do Projeto VARSUL, os entrevistadores são orientados a fazer perguntas que remetam a seqüências discursivas de tipos variados, porém, principalmente entre aqueles informantes que já têm maior vivência, as seqüências narrativas e de descrição de vida costumam ser as mais recorrentes, ocupando na maioria das vezes mais da metade da entrevista<sup>104</sup>.

Ainda em termos de distribuição, um resultado que nos surpreendeu foi a alta recorrência dos três itens em seqüências factuais ( $155/521 = 30\%$ ), em que o informante fala de fatos de seu dia-a-dia, de situações habituais, como *eu trabalho na universidade*. Como este tipo de seqüência é mais simples e não envolve, em geral, o posicionamento do falante, isto parece indicar que, ao contrário do que esperávamos, os itens em estudo não estão tão ligados assim ao conteúdo mais ou menos complexo do contexto em que se encontram. Isto parece ser um indício de que o uso dos RADs não está tão associado a aspectos extratextuais, como contratos de polidez entre falantes e ouvintes, mas sim a aspectos concernentes ao encadeamento discursivo – note-se que as seqüências narrativas e de descrição de vida, nas quais o uso dos RADs também é freqüente, pertencem ao mundo narrado (cf. classificação de Weinrich, *apud* Koch, 1987), no qual o falante convida o interlocutor a ser simples ouvinte e, portanto, é bastante provável que o uso destes itens possa estar associado ao encadeamento de informações sobre fatos passados.

As seqüências argumentativas ( $84/521 = 16\%$ ) e descritivas ( $80/521 = 15\%$ ) são as que comportam o menor número de ocorrência de RADs. Este resultado deve ser relativizado, pois, como vimos, a argumentação não parece ser muito recorrente nas entrevistas do Banco de Dados VARSUL e, frente a isto, podemos considerar que o número de ocorrências de RADs neste tipo seqüência é representativo.

Em uma leitura vertical da tabela, verificamos que de maneira específica os três RADs mantêm o comportamento geral, com maior freqüência em seqüências factuais. Contudo, entre os outros tipos de seqüência a distribuição de cada um dos RADs se particulariza: a) *sabe?* divide o maior número de suas ocorrências entre os contextos descritivos ( $48/203 = 24\%$ ) e de descrição de vida ( $44/203 = 22\%$ ) e apresenta sua menor concentração em contextos argumentativos ( $24/203 = 12\%$ ); b) *não tem?* apresenta-se muito freqüente na narração ( $57/205 = 28\%$ ), mas é pouco usado em seqüências descritivas ( $21/205 = 10\%$ ), além disso apresenta um número reduzido,

---

<sup>104</sup> Uma tarefa importante a ser realizada no Banco de Dados seria a segmentação das entrevistas em seqüências discursivas, para que se pudesse ter um controle mais rigoroso dessa variável.

porém maior que *sabe?*, de ocorrências em contextos argumentativos (32/205 = 16%); c) *entende?* é bastante recorrente na argumentação e descrição de vida (27/113 = 24% em cada uma das seqüências) e mostra-se pouco freqüente na descrição (11/113 = 10%).

Antes de tratarmos dos contextos discursivos que condicionam a escolha dos RADs em termos probabilísticos, é preciso assinalar que percebemos uma forte correlação entre as variáveis *funções dos RADs como elementos focalizadores e tipo de seqüência discursiva/textual*<sup>105</sup> e optamos por realizar um cruzamento entre estes dois grupos, a fim de verificar como as funções de focalização se distribuem nos diferentes tipos de seqüência discursiva. Veja a tabela abaixo:

SEQÜÊNCIA DISCURSIVA	FOCO											
	Sit. Passada		Sit. Presente		Avaliação		Opinião		Caracter.		Particip.	
	Apl.	%	Apl.	%	Apl.	%	Apl.	%	Apl.	%	Apl.	%
Desc. de vida	58	<b>40</b>	14	11	10	12	4	5	5	10	6	21
Narração	69	<b>47</b>	6	5	10	12	4	5	7	14	8	28
Factual	10	7	89	<b>72</b>	31	<b>38</b>	6	7	8	16	10	<b>34</b>
Argumentação	3	2	5	4	2	2	68	<b>81</b>	2	4	1	3
Descrição	6	4	10	8	28	<b>35</b>	2	2	29	<b>57</b>	4	14
TOTAL	146	100	124	100	81	100	84	100	51	100	29	100

Tabela 8: Cruzamento entre atuações dos RADs como elementos focalizadores e tipo de seqüência discursiva/textual

A partir dos resultados obtidos no cruzamento, constata-se que os diversos tipos de funções de focalização dos RADs concentram-se em um ou dois tipos de seqüência discursiva: a) os RADs com foco na situação passada ocorrem em contextos narrativos (69/146 = 47%) e de descrição de vida (58/146 = 40%); b) assinalando foco em situação presente, os RADs são predominantes em seqüências factuais (89/124 = 72%); c) com foco sobre a avaliação do falante, as ocorrências se distribuem entre as seqüências factual (31/81 = 38%) e descritiva (28/81 = 35%); d) a argumentação é o lugar característico dos RADs com foco na opinião do falante (68/84 = 81%); e) é na descrição que mais ocorrem itens com foco sobre as características do participante (29/51 = 57%); f) não existe um contexto muito nítido quando o foco dos RADs incide sobre participantes. A superposição parcial de alguns fatores, todavia, não prejudica a análise, pois ambos os grupos foram considerados como altamente relevantes em quase

<sup>105</sup> Esta forte correlação pode ter sido responsável pela flutuação dos RADs, principalmente de *entende?*, na ordem de seleção destes dois grupos de fatores.

todas as rodadas estatísticas, mostrando que estamos diante de motivações em competição.

Em termos de condicionamentos, observamos que *não tem?* é privilegiado em contextos de seqüência narrativa (0,68), como esperávamos, sendo também levemente favorecido em seqüências factuais (0,55). Observando o cruzamento acima, verificamos que este comportamento está intimamente ligado à relação entre função e seqüência discursiva, pois as ocorrências com foco na situação passada são predominantes na narração ( $69/146 = 47\%$ ) e o maior número das ocorrências de *não tem?* está correlacionado a este tipo de focalização ( $60/202 = 30\%$ ). Além disso, este item, como vimos na tabela das funções de focalização, é privilegiado quando o foco é sobre situação presente (0,58), que se concentra nas seqüências factuais ( $89/124 = 72\%$ ), conforme observado acima. Em contrapartida, seqüências discursivas descritivas (*descrição* e *descrição de vida*) inibem fortemente o uso de *não tem?* (0,38 e 0,37, respectivamente).

Com relação a *entende?*, também confirmando nossa expectativa, essa variante foi favorecida em contextos argumentativos (0,64). Cabe aqui uma ressalva. A correlação acentuada que se observa na tabela acima entre argumentação e foco na opinião ( $68/84 = 81\%$ ), fica completamente superposta ao se comparar os resultados para os fatores *foco na opinião* (cf. seção anterior) e *seqüência argumentativa* ( $27/84$ ), o que, em princípio, diminuiria a confiabilidade do resultado. Todavia, a variável *seqüência discursiva* foi a primeira a ser selecionada para *entende?*, enquanto a variável *atuação dos RADs como elementos focalizadores* não foi selecionada para este item. Isso nos autoriza a conferir crédito ao resultado da seqüência discursiva, concluindo que a seqüência argumentativa é mais relevante do que o foco na opinião no condicionamento de *entende?*.

Por outro lado, *entende?* é bastante inibido (0,37) em seqüências descritivas (igualmente a *não tem?*). Mas (diferentemente de *não tem?*) mostra-se favorecido em descrições de vida (0,59) e, como neste contexto concentra-se grande parte das ocorrências com foco na situação passada ( $58/146 = 40\%$ ), é natural que *entende?* tenha nele uma grande participação. Note-se que é neste tipo de focalização que essa variante apresenta maior número de dados (conforme visto na seção anterior).

Os resultados refletem que a caracterização de *entende?* como item mais marcado parece estar influenciando inclusive na delimitação de seu contexto de uso. Ora, se o contexto argumentativo é aquele no qual o falante mais se expõe e mais precisa da

aprovação de seu interlocutor, então nada mais natural que o RAD usado para solicitar de forma mais eficaz esta aprovação seja aquele mais marcado. Estas considerações corroboram aquelas feitas por Martelotta (1998:87), que justifica a alta ocorrência de *sabe?* e *entende?* em relatos argumentativos, por ser este tipo de discurso aquele em que o falante expõe suas opiniões pessoais e, por isso, precisa fazer uso dos RADs como apoio no processamento de sua fala, indicando reformulação, topicalizações e inclusive preenchimentos de pausas.

Quanto a *sabe?*, verifica-se que, em oposição a *não tem?* e *entende?*, é altamente favorecido em seqüências descritivas (0,65) e, aproximando-se de *entende?*, é também privilegiado em descrição de vida (0,58). Talvez o primeiro resultado possa ser melhor entendido pela correlação entre focalização e seqüência discursiva. Em termos de focalização, conforme já visto na seção anterior, o uso de *sabe?* é condicionado pelo foco na avaliação (0,77), que, por sua vez, mostra-se recorrente em seqüências descritivas ( $28/81 = 35\%$ ). Nesse contexto, *sabe?* é bastante produtivo por ser menos marcado e, portanto, não reivindicar tanto a participação do interlocutor, restringindo sua atuação, neste caso, para dentro do texto. Contudo, não encontramos evidências claras para a correlação verificada entre *sabe?* e contextos de descrição de vida.

Contrariando nossa hipótese inicial, o uso de *sabe?* é inibido em seqüências narrativas (0,39), opondo-se a *não tem?* nesse tipo de contexto.

Em resumo, em relação ao tipo de seqüência discursiva/textual, os RADs configuram-se da seguinte maneira:

SABE?	NÃO TEM?	ENTENDE?
1º Descrição (0,65)	1º Narração (0,68) 2º Factual (0,55)	1º Argumentação (0,64) 2º Descrição de vida (0,59)

Quadro 10: contextos discursivos/textuais condicionantes dos itens em análise

### 2.2.3 Posição dos RADs

#### ➤ Caracterização e hipótese

A análise deste grupo de fatores é de grande importância para a delimitação do contexto de uso dos RADs. Macedo e Silva (1996:25) atestam que os RADs

ocorrem, quase sempre, entre orações e em posição de final de enunciado. Veja as posições controladas pelas autoras e os resultados obtidos por elas:

POSIÇÃO	Ap./Tot.	%
Entre orações	52/123	42,3
Fim de enunciado	50/123	40,7
Meio de sintagma	8/123	6,5
Fim de turno	7/123	5,7
Entre sintagmas	6/123	4,9

Tabela 9: Resultados de Macedo e Silva (1996:25) para posição dos RADs

Os resultados das autoras serviram de base para o controle que fizemos, porém desmembramos algumas das posições deste quadro diante da análise de nossos dados, a fim de obter um quadro ainda mais detalhado<sup>106</sup>:

- Final de turno
- Entre orações coordenadas
- Entre principal e subordinada
- Entre constituintes
- Intraconstituintes
- Indefinida

Veja os respectivos exemplos:

- (141) Ent: (hes) Nada de bebida =alcóolica.=  
 Inf: =Só um,= (hes) eu não suporto assim, porque é muito::, (risos F) é muito::, sei lá, deixa bêbado sabe, detesto isso, pode [fa-] (falando rindo) cometer besteiras. (f) (est) E só:: só um golezinho assim, de nada eu ainda franzo a cara assim, **sabe?** (est)  
 Ent: Tá certo. E drogas o que que tu achas disso? (FLP19FJG:611)
- (142) Ent: Ah! E o teu irmão, esse outro mais novo, ele também aprontou muita travessura?  
 Inf: Aprontou, é. Eu era/ (hes) eu sempre fazia mais... pra provocar ele, **não tem?** (est)  
 Eu sempre dava nele, aí uma/ uma vez eu me lembro que eu empurrei ele, foi com a cabeça, assim, no tanque, até que levou uma(est) como é que é? uma brecha na cabeça. (FLP10MJP:51)
- (143) Ela chega até/ as minhas amigas chegam até me criticarem que eu conto tudo, tudo é demais, mas eu não consigo viver assim num ambiente com uma pessoa mentindo, **sabe?** como elas fazem, por exemplo, pedir pra dormir na casa de uma e sabendo que eu não vou ficar lá, eu vou sair, vou em outro lugar. (FLP20FJG:779)

<sup>106</sup> A posição que Macedo e Silva (1996) designam de *fim de enunciado* foi considerada em nossa classificação como *entre orações coordenadas* e aquela que as autoras classificam como *entre orações* foi subdividida em *entre orações coordenadas* e *entre principal e subordinada*. Na posição *entre constituintes* consideramos os casos em que o item se colocava entre porções mais inter-relacionadas, como no exemplo (145), e quando se colocava entre constituintes mais coordenados, como é exemplificado em (144), o que para as autoras corresponderia à posição *entre sintagmas*. Além disso, inserimos em nosso controle a posição *indefinida*, que ocorre quando o RAD marca um momento de *planejamento verbal*.

- (144) Ali ele prega que tu não deves ter, tu deves ser que nem Jesus assim, (cão latindo) tu teres amor, **entendeu?** de amar a pessoa, (ruídos) mesmo que ela faz mal pra ti, tu chegares e dar um beijo nela, de amar ela mesmo- (FLP12MJC:1036)
- (145) É, mas é igualzinha... É porque a Zinha é capricório... (est) É parecida mesmo, **sabe?** com a mãe e é o jeito todo <estragado>, até o andar. (FLP07FBP:937)
- (146) Que eu tinha, (est) um armazém,... eu contraí uma dívida, **entende**, bancária, pra poder assumir aquele [compromi-] (est) aquela/ aquele empório, eu assumi um/ um compromisso bancário, de uma importância que no momento não me lembro- (FLP23MBC:245)
- (147) Porque eu gosto assim desse negócio assim de/ de:: de/ de extraterrestre assim, desse negócio assim que eu estou estudando agora [to-] da Terra. O cosmo inteiro, **não tem?** (est) ("Estudando") lá/ e [ta-] e dá pra ver assim pelo que:: que está vendo. Eu vi umas teorias que eu/ que eu e uns amigos meus aí fizemos, nós temos quase certeza que nós/ que tem um::/ vidas em outros planetas. (FLP14MJC:233)

A partir dos resultados obtidos por Macedo de Silva (1996), acreditamos que, de maneira geral, a maioria das ocorrências dos RADs se concentre na posição inter-oracional, principalmente *entre orações coordenadas*, já que na fala, conforme Moraes (1997:181), são preferidos os períodos curtos e encadeados por coordenação.

De modo mais específico, acreditamos que *sabe?*: a) como item menos marcado, seja o mais comum na posição *intraconstituintes*, de modo a não interromper o fluxo discursivo; b) porque possui suas origens como focalizador de referentes (*sabe o João?*), como vimos no capítulo anterior, seja também bastante freqüente na posição *entre constituintes*. Portanto, a expectativa é que *sabe?* seja o mais recorrente em posição intra-oracional.

Por outro lado, esperamos que *entende?*: a) como item derivado de construções em que só podia focalizar períodos e nunca referentes (*entende como é que é a casa dela?*), seja mais freqüente *entre orações*; b) e, como elemento mais marcado, seja também o mais recorrente em *final de turno*, atuando na passagem do mesmo.

Quanto a *não tem?*, não possuímos expectativa clara, a não ser que, do mesmo modo que *sabe?*, como deriva de construções com foco sobre referentes (*Não tem o prédio da reitoria*) seja bastante freqüente *entre constituintes*.

## ➤ Resultados e discussão

Esta variável não foi selecionada pelo programa estatístico como significativa para nenhum dos três itens em análise, mesmo assim a observação dos resultados obtidos é importante para que possamos caracterizar os contextos preferenciais dos RADs em conjunto e de cada um deles. Vejamos os resultados na tabela abaixo<sup>107</sup>:

POSIÇÃO	SABE?		NÃO TEM?		ENTENDE?		Total	
	Ap./Tot.	%	Ap./Tot.	%	Ap./Tot.	%	Ap./Tot.	%
Entre coordenadas	133/203	66	153/205	75	83/113	74	369/521	71
Entre princ. e subord.	13/203	6	12/205	6	6/113	5	31/521	6
Entre constituintes	38/203	19	23/205	11	10/113	9	71/521	14
Intra constituintes	7/203	3	2/205	1	2/113	2	11/521	2
Final de turno	12/203	6	15/205	7	12/113	10	39/521	7

Tabela 10: Distribuição dos RADs em relação a sua posição

De maneira geral, verificamos que nossa hipótese se confirma, pois a grande maioria dos RADs concentra-se em uma posição inter-oracional ( $400/521 = 77\%$ ), principalmente entre orações coordenadas ( $369/521 = 71\%$ ).

Cabe aqui um parêntese em relação à posição inter-oracional. Com o objetivo de obter um controle mais fino sobre esse fator, foi controlada a variável *presença de conector entre orações*, com os seguintes fatores, exemplificados respectivamente:

- Presença de conector posterior ao RAD
- Presença de conector anterior ao RAD
- Presença de conector em função indefinida
- Ausência de conector

(148) Gibi, assim do... da Mônica, do [de-] como é que é? do Chico Bento, (est) que eles contam a história assim, né?... (est) Chico Bento, ele [n-] troca as palavras, **não tem?** (est) aí ele fala errado, aí a Mônica tenta explicar, falar certo. (est) É isso. (FLP10MJP:547)

(149) Mas em pequena, pequena mesmo, caxumba, essas coisas, eu não tive, porque a minha mãe cuidava muito. Aí depois, **sabe?** começa a crescer, colégio. Aí, pronto, né? (FLP01FAP:1009)

<sup>107</sup> . Optamos por apresentar esta tabela em uma leitura vertical, já que esta favorecia um melhor aproveitamento das diferenças entre cada item. Como foram poucas as ocorrências com posição indefinida (5 ocorrências) e, geralmente, podíamos recuperar sua posição entre orações coordenadas este fator foi agrupado à posição *entre orações coordenadas*.

- (150) Aí lá teve música, só que estava chuva, a gente chegou lá tinha uma chuva, chuva, chuva. Estava horrível, estava uma chuva enorme, **não tem?** Mas chuva mesmo, até a gente entrar no campo- (FLP05FJP:977)
- (151) Eu tinha preguiça, realmente, de estudar, **sabe?** Meu irmão [ma-] era mais esforçado. (FLP18MAC:113)

Esperávamos que, na fala, fossem mais freqüentes as orações coordenadas justapostas, o que realmente se confirmou, já que a maior parte das ocorrências em posição inter-oracional apresentou ausência de conectores ( $228/395 = 58\%$ )<sup>108</sup>. Uma possível interpretação para este resultado é que estes itens, por aparecerem entre orações justapostas no lugar prototípico de um conector, estejam fazendo as vezes de um elemento encadeador, chamando a atenção para certas relações.

Quanto à presença de conectores, os dados com presença de conector anterior ao RAD foram mínimos (5 dados) e todos associados a *sabe?*, ressaltando a característica mais livre deste item em termos de posição. Com relação aos conectores posteriores aos RADs<sup>109</sup>, *não tem?* apresenta um alto percentual em relação ao total de suas ocorrências na posição inter-oracional ( $77/162 = 48\%$ ), enquanto *entende?* ( $33/88 = 37\%$ ) e *sabe?* ( $52/145 = 36\%$ ) apresentam percentuais menores.

Retomando a análise mais geral da variável *posição dos RADs*, verificamos com relação a *sabe?* que nossa hipótese se confirma, pois das 82 ocorrências em posição intra-oracional<sup>110</sup>, 45 são de *sabe?*, que se mostra o RAD mais freqüente tanto *intra* ( $7/11 = 64\%$ ) como *entre constituintes* ( $38/71 = 53\%$ ). *Não tem?* é o segundo item mais freqüente *entre constituintes* ( $23/71 = 32\%$ ). Estes resultados, além de atestarem o caráter menos marcado de *sabe?*, também reforçam a origem de *sabe?* e *não tem?* como focalizadores de referentes.

As hipóteses específicas para *entende?* também se confirmam, já que, proporcionalmente, ele apresenta o maior percentual de ocorrências em posição *inter-oracional* ( $89/113 = 79\%$ ) e aparece em segundo lugar em final de turno ( $12/113 = 10\%$ ), evidenciando, em contraste com *sabe?*, seu caráter mais marcado e ressaltando suas restrições sobre referentes. Quanto à posição ocupada pelo item em questão, Chodorowska (1997:367) observa que, quando ele está no final da sentença, a força

<sup>108</sup> O total aqui é de 395 ocorrências em posição inter-oracional, diferente do obtido na tabela da variável *posição dos RADs*, porque aqui não estão agrupadas as 5 ocorrências em posição indefinida.

<sup>109</sup> Como não vamos discutir as particularidades concernentes aos conectores, unimos o fator *presença de conector em função indefinida* à *presença de conector posterior ao RAD*, já que os conectores em posição indefinida são sempre posteriores aos RADs.

<sup>110</sup> Soma dos fatores entre constituintes e intraconstituintes.

ilocucionária é mais impositiva e o ouvinte é mais requisitado a se manifestar, já quando está no meio da sentença esta força é diminuída, o que reforça nossas considerações.

## 2.2.4 Relações assinaladas pelos RADs

### ➤ Caracterização e hipótese

A caracterização e exemplificação deste grupo de fatores também foi feita no capítulo V quando foram descritas as funções dos RADs em estudo. Elencamos abaixo os fatores controlados:

- especificação
- contraste
- conclusão
- retomada
- seqüenciação de situações ou argumentos
- anúncio de complemento
- circunstanciação
- finalização de turno
- ênfase/atenuação
- planejamento verbal

Não tínhamos uma hipótese clara para este grupo de fatores, controlado para se observar melhor a atuação relacional dos RADs. Nossa expectativa era que, a par da diversidade de tipos de focalização, os itens se manifestassem em posições tais que também contribuíssem para assinalar diferentes relações semântico-discursivas no contexto de sua realização.

### ➤ Resultados e discussão

Este grupo de fatores não foi considerado significativo para nenhum dos três itens em nenhuma das rodadas binárias, talvez porque a quantidade de relações assinaladas seja grande e os itens, diluídos entre as várias possibilidades relacionais, não apresentem preferências muito claras. Observe a tabela abaixo:

RELAÇÃO ASSINALADA	SABE?		NÃO TEM?		ENTENDE?	
	Ap./Tot.	%	Ap./Tot.	%	Ap./Tot.	%
Especificação	67/146	46	54/146	37	25/146	17
Seqüenciação	45/129	35	56/129	43	28/129	22
Conclusão	37/99	37	32/99	32	30/99	30
Finalização de turno	12/38	32	15/38	39	11/38	29
Retomada	8/25	32	14/25	56	3/25	12
Anúnciação de comp	11/24	46	11/24	46	2/24	8
Ênfase/Atenuação	9/19	47	6/19	32	4/19	21
Contraste	8/19	42	7/19	37	4/19	21
Circunstanciação	4/16	25	7/16	44	5/16	31
Planejamento verbal	2/6	33	3/6	50	1/6	17
TOTAL	203/521	39	205/521	39	113/521	22

Tabela 11: Distribuição dos RADs entre as relações que assinalam

Nota-se uma nítida delimitação na tabela acima: o conjunto dos RADs aparece preferencialmente em lugares em que se estabelecem relações de seqüenciação, especificação e conclusão ( $374/521 = 72\%$ ), o que vale dizer, relações de caráter textual mais amplo. Isso pode estar indicando que, apesar de ainda manterem sua característica pragmática de elemento de contato entre interlocutores, estes itens podem estar adquirindo e fixando funções sintáticas (pelo menos posições), processo típico de um estágio inicial de mudança (cf. Traugott, 1995:1-2).

Em contrapartida, os RADs se manifestam menos em ambientes com marcas de planejamento verbal e em contextos textuais mais restritos, como é o caso da circunstanciação. Apresentam-se em distribuição intermediária nas situações com maior carga interpessoal, como nas finalizações de turno, retomadas, ênfase/ atenuação e contraste, casos em que o informante mostra-se cooperativo com o interlocutor sinalizando passagem de turno ou retomada da seqüência discursiva, ou expõe-se modalizando o discurso (ênfaticando ou atenuando) ou imprimindo força argumentativa (relações de contraste). Entretanto, essa freqüência relativamente menor nos contextos de caráter mais pragmático deve ser interpretada com cuidado, pois o que ocorre é que este tipo de relação costuma se sobrepôr a outras mais identificáveis sintática ou semanticamente e, neste caso, estas foram consideradas ao invés da pragmática.

Tomados individualmente, *sabe?* mantém nitidamente a ordem da distribuição geral nos primeiros fatores (67, 45 e 37 ocorrências, respectivamente); *não tem?* concentra-se mais nos dois primeiros (54, 56 e 32 ocorrências); e *entende?* inverte a ordem, sem diferenças significativa (25, 28 e 30 ocorrências).

Observando-se os percentuais registrados na tabela, verifica-se que *sabe?* predomina nas relações de ênfase/atenuação, anúncio de complemento, especificação e contraste, ou seja, distribui-se em contextos de natureza diversa. *Não tem?* é o preferido em posições relacionais de retomada, planejamento verbal, anúncio de complemento, circunstanciação e sequenciação, também aparecendo em contextos bastante diferenciados entre si. *Entende?* é relativamente mais presente na circunstanciação, conclusão e finalização de turno, manifestando seu escopo mais alargado e sua característica mais marcada, passando o turno ao interlocutor.

## 2.2.5 Status Informacional

### ➤ Caracterização e hipótese

As noções de dado/novo aplicam-se, originariamente, a elementos referenciais (sintagmas nominais), sendo usados para *explicar fenômenos estruturais ligados à forma de embalagem do discurso, como a ordenação de constituintes, atribuição de acento de intensidade, processos anafóricos, elisão de elementos lingüísticos* (Paiva, 1991:75). Chafe (1984) estende estes conceitos para o nível da cláusula, tratando-os, respectivamente, como informação familiar e não familiar (*apud* Paiva p.76). Nesta dissertação, estendemos ainda mais o escopo do estatuto informacional, para o nível do discurso, operando com as distinções: informação nova, inferível ou disponível e velha (cf. Prince, 1981 *apud* Görski, 1985:48-9). Assim, verificamos qual o status das informações sobre as quais os RADs têm escopo em relação ao que foi mencionado antes no discurso. Observe os fatores que fazem parte desta variável, sua definição e seus respectivos exemplos:

- ❑ **Informação Nova:** é aquela que o informante fornece pela primeira vez.

- (152) De repente eu tô pensando em fazer magistério à noite, no Institu::to, né? ou um outro cursinho, porque eu fiz muito curso por fora também, **sabe?** Eu tenho curso de computação, primeiro e segundo, terceiro completo, eu fiz curso de datilografia, eu fiz curso- Todo tipo de cursinho que tu possas imaginar eu faço. (FLP04FJC:1267)
- ❑ **Informação Inferível/disponível:** é aquela que não foi totalmente exposta pelo informante, mas se pode deduzir, ou através de seu discurso (ex. 153), ou através do conhecimento de mundo do falante e do compartilhamento de informações prévias entre falante e ouvinte (ex. 154).
- (153) [Então a gente perdia tem::po à beça esperando que viesse outro ônibus. O ônibus quebrava toda hora, toda hora.] Mas era a maior dificuldade, **sabe?** pra gente:: se locomover de ônibus. (FLP18MAC:709)
- (154) O carteiro começa a fazer a entrega,... vamos dizer assim::, na Valdemar Vieira, que é lá no Saco dos Limões, aquela avenida, **não tem?** depois pega a Geral até a/ a Estimoarte. O outro carteiro pega da Estimoarte e faz o resto do trajeto. Então sempre começa aqui num ponto e outro pega adiante. (FLP14MBG:70)
- ❑ **Informação Velha:** Já foi exposta pelo informante, portanto já é conhecida do interlocutor.
- (155) Aqui em casa assim é bem diferente um do outro, eu acho, porque de repente eu sou mui::to, sou o xerox da minha mãe, né? dizem que até por telefone dá de confundir as vozes, (est) minha e da minha mãe, quer dizer, minha mãe é:: alegre, gosta de falar, gosta de conhecer pessoas, né? é uma pessoa muito inteligente. (hes) Eu sou totalmente como ela, tá entendendo?... E:: tenho uma outra irmã, essa que tem a mesma faixa etária que eu, ela já é parecida com o meu pai,... né? (FLP04FJC:1031)

Nossa hipótese é que os RADs em geral ocorrem predominantemente pospostos a informações novas. Tal hipótese baseia-se, por um lado, nos resultados de Valle (1998) e de Macedo e Silva (1996), que evidenciaram uma forte correlação entre a ocorrência dos RADs e informação nova (em torno de 60%); por outro lado, na crença de que esses itens, mesmo envolvidos em funções intratextuais, ainda atuam fortemente como elementos de interlocução, testando a compreensão/apreensão da informação nova.

Acreditamos, mais especificamente, que *entende?* seja mais usado com escopo sobre informações novas do que outros RADs, pois, como item mais marcado, atuaria mais fortemente impelindo o interlocutor a uma atitude mais responsiva.

### ➤ Resultados e discussão

Esta variável não foi selecionada como relevante pelo Pacote Estatístico VARBRUL em nenhuma das rodadas binárias. Mesmo assim podemos fazer algumas

observações diante dos resultados de frequência da oposição entre informação nova e velha<sup>111</sup>. Analise a tabela:

STATUS INFORM.	SABE?		NÃO TEM?		ENTENDE?		Total	
	Ap./Tot.	%	Ap./Tot.	%	Ap./Tot.	%	Ap./Tot.	%
Inf. nova	124/201	62	122/203	60	61/113	54	307/517	59
Inf. velha	77/201	38	81/203	40	52/113	46	210/517	41

Tabela 12: status informacional e as ocorrências dos RADs

A soma geral dos dados na oposição informação nova *versus* informação velha confirma nossa hipótese de que os RADs estariam mais ligados a contextos de informação nova (59%). Verificamos – diferentemente de Macedo e Silva (1996:20), que obtiveram uma diferença de somente 2,3 % entre conhecido e desconhecido – que a distância percentual entre os totais de ocorrências em informações novas e velhas é considerável (18%).

Em termos específicos, os resultados para cada item seguem a mesma tendência do resultado geral, ou seja, todos são mais frequentes com escopo sobre informações novas e as diferenças percentuais entre novo e velho são relativamente significativas, sendo que *sabe?* apresenta a maior diferença entre os dois tipos de informação (24%). Nossa expectativa de que as ocorrências de *entende?* seriam mais associadas a informação nova não se confirma, pois a diferença entre os estatutos informacionais é de apenas 8%.

### 2.2.6 As atuações e os contextos sintáticos/discursivos dos RADs: rumos da mudança

Os RADs, de modo geral: a) atuam predominantemente como focalizadores de opinião+avaliação+situação presente (58%), manifestando sua característica de requisito de apoio, usados, por exemplo, para marcar posicionamentos pessoais e abrir espaço para o interlocutor; b) ocorrem preferencialmente em contextos factuais (30%), narrativos (20%) e de descrição de vida (19%); c) posicionam-se inter-oracionalmente (77%), principalmente entre orações coordenadas justapostas, lugar típico para o

<sup>111</sup> Para uma oposição mais clara em relação a informações novas, decidimos agrupar os fatores *informação velha* e *informação inferível*.

ocorrência de elementos conectores; d) assinalam relações de caráter textual mais amplo – sequenciação, especificação e causalidade (72%) – tipicamente interligadas por conectores; e) encontram-se um pouco mais ligados a informações novas (59%), ressaltando sua característica de interlocução.

A partir destes resultados, observamos que parecem existir duas forças em competição agindo sobre os itens em estudo: de um lado, eles mantêm em evidência sua função interpessoal como itens que requisitam apoio e estabelecem interlocução; de outro, posicionam-se em lugares típicos de conectores textuais, auxiliando na caracterização de relações entre partes do texto, o que indica que sua função textual como elemento encadeador discursivo está sendo reforçada. Deste modo, estamos lidando com elementos que exibem simultaneamente características interpessoais e textuais.

De modo mais específico, comparados entre si, os itens se distribuem gradualmente em um *continuum* de mudança

*Sabe?*, item menos marcado – favorecido com foco na avaliação do falante (0,77) e em contextos descritivos (0,65), predominante em posição intra-oracional (55%) e assinalando relações de natureza diversa (ênfase/atenuação, especificação, anunciação de complemento e contraste) – é o mais freqüente em contextos menores, delimitando/quebrando constituintes, e parece ser o mais espreado entre os diversos contextos e atuações. Isto pode estar indicando que seu uso como RAD é mais antigo e bem estabelecido em relação aos outros itens, sendo o mais avançado deles no processo de mudança, forte candidato a encadear partes textuais.

*Não tem?*, item intermediário na escala de marcação – favorecido com foco sobre os participantes (0,74) e suas características (0,57) e em contextos narrativos (0,68), freqüente entre constituintes ( $23/71 = 32\%$ ) e usado em posições relacionais (retomada, planejamento verbal, anunciação de complemento, circunstanciação e sequênciação) – de um lado, parece ainda manter forte ligação com seu sentido-origem existencial, chamando a atenção para referentes nominais, de outro lado, é bastante freqüente assinalando tanto relações textuais mais amplas quanto mais restritas, parecendo estar já bem espreado, porém não tanto quanto *sabe?*.

Enfim, *entende?*, item mais marcado – favorecido com foco sobre a opinião do falante (0,64) e em contextos argumentativos (0,64), freqüente em posição inter-oracional (79%) e final de turno (10%), assinalando relações de circunstanciação, conclusão e finalização de turno – mostra ainda ligação com seu sentido origem, sendo

raro com foco sobre referentes nominais, e é o mais ligado a atuações e contextos em que o falante se posiciona sobre algo, indicando seu forte caráter interpessoal e, por sua vez, menos textual e menos avançado no processo de mudança.

### 2.3 Os aspectos circundantes dos RADs

São apresentados e discutidos nesta seção quatro grupos de fatores lingüísticos – *estímulos, hesitações, pausas e presença de MDs junto aos RADs* – compostos por aspectos que participam do contexto dos RADs, circundando-os e interferindo em sua atuação. Estes aspectos são característicos da oralidade e podem nos fornecer pistas sobre a participação dos RADs na interação falante-ouvinte.

O controle destas variáveis mostrou-se significativo, sendo que três delas (estímulos, pausas e hesitações) foram selecionadas para um ou outro RAD e os resultados apresentados aqui, como na seção anterior, foram extraídos das rodadas binárias de cada item *versus* seus outros dois oponentes e, quando necessário, apenas comentamos o comportamento das rodadas mais específicas.

#### 2.3.1 Estímulos

##### ➤ Caracterização e hipótese

Macedo e Silva (1996:23-4) controlam a presença de estímulos dados pelo ouvinte, considerando sua ocorrência antes e depois dos RADs, na distância de até cinco palavras entre eles. Seus resultados mostram um alto índice de estímulos vizinhos aos RADs, principalmente posteriores a eles, fazendo com que as autoras concluam que os itens deste grupo ainda mantêm forte carga interativa, apesar de serem altamente freqüentes – o que, segundo Vincent (1983, *apud* Macedo e Silva, 1996:13-4), poderia levá-los a serem interpretados como pontuantes discursivos, que servem somente para marcar o ritmo da fala, não possuindo nenhum valor interpessoal mais significativo.

Para Urbano (1999:229-31), os BADs atuam em dois planos: no discursivo, relacionando segmentos argumentativos entre si; e no interativo, buscando a aprovação

do ouvinte para o argumento e para a própria atitude do falante. Desta maneira, seria natural, segundo o autor, que os itens pertencentes a este grupo ocorressem cercados por estímulos do ouvinte (chamados de *feed back*), principalmente posteriores a eles, tais como: *ah, ahn, ahn ahn, certo, é, é claro, é verdade, exato, pois é, sei, sim, uhn, uhn uhn*.

Contudo, o autor obtém resultados que contradizem esta expectativa. De maneira mais evidente, verifica-se que a grande maioria das ocorrências de BADs (87%) não é correlacionada com estímulos, sendo que somente em 25 ocorrências (13% do total) os estímulos comparecem e, mesmo assim, muitas vezes antes do próprio BAD, o que, segundo o autor, não supre a suposta busca de aprovação do falante. Além disso, Urbano (p. 230) chama a atenção para o fato de que a grande maioria dos BADs ocorre sem pausas posteriores e se localiza no interior dos turnos, posição, segundo ele, desfavorável para que o ouvinte manifeste sua aprovação. Isto sugeriria que, além do ouvinte não interpretar os BADs como elementos de busca de aprovação, não fornecendo estímulos após sua produção, o próprio falante também parece neutralizar a intenção de *busca*, não dando tempo nem espaço adequado para que seu interlocutor interaja.

Diante destes resultados, Urbano (p. 231) conclui que, de maneira geral, os BADs não são elementos de *busca de aprovação* e que o ouvinte costuma não reconhecer esta função ou, pelo menos, se a reconhece, não manifesta isto através de estímulos. Porém, o autor faz a ressalva de que podem ter ocorrido em abundância estímulos não verbais que não puderam ser captados na gravação em áudio.

Considerando os itens individualmente, Valle (1998:30 e 1999:29) constata que *entende?* e *não tem?* possuem maior carga interativa, já que ocorrem mais cercados de estímulos que *sabe?* e *né?* – comportamento explicado pela saliência fônica, já que os dois primeiros RADs são mais longos que os últimos.

Em nossa análise, dividimos os estímulos, tais como os cita Urbano, em duas categorias: estímulos – itens como *ah, ahn, ahn ahn uhn, uhn uhn*; e respostas plenas como *certo, é claro, é verdade, exato, pois é, sei, sim*, por considerarmos ser necessária a distinção entre itens não lexicalizados, próprios para o uso sobre o turno alheio e itens lexicalizados que, quando usados, marcam mais explicitamente uma tomada de turno. Neste sentido, o uso dos itens do segundo grupo estaria refletindo que o RAD ativa um grau de interação com o falante maior do que se associado com os itens do primeiro grupo.

Controlamos não só a presença ou ausência de estímulos, mas também sua localização: anterior e/ou posterior aos RADs. Contudo, diferentemente de Macedo e Silva (1996), consideramos somente os estímulos imediatamente anteriores aos RADs e aqueles imediatamente posteriores ou após uma ou duas palavras depois do RAD, pois acreditamos que, no fluxo discursivo, cinco palavras representem uma distância considerável, que pode enviesar os resultados, atribuindo aos RADs estímulos que são dados em aprovação a outro trecho ou item discursivo. Deste modo, controlamos os estímulos:

- posteriores aos RADs
- anteriores aos RADs
- anteriores e posteriores aos RADs
- respostas plenas<sup>112</sup>
- ausência de estímulos

Veja alguns exemplos:

- (156) Aí tem goleiro lá que tem raiva de mim porque:: ... o negócio comigo é porrada, (estímulo) **não tem?** Aí às vezes assim a gente- (FLP14MJG:819)
- (157) Se elas escutarem isso ficarão apavoradas, porque lá uma vez ou outra uma lava a louça, lá uma vez ou outra, (estímulo) **sabe?** (estímulo). Então Deus te livre que elas escutem o que eu estou falando. (FLP11FAG:890)
- (158) Inf: Então a minha reação era o seguinte: era ajudar a botar confiança, fé, esperança, **entendeu?**  
Ent: Sim, claro. (FLP02MAP:618)

Nossa hipótese geral era que os RADs fossem pouco cercados por estímulos, conforme verificou Urbano (1999). Ao levantarmos tal hipótese não estamos negando a carga interativa dos RADs, como considerariam Macedo e Silva (1996), estamos apenas diminuindo seu caráter de *busca de aprovação discursiva*, pois acreditamos que, mesmo que o ouvinte não forneça estímulos verbais e nem não-verbais, os RADs mantêm seu caráter interpessoal de elemento de contato entre interlocutores. Isto se confirma se considerarmos que na escrita, como a relação de interlocução não se dá diretamente, os RADs são escassos e reservados a certos contextos, como o das cartas pessoais.

De modo mais específico, acreditávamos, a partir dos resultados de Valle (1998 e 1999), que *sabe?* fosse o menos rodeado por estímulos e que *entende?* e *não tem?* aparecessem mais associados a estes elementos. Além disso, supúnhamos ainda

---

<sup>112</sup> As respostas plenas são sempre posteriores aos RADs.

que *entende?* ocorreria com mais estímulos do que *não tem?* por ser mais marcado que este.

### ➤ Resultados e discussão

Decidimos amalgamar os fatores e opor ausência a presença de estímulos<sup>113</sup> e nossos resultados em peso relativo nos mostraram que nossa escolha metodológica foi válida, pois este grupo de fatores foi o 2º selecionado como significativo para *sabe?* e o 3º para *não tem?*. Observe os resultados na tabela abaixo:

ESTÍMULOS	SABE?			NÃO TEM?			ENTENDE?		
	Ap./Tot.	%	PR	Ap./Tot.	%	PR	Ap./Tot.	%	PR
Ausência	162/370	44	<b>0,55</b>	126/370	34	0,44	82/370	22	(0,51)
Presença	41/151	27	0,38	79/151	52	<b>0,63</b>	31/151	21	(0,48)
TOTAL	203/521	39		205/521	39		113/521	22	
	Input: .38	Sig.: .017		Input: .38	Sig.: .049		Input: .22	Sig.: .686	
	2º selecionado			3º selecionado			Não selecionado		

Tabela 13: presença de estímulos e o uso dos RADs

Através dos resultados em frequência e percentagem, verificamos que nossa hipótese geral se confirma, pois mais de dois terços das ocorrências de RADs se apresentam com ausência de estímulos ( $370/521 = 71\%$ ). Este resultado pode estar indicando, como já sugerimos acima, que estes itens atuam muito mais como elementos de contato entre interlocutores do que como elementos de busca de aprovação discursiva. Isto não significa que tal aprovação não exista, mas talvez não haja a

<sup>113</sup> Ao executarmos a primeira rodada de nossos dados, verificamos que a frequência para os fatores *estímulos anteriores e posteriores aos RADs e resposta plena* era muito pequena somando um total de 6 e 4 ocorrências, respectivamente, para os três itens em análise. Além disso, percebemos que os resultados numéricos gerais e para os três itens em específico eram semelhantes nos fatores *estímulos posteriores aos RADs e estímulos anteriores aos RADs*. Para obter melhores resultados em termos de peso relativo, amalgamamos estes quatro fatores opondo somente *presença a ausência de estímulos*. Numericamente isto era viável e percebemos que linguisticamente também: *resposta plena* não deixa de ser um estímulo e sua pouca frequência não poderia nos dizer nada de específico quantitativamente em termos de grau de interatividade; é suspeita a marcação de estímulos como *anteriores* ou *posteriores* aos RADs já que o fluxo discursivo do falante não é, na maioria das vezes, interrompido para a produção dos mesmos por parte do ouvinte, assim muitos dos estímulos que foram considerados como *anteriores* podem, na verdade, ter ocorrido após o RAD e vice-versa.

necessidade de que seja tão explícita, neste sentido o próprio silêncio do interlocutor seria uma manifestação de concordância e sua interferência se daria em situações de discordância ou dúvida perante a informação dada.

Em uma leitura vertical da tabela, é possível vislumbrar melhor que *não tem?* é o mais cercado por estímulos ( $79/205 = 39\%$ ), enquanto *entende?*, ao contrário do que esperávamos, é o segundo ( $31/113 = 27\%$ ). Já *sabe?*, como havíamos previsto, é o menos rodeado de estímulos ( $41/203 = 20\%$ ).

Em termos de condicionamentos, nossa hipótese se confirma somente em parte. Como havíamos previsto, a ausência de estímulos favorece o uso de *sabe?* (0,55), enquanto a presença privilegia o uso de *não tem?* (0,63). Porém, em relação a *entende?*, os resultados em peso relativo se comportam de modo neutro, refletindo a proximidade percentual, não se confirmando nossa hipótese de que este seria o item mais cercado por estímulos.

Na rodada estatística entre *entende?* e *não tem?*, este foi o segundo grupo de fatores selecionado como relevante, porém, surpreendentemente, indicando que o uso de *entende?* é privilegiado pela ausência de estímulos (0,55). Por outro lado, apesar de não ter sido selecionado na rodada de *entende?* x *sabe?*, os resultados em peso relativo mostram um quadro inverso, sendo *entende?* preferido em contextos com presença de estímulos (0,58). Estas rodadas mais específicas nos indicam que, devido à grande diferença no comportamento de *entende?* em relação a *sabe?* e *não tem?*, a união destes dois itens em oposição a *entende?* pode ter interferido nos resultados.

Aventamos também a hipótese de que *não tem?* tenha sido o item mais privilegiado pela presença de estímulos, porque, sendo um RAD bastante regional, ao ser ouvido por interlocutores não nativos, pode não ser totalmente interpretado como RAD, recebendo um maior número de estímulos. Não se descarta a possibilidade de que este item não tenha sido bem interpretado por alguns entrevistadores do Projeto VARSUL, naturais do oeste do Estado de Santa Catarina ou de outros estados, como Rio Grande do Sul, por exemplo, mas essa informação precisaria ser resgatada nas entrevistas e fichas dos informantes.

### 2.3.2 Hesitações e pausas

Optamos por unir a discussão destas duas variáveis, pois nossas hipóteses, tanto gerais quanto específicas, pautadas na literatura lingüística, tratam as mesmas como um conjunto único.

#### ➤ Caracterização e hipótese das variáveis *hesitações e pausas*

A hesitação, segundo Marcuschi (1999:159), é visível tanto no nível suprasegmental (pela prosódia) como no nível segmental (com elementos formais da língua), representando *a presença da atividade lingüística na materialidade lingüística*.

Conforme o autor, diferentemente de outras características da fala, como os marcadores conversacionais, as hesitações não têm funções sistemáticas, funcionando muito mais como indicativo do processamento em curso<sup>114</sup> (cf. Marcuschi, 1999:181).

O autor propõe uma classificação para as marcas empíricas de manifestação das hesitações:

- a) fenômenos prosódicos: pausas, geralmente prolongadas e alongamentos vocálicos;
- b) expressões hesitativas: *éh, ah, ahn, mm*;
- c) itens funcionais: artigos, preposições, conjunções, pronomes, verbos de ligação;
- d) itens lexicais: substantivos, advérbios, adjetivos, verbos;
- e) marcadores conversacionais acumulados: *sei lá, quer dizer sabe, então né ah*, etc;
- f) fragmentos lexicais: palavras iniciadas e não concluídas. (cf. Marcuschi, 1999:164)

Já em 1981, Scliar-Cabral et al. (p. 126) propunham uma classificação mais geral para o fenômeno de pausa e hesitação distinguindo-o em dois tipos básicos: 1) pausas vazias: silêncio que rompe a cadeia de fala mais do que o esperado para assinalar junturas gramaticais; 2) pausas plenas: segmentos que interferem na cadeia da fala,

---

<sup>114</sup> Scliar-Cabral et al. (1981:127) sugerem duas funções básicas para o fenômeno de pausa e hesitação, em distribuição complementar: 1) função de codificação; 2) integrante dos traços da conversação. Porém, acreditamos que estas duas funções, na verdade, sejam os dois lados da mesma moeda, pois o falante, ao fazer uso de hesitações em busca da codificação lingüística, manifesta em sua fala os traços típicos da conversação.

truncamentos, repetição, alongamentos e partículas de codificação ou que integram os traços do discurso como *quer dizer, bom, sabe, tá? né? viu?*.<sup>115</sup>

Baseados nas classificações dadas pelos dois autores acima, achamos por bem separar nosso controle em duas variáveis: a) pausas: que corresponde ao que Scliar-Cabral (1981) classifica como pausas vazias, posicionadas imediatamente antes ou depois do RAD; e b) hesitações: que corresponde aos itens elencados na classificação de Marcuschi (1999) com exceção dos marcadores pertencentes ao grupo dos RADs. As pausas vazias, quando não vêm imediatamente antes ou depois dos RADs, também são consideradas hesitações<sup>116</sup>.

A partir desta divisão, controlamos a variável *pausas* conforme segue:

- presença de pausa anterior aos RADs
- presença de pausa posterior aos RADs
- presença de pausa anterior e posterior RADs
- Ausência de pausas

Veja alguns exemplos:

- (159) Ela até/ ela, uma senhora de setenta, eu com... com vinte e poucos anos, quer dizer, ... eu tinha cinquenta anos de experiência pra frente, **(pausa)** entendes? Eu sempre fui assim. (FLP04MAP:1003)
- (160) Que eu fiz muito curso por fora também, sabe? **(pausa)** Eu tenho curso de computação. (FLP04FJC:1255)
- (161) Tu não consegues ver o mal que ela está te causando, **(pausa)** entendeu? **(pausa)** Só quando tu páras, tu dás um tempo, tu dizes: “Pô:::! Perdi muito tempo, me fez (hes) muito mal, ... não valeu a pena”, ... entendes? (FLP12MJC:358)

Urbano (1997a:97) afirma que freqüentemente os RADs vêm precedidos e/ou seguidos de pausa e, também com freqüência, precedidos, seguidos ou sobrepostos aos respectivos estímulos. Segundo o autor, a pausa anterior ao requisito de apoio parece evidenciar a expectativa do falante quanto à manifestação de apoio ou atenção do seu interlocutor, então entendemos que o RAD é usado quando esta expectativa é frustrada. Por outro lado (cf. Urbano 1999:230), a pausa posterior reforçaria o pedido de participação do interlocutor. Nos dois casos, a presença da pausa teria a importante função de reforçar o caráter de interpeolidade característico dos RADs.

---

<sup>115</sup> Note que os dois autores inserem itens como *sabe?*, *tá?*, *viu?* dentro da classificação dos fenômenos de pausas e hesitações.

<sup>116</sup> A partir desta divisão, passamos a distinguir as denominações *pausas* e *hesitações* nos termos em que classificamos.

Este grupo de fatores foi, juntamente com os grupos de fatores *estímulos* e *hesitações*, um dos mais relevantes na pesquisa de Valle (1998:23 e 1999:16), que constata que as ocorrências de *sabe?* são favorecidas pela ausência de pausas (0,65), enquanto *entende?* é relacionado à presença de pausas antes do RAD (0,59) e antes e depois do RAD (0,66). Em relação a *não tem?*, Valle observou que este RAD ocorre um pouco mais associado a pausas do que *né?*, o que aponta para um grau maior de interatividade no primeiro RAD.

Seguindo nossa caracterização, o controle da variável *hesitações* foi feito da seguinte maneira:

- presença de hesitação anterior aos RADs
- presença de hesitação posterior aos RADs
- presença de hesitação anterior e posterior RADs
- Ausência de hesitação

Observe o exemplo abaixo, no qual temos uma série de hesitações anteriores aos RADs:

(162) Aí também nós fizemos lá uns:: ... uns trabalhos assim:: que/ ... de comida, *não tem?* ...  
Aí um amigo meu levou um/ o tang pro colégio. (FLP14MJG:145)

De acordo com Marcuschi (1989:313-4), a presença de hesitações em torno do RAD pode reforçar sua função de preenchedor de pausa, atuando de maneira exatamente inversa à atuação dos estímulos. Neste sentido, a presença de hesitações indicaria que RADs têm menos força interativa. Porém é preciso considerar que, se por um lado, os RADs com função de preenchedor de pausa<sup>117</sup> também ocorrem em contextos hesitativos, funcionando eles próprios (cf. Marcuschi, 1999:181 e Scliar-Cabral, 1981:126) como marcas de hesitação, isto não contraria o fato de que o contexto hesitativo favoreça o grau de interatividade de RADs atuantes em outras funções.

Os resultados de Valle (1998 e 1999) para a atuação deste grupo de fatores são semelhantes aos obtidos para a variável *pausas*, porém, se por um lado, *entende?* ocorre em contextos mais hesitativos, *sabe?*, *não tem?* e *né?* se caracterizam por ocorrer menos rodeados de hesitações.

Acreditamos, então, que entre os RADs seja predominante a ausência tanto de pausas quanto de hesitações. Porém, de modo mais específico, diante das considerações feitas a respeito das variáveis *pausas* e *hesitações*, acreditamos que a

presença destes aspectos circundantes aos RADs possa influir de forte maneira na carga interativa do mesmo. O falante pode utilizá-las para fornecer alguns segundos para que seu interlocutor retribua com algum tipo de estímulo.

Quanto à posição, acreditamos que as pausas posteriores ao RAD sejam um indício mais explícito da expectativa de resposta do falante, enquanto as hesitações anteriores ao RAD sirvam de estopim para que o RAD seja utilizado requisitando mais fortemente a participação do interlocutor.

Se nossa hipótese está correta, baseados no Princípio da Marcação (cf. Givón, 1995), prevemos que *entende?*, como item mais marcado e, por isso, que solicita mais explicitamente a participação do interlocutor, seja mais favorecido tanto em contextos hesitativos anteriores ao RAD, como mais cercado por pausas, principalmente posteriores, seguido de *não tem?* e *sabe?*, nesta ordem.

### ➤ Resultados e discussão

Para as rodadas binárias, amalgamamos na variável *hesitações* os fatores *presença de hesitação anterior aos RADs* e *presença de hesitação anterior e posterior aos RADs*<sup>117</sup>. Este grupo de fatores foi selecionado como 3º em grau de significância para *sabe?* e como 4º mais importante para *não tem?*, não tendo sido significativo para *entende?*. Veja a disposição dos resultados na tabela abaixo:

---

<sup>117</sup> Lembramos que a ocorrência em contextos de hesitação é apenas uma das características dos RADs na função que designamos como *planejamento verbal*, mas não a define por si só.

<sup>118</sup> Optamos por amalgamar estas duas variáveis a fim de realizar uma análise mais econômica possibilitando-nos considerações mais consistentes. Lingüisticamente este agrupamento fazia sentido, pois a informação mais importante para nós é sabermos se houve algum tipo de hesitação antes do RAD, isto indicaria mais claramente que o informante usou o RAD porque tinha dificuldades na produção de seu discurso. Já a presença de hesitações posteriores poderia ser um reflexo da pouca participação do interlocutor em lugares em que, para o falante, esta participação era necessária. Numericamente a união também era válida, pois os resultados foram semelhantes.

HESITAÇÕES	SABE?			NÃO TEM?			ENTENDE?		
	Ap./Tot.	%	PR	Ap./Tot.	%	PR	Ap./Tot.	%	PR
Ausência	148/345	43	<b>0,54</b>	128/345	37	0,44	69/345	20	(0,48)
Posterior	33/87	38	0,51	29/87	33	0,41	25/87	29	(0,59)
Anterior	22/89	25	0,33	48/89	54	<b>0,66</b>	19/89	21	(0,50)
TOTAL	203/521	39		205/521	39		113/521	22	
	Input: .38	Sig.: .017		Input: .38	Sig.: .049		Input: .22	Sig.: .231	
	3º selecionado			4º selecionado			Não selecionado		

Tabela 14: a variável *hesitações* e o uso dos RADs

Em uma leitura vertical da tabela, nossa hipótese geral é confirmada, pois a ausência de hesitações é predominante em torno dos RADs ( $345/521 = 66\%$ ). Isto indica que estes itens não são característicos de contextos em que o falante encontra dificuldades para produzir seu discurso, o que pode estar apontando, tal como vimos para a variável *estímulos*, que, extratextualmente, estes itens atuam muito mais como elementos de contato entre interlocutores do que como requisitos de busca de aprovação ou apoio discursivo.

Em termos mais específicos, ainda em uma leitura vertical, percebemos que cada um dos três itens confirma este resultado geral, concentrando-se mais em contextos não-hesitativos (*sabe?*:  $148/203 = 73\%$ ; *não tem?*:  $128/205 = 63\%$  e *entende?*  $69/113 = 61\%$ ). Mesmo com resultados muito semelhantes é possível perceber que *não tem?* e *entende?* ocorrem menos em contextos com ausência de hesitações que *sabe?*, que é o mais recorrente. É possível verificar ainda que, quando há presença de hesitações, *sabe?* e *entende?* ( $33/203 = 16\%$  e  $25/113 = 22\%$ , respectivamente) são mais associados àquelas posteriores aos mesmos, enquanto *não tem?* é mais freqüente com hesitações anteriores a si ( $48/205 = 23\%$ ).

Voltando nosso olhar para os contextos que privilegiam ou desfavorecem o uso de cada item, verificamos que *sabe?* é inibido em contextos com hesitação anterior ao RAD (0,33), o que pode estar relacionado com seu caráter de item menos marcado. A hesitação, geralmente, é a representação de algum problema de organização verbal, sendo assim, o RAD que vem estrategicamente colocado após trechos hesitativos teria a função de explicitar a expectativa do falante por um estímulo, uma *mãozinha* do seu interlocutor. Porém, *sabe?* não seria o mais indicado para este papel de solicitar

enfaticamente a presença do interlocutor por ser menos marcado e, portanto, passar mais despercebido.

Por outro lado, diferente do que esperávamos, *não tem?* é privilegiado em contextos em que a hesitação o precede (0,66) e *entende?*, apesar de não ter este grupo de fatores selecionado como significativo para sua análise, apresenta resultado em peso relativo mais alto quando as hesitações são posteriores a ele (0,59).

Diante desta configuração, achamos oportuno verificar os resultados obtidos nas rodadas binárias que contrapõem item a item e percebemos, como já havia ocorrido em relação à variável *estímulos*, que dada a importante diferença numérica entre *sabe?* e *não tem?* – o primeiro é o mais associado à ausência de hesitações, enquanto o último é o que mais se associa à presença de hesitações anteriores –, a união destes dois itens em oposição a *entende?* pode estar prejudicando sua análise. Observamos que quando realizamos o cruzamento entre *entende?* e *não tem?*, a variável *hesitação* não é selecionada como significativa e *entende?* apresenta-se desfavorecido em contextos de hesitação anterior ao RAD (0,42), o que pode ter ocorrido dado ao fato de *não tem?* ser altamente privilegiado neste contexto (0,58). Entretanto, ao observarmos a rodada binária de *entende?* x *sabe?*, verifica-se que a variável em questão é selecionada como segunda em termos de significância e *entende?* mostra-se altamente favorecido em contextos com hesitação anterior aos RADs (0,65).

Assim, acreditamos que nossa hipótese inicial de que *entende?* seria o item mais privilegiado em contextos de hesitação anterior aos RADs – por ser o item mais marcado e, logo, que mais fortemente solicitaria a participação do interlocutor após seqüências hesitativas –, apesar de não ser confirmada, não é totalmente inviabilizada. Podemos concluir que, mesmo sendo *não tem?* o item mais favorecido, este tipo de contexto não deixa de ser também promovedor de *entende?*.

Passando à análise da variável *pausas*, devemos destacar que para este grupo também unimos dois fatores – *pausas posteriores aos RADs* e *pausas anteriores e posteriores aos RADs*<sup>119</sup> –, a fim de tornar a análise mais condensada e as explicações mais diretamente ligadas com as nossas hipóteses. Este grupo apresenta-se menos

---

<sup>119</sup> Lingüísticamente, decidimos unir estes dois grupos de fatores porque acreditamos, como expusemos em nossas hipóteses, que as pausas posteriores aos RADs marcariam mais a expectativa do falante em relação à resposta ativada por estes itens. Numericamente, como a quantidade de ocorrências de pausas anteriores e posteriores aos RADs era pequena (9 ocorrências) e, semelhantemente distribuída como a outra variante, o agrupamento era oportuno.

relevante em termos de significância que o anterior, pois foi selecionado apenas para *não tem?* e em quinto lugar. Verifique os resultados na tabela abaixo:

PAUSAS	SABE?			NÃO TEM?			ENTENDE?		
	Ap./Tot.	%	PR	Ap./Tot.	%	PR	Ap./Tot.	%	PR
Anteriores	20/46	43	(0,55)	12/46	26	0,32	14/46	30	(0,61)
Ausentes	165/401	41	(0,53)	157/401	39	0,51	79/401	20	(0,47)
Posteriores	18/74	24	(0,34)	36/74	49	<b>0,57</b>	20/74	27	(0,57)
TOTAL	203/521	39		205/521	39		113/521	22	
	Input: .39	Sig.: .017		Input: .38	Sig.: .049		Input: .22	Sig.: .049	
	Não selecionado			5° selecionado			Não selecionado		

Tabela 15: a variável *pausas* e o uso dos RADs

Novamente, nossa hipótese geral se confirma, pois os RADs são muito mais recorrentes em contextos com ausência de pausas (401/521 = 77%) e, conforme pontuamos para a variável anterior, este resultado pode ser uma pista de que estes itens, extratextualmente, são pouco usados pelo falante como elementos de busca de aprovação explícita do interlocutor, atuando muito mais como elementos de contato entre interlocutores.

De modo mais específico, os resultados em termos de frequência de uso para cada um dos itens nos mostram que, dos três, *não tem?* é o que mais ocorre cercado por pausa posterior (36/74 = 49%), seguido de *entende?* (20/74 = 27%) e *sabe?* (18/74 = 24%). Já em contextos de pausa anterior, *sabe?* é o mais freqüente (20/46 = 43%), enquanto *entende?* (14/46 = 30%) e *não tem?* (12/46 = 26%) são menos usados neste contexto.

Em termos de condicionamentos, percebemos que o uso de *sabe?* é inibido em contextos com pausa posterior (0,34), o que, novamente, pode ser devido a seu caráter menos marcado. A pausa posterior ao RAD marca uma expectativa do falante por um estímulo do interlocutor. Assim, para solicitar mais enfaticamente a participação do interlocutor, *sabe?* seria o menos indicado por passar mais despercebido.

Em contraste, *não tem?* é favorecido em contextos de pausa posterior (0,57) e *entende?* é privilegiado tanto em contextos de pausa anterior (0,61) quanto posterior (0,57), o que confirma nossa hipótese inicial. Este resultado reflete, mais uma vez, a atuação do princípio da marcação, pois, em relação a esta variável, obtemos mais uma

configuração escalar em que *entende?*, como item mais marcado, é o mais indicado em contextos em que o falante espera uma resposta de seu interlocutor.

### 2.3.3 Presença de MDs junto aos RADs

#### ➤ Caracterização e hipótese

Ao analisarmos as ocorrências de *sabe?*, *entende?* e *não tem?*, notamos que associadas a muitas delas estavam outros MDs, principalmente o *assim*. Controlamos a presença de MDs junto aos RADs<sup>120</sup> com os seguintes fatores:

- presença do MD *assim*
- presença do MD *né?*
- presença de outros MDs
- ausência de MDs

Observe alguns exemplos:

(163) Mas é porque a gente não é muito unida assim, **sabe?** nesse sentido de aprontar as coisas. (FLP19FJG:30)

(164) Estava super legal assim, né?: Eles agitaram pra caramba, eu tive que (risos F) eu fui, o show era lá no LIC, né? Lagoa da Conceição **sabe**, né? Aí eu fui, cheguei/ fui de carona com a minha amiga, né? (FLP19FJG:647)

Em Valle (1998:23), se contrastaram as ocorrências com presença e ausência de MDs junto aos RADs e foi constatado que, dos 36 casos de presença de MDs junto aos RADs, 34 deles eram associados a *sabe?*, enquanto somente em duas ocorrências de *entende?* estes itens foram encontrados. Contudo não se alcançaram resultados muito significativos já que, sem individualizar os MDs, torna-se difícil interpretar qual sua influência sobre o comportamentos dos RADs.

Nossa hipótese, aqui, era que a presença de MDs junto aos RADs fosse pequena e se manifestasse mais através de *assim*. Esperávamos, ainda, que *sabe?* fosse, dos itens em análise, o mais acompanhado destes elementos.

---

<sup>120</sup> Somente foram considerados os MDs que ocorreram imediatamente antes ou depois dos RADs.

## ➤ Resultados e discussão

Após executarmos a primeira rodada estatística dos dados, percebemos que existiram somente 3 casos de presença do MD *né?* e optamos por amalgamar os grupos *presença do MD né?* e *presença de outros MDs*.

Este grupo de fatores não foi selecionado como condicionante para nenhum dos itens em estudo, não sendo significativo para a delimitação do contexto de uso dos RADs. Ainda assim, os resultados percentuais obtidos atestam as nossas hipóteses. Observe a tabela abaixo:

PRESENÇA DE MDs	SABE?		NÃO TEM?		ENTENDE?	
	Ap./Tot.	%	Ap./Tot.	%	Ap./Tot.	%
Ausência	166/467	36	191/467	41	110/467	24
Assim	31/46	67	13/46	28	2/46	4
Outros	6/8	75	1/8	13	1/8	13
TOTAL	203/521	39	205/521	39	113/521	22

Tabela 16: a presença de MDs e o uso dos RADs

Percebemos que a frequência de MDs associados aos RADs, em geral, é pequena (54 ocorrências no total) e que *assim* é realmente o mais produtivo, estando presente em 46 casos, em 31 deles associando-se a *sabe?* e em 13 a *não tem?*.

Creemos que a presença de certos MDs como *assim e né?* possa acentuar ou até influir na função exercida pelo RAD, porém, para vislumbrarmos melhor qual a interferência dos MDs sobre os itens em análise, seria necessário um estudo mais apurado, principalmente de *assim*.

### 2.3.4 Os aspectos circundantes dos RADs e os rumos da mudança

Em geral, os RADs apresentam-se pouco cercados por estímulos (30%), hesitações (34%), pausas (23%) e MDs (10%), aspectos que medem o grau de interatividade entre falante e ouvinte: os estímulos, explicitando que o interlocutor se sente impelido pelo RAD a interagir com o falante; as hesitações, marcando as

dificuldades de processamento que impulsionam o falante a usar os RADs para manter seu turno ou para pedir auxílio ao interlocutor; e as pausas, representando o tempo dado pelo falante para que seu interlocutor possa participar de seu discurso. Isto indicaria que os itens investigados estão mais distantes de seu sentido inicial de *checar conhecimento/existência/compreensão*, tendo diminuído seu caráter interpessoal, talvez por estar assumindo atuações mais relacionadas com a organização interna do texto.

Em termos mais específicos, *sabe?* parece ser o item mais destituído de suas propriedades interpessoais derivadas de seu sentido-origem, apresentando-se levemente favorecido em contextos com ausência de estímulos (0,55) e hesitações (0,54), o que pode estar correlacionado a seu caráter menos marcado e, portanto, mais imperceptível, além de reforçar a idéia que este é, dos três, o item mais avançado no percurso de mudança. Contrapondo-se a isto, *não tem?*, diferente do que esperávamos já que *entende?* é mais marcado, é o item que mais mantém seu caráter de interpessoalidade, sendo prestigiado em contextos com presença de estímulos (0,63), hesitações anteriores (0,66) e pausas posteriores (0,57), o que talvez se deva ao fato deste item ter entrado neste tipo de atuação mais recentemente que os outros, o que é indicado pela sua ocorrência restrita às regiões litorâneas de Santa Catarina.

### 3. Variáveis sociais

Nesta seção são apresentados os resultados referentes aos grupos de fatores sociais – *sexo, idade e escolaridade* – que seguem a mesma seqüência de apresentação dos grupos de fatores lingüísticos e também contam com uma seção final, na qual verificamos se os resultados obtidos são capazes de apontar tendências de mudanças no uso dos RADs.

Nenhum dos grupos aqui apresentados foi selecionado pelo programa estatístico como significativo. Este resultado já era esperado, pois, conforme Macedo e Silva (1996:25), na maioria dos fenômenos discursivos, a atuação das variáveis sociais costuma ser pequena.

A escolha das formas dos RADs parece ser pouco condicionada por padrões sociais, estando mais relacionada a atitudes individuais de cada informante, talvez influenciado por sua rede familiar: os entrevistados geralmente são fiéis ao uso de uma

determinada forma de RAD e a escolha por uma, praticamente, faz cessar o uso das outras – aquele informante que utiliza muito *sabe?* é pouco produtivo com *não tem?* e *entende?*<sup>121</sup>. Esta escolha por um dos itens em decréscimo dos outros é mais nítida entre os jovens. Observe a distribuição dos RADs em cada informante na tabela abaixo:

INFORMANTE	SABE?		NÃO TEM?		ENTENDE?	
	Ap./Tot.	%	Ap./Tot.	%	Ap./Tot.	%
01 FJP(05)	---	---	27/27	100	---	---
02 FJP(03)	---	---	4/4	100	---	---
03 FAP(01)	9/9	100	----	---	---	---
04 FAP(03)	5/16	31	1/16	6	10/16	63
05 FBP(07)	12/15	80	2/15	13	1/15	7
06 FBP(08)	---	---	---	---	---	---
07 MJP(10)	---	---	98/101	97	3/101	3
08 MJP(13)	---	---	3/3	100	---	---
09 MAP(02)	1/8	13	2/8	25	5/8	63
10 MAP(04)	---	---	---	---	1/1	100
11 MBP(05)	2/2	100	---	---	---	---
12 MBP(06)	1/6	17	1/6	17	4/6	67
13 FJG(19)	30/30	100	---	---	---	---
14 FJG(20)	9/9	100	---	---	---	---
15 FAG(09)	3/7	43	4/7	57	---	---
16 FAG(11)	21/29	72	---	---	8/29	28
17 FBG(15)	7/8	88	1/8	13	---	---
18 FBG(16)	---	---	6/7	86	1/7	14
19 MJG(14)	---	---	21/22	95	1/22	5
20 MJG(18)	2/2	100	---	---	---	---
21 MAG(10)	---	---	1/1	100	---	---
22 MAG(12)	8/10	80	1/10	10	1/10	10
23 MBG(13)	6/12	50	---	---	6/12	50
24 MBG(14)	2/7	29	5/7	71	---	---
25 FJC(04)	25/34	74	---	---	9/34	26
26 FJC(09)	7/13	54	---	---	6/13	46
27 FAC(17)	1/1	100	---	---	---	---
28 FAC(20)	---	---	25/25	100	---	---
29 FBC(22)	9/12	75	1/12	8	2/12	17
30 FBC(24)	8/9	89	---	---	1/9	11

<sup>121</sup> Dal Mago (2001) também observou este comportamento em relação a seu fenômeno: os falantes geralmente optavam entre o uso exclusivo de *quer dizer* ou *vamos dizer*.

31 MJC(01)	2/8	25	3/8	38	3/8	38
32 MJC(12)	17/53	32	---	---	36/53	68
33 MAC(18)	15/18	83	1/18	6	2/18	11
34 MAC(19)	1/3	33	2/3	67	---	---
35 MBC(21)	---	---	---	---	---	---
36 MBC(23)	---	---	---	---	9/9	100
Total	203/521	39	205/521	39	113/521	22

Tabela 17: Distribuição dos RADs por informante

Percebemos que dois dos informantes não produzem nenhuma ocorrência de nenhum dos RADs, treze deles concentram suas ocorrências em apenas um dos RADs, outros treze em dois RADs e somente oito dos informantes utilizam-se dos três RADs em análise. Mesmos assim, o fato de um mesmo informante fazer uso de *sabe?*, *não tem?* e *entende?* não garante a recorrência destes três itens e observa-se que, dos oito informantes que deles fazem uso, somente em quatro existe uma distribuição mais equilibrada.

Devemos considerar ainda que, se, por um lado, existem informantes (como 06, 10, 11, 21, 27 e 35) que não produzem nenhuma ou um número mínimo de RADs, de outro lado, existem aqueles informantes como 07 que se utiliza de quase metade do total de ocorrências de *não tem?* ( $98/205 = 48\%$ ), ou como 32 que, sozinho, é responsável por quase um terço das ocorrências de *entende?* encontradas no *corpus* ( $36/113 = 32\%$ ).

Diante deste quadro, os resultados obtidos para as variáveis sociais devem ser relativizados. Assim, os comentários recaem sobre aspectos mais gerais a respeito do comportamento dos RADs.

### ➤ O uso de *não tem?* e as variáveis sociais

Em Florianópolis existe uma fronteira bastante nítida entre o falar do interior da Ilha e o falar da capital. Brescancini (1996) verifica que a comunidade da Freguesia do Ribeirão da Ilha, que ainda preserva forte cultura açoriana, tem mais altos índices de aplicação do fenômeno de palatalização da coronal anterior em posição de coda do que na zona urbana. Também Loregian (1996), em sua dissertação sobre a

concordância verbal com o pronome tu na fala do sul do Brasil, verifica que existe uma grande diferença entre os resultados obtidos para a amostra do Ribeirão da Ilha e a amostra de Florianópolis, pois os moradores desta comunidade do interior da Ilha preservam muito mais a concordância de segunda pessoa com *tu*.

Não controlamos a variável *região* em nossa pesquisa, mas acreditamos que as diferenças não só geográficas, mas principalmente sociais, que distinguem estes dois mundos possam ser correlacionadas ao uso de *não tem?*. Esta forma, como vimos no capítulo I, é típica da região litorânea de Santa Catarina e se constitui como uma das marcas características do chamado *manezinho da Ilha*.

Tem até Gaúcho fazendo o nosso personagem – É BRICADEIRA ÓÓ – fazer o quê? Achamos graça do BÁH TCHÊ deles: eles também acham engraçado o nosso OLHÓLHÓ! TÁS TOLO! **NÃO TEM?** (Amante, 1998:36)

Segundo Nunes (1998), no ano de 1986 alguns amigos da zona urbana de Floripa, sentados numa mesa de bar, resolveram instituir o Prêmio Manezinho da Ilha, para homenagear as pessoas que mais se identificam como Ilhéus. A partir daí, este título, que antes era considerado como pejorativo e até mesmo ofensivo, de acordo com Nunes, passa a ser visto como sinônimo de honra.

Porém, baseados em relatos de pessoas nativas, e considerando que o *corpus-base* de Florianópolis foi coletado nesse período, cremos que o termo *manezinho* ainda não perdeu totalmente seu valor pejorativo e que, portanto, *não tem?* carregue um certo estigma, sendo desprestigiado por mulheres e mais escolarizados. Quanto à idade do informante não temos nenhuma expectativa clara relacionada a *não tem?*.

### 3.1 Sexo

#### ➤ Caracterização e hipótese

Macedo e Silva (1996:18) constatam que, de modo geral, os RADs são usados de modo equilibrado entre homens e mulheres, não havendo nenhuma interferência desta variável na distribuição destes itens.

Esperávamos que isto se confirmasse também em nossos dados e não tínhamos nenhuma expectativa clara quanto a preferências por um ou outro item, a não ser que *não tem?*, dado que parece carregar certo grau de estigma, fosse menos usado

pela mulheres, já que, segundo Labov (1990:213) e conforme resultados que muitas pesquisas sociolinguísticas têm demonstrado, elas estão mais atentas às formas de prestígio do que os homens.

### ➤ Resultados e discussão

A partir das frequências gerais para os dois sexos (feminino:  $255/521 = 49\%$  e masculino:  $266/521 = 51\%$ ), verificamos que nossa hipótese geral se confirma, não havendo diferenças entre homens e mulheres no uso dos RADs em geral.

Em termos específicos, dadas as restrições na distribuição dos dados entre os informantes, todo cuidado é pouco para que não tiremos conclusões precipitadas. Observe a tabela abaixo:

SEXO	SABE?		NÃO TEM?		ENTENDE?		Total	
	Ap./Tot.	%	Ap./Tot.	%	Ap./Tot.	%	Ap./Tot.	%
Feminino	146/203	72	67/205	33	42/113	37	255/521	49
Masculino	57/203	28	138/205	67	71/113	63	266/521	51

Tabela18: A variável sexo e o uso dos RADs

Através da frequência dos dados, verificamos que as ocorrências de *sabe?* se concentram entre as mulheres ( $146/203 = 72\%$ ), enquanto *não tem?* e *entende?* são mais recorrentes entre os homens ( $138/205 = 67\%$  e  $71/113 = 63\%$ , respectivamente). À primeira vista, poderíamos ficar felizes com tal resultado e acharmos, de acordo com nossa hipótese, que os homens, menos atentos às formas de prestígio, utilizam-se mais de *não tem?*. Contudo é preciso lembrar que quase a metade das ocorrências deste item são produzidas por um só informante do sexo masculino (nº 07 – 98 ocorrências), bem como cerca de 1/3 das ocorrências de *entende?* são produzidas por um único informante também do sexo masculino (nº 32 – 36 ocorrências), o que pode inviabilizar as considerações específicas a respeito destes itens. Por outro lado, se retirarmos as ocorrências destes dois informantes, verificamos que os resultados específicos para *não tem?* e *entende?* mostram-se um pouco mais próximos para homens e mulheres (*não tem?*: Masc. –  $40/107 = 37\%$ , *entende?*: Masc. –  $35/77 = 45\%$ ), o que fortalece ainda mais a idéia geral de que esta variável está pouco relacionada ao uso dos RADs.

### 3.2 Idade

#### ➤ Caracterização e hipótese

A amostra de Florianópolis, integrante do banco de dados VARSUL, é composta por três faixas etárias que controlamos como fatores para esta variável:

- Informantes de 15 a 21 anos
- Informantes de 25 a 49 anos
- Informantes com mais de 50 anos

A partir dos resultados de Valle (1998:27 e 1999:19-20)<sup>122</sup>, percebemos que, de maneira geral, o uso dos RADs diminui proporcionalmente ao aumento da faixa etária. Do total de ocorrências de *sabe?*, 42% são dos mais jovens, 33% são da faixa intermediária e apenas 25% são produzidas pelos mais velhos. Para *entende?* os resultados foram praticamente iguais. Macedo e Silva (1996:18) também acreditavam nesta hipótese, mas seus resultados não indicaram diferenças sensíveis entre as três faixas etárias consideradas em sua análise<sup>123</sup>.

Apostamos na escalaridade proposta por Valle (1998 e 1999) como configuração para nossas ocorrências, porém não temos nenhuma expectativa clara em relação ao comportamento específico dos itens em análise.

#### ➤ Resultados e discussão

Observamos, através da tabela abaixo, que nossa expectativa se confirma em uma perfeita escala decrescente de uso dos RADs que vai dos mais jovens aos mais velhos. Uma possibilidade de interpretação seria correlacionar esta escalaridade a fatores de maturação, ou seja, os mais jovens podem estar fazendo maior uso dos RADs, por se sentirem ainda inseguros sobre suas opiniões em determinados assuntos.

---

<sup>122</sup> O foco da pesquisa de Valle (1998) é o uso variável de *sabe* e *entende?* e de Valle (1999) é o uso variável de *né?* e *não tem?*.

IDADE	SABE?		NÃO TEM?		ENTENDE?		Total	
	Ap./Tot.	%	Ap./Tot.	%	Ap./Tot.	%	Ap./Tot.	%
De 15 a 21	92/203	45	156/205	76	58/113	51	306/521	59
De 25 a 49	64/203	32	33/205	16	31/113	28	128/521	24
Mais de 50	47/203	23	16/205	8	24/113	21	87/521	17

Tabela 19: A variável *idade* e o uso dos RADs

O mesmo resultado escalar é obtido para cada item, às vezes mais e outras menos polarizado. *Sabe?*, talvez por estar melhor distribuído entre os informantes, é o que apresenta a escala mais regularizada com diferenças percentuais de 10 a 12% entre cada faixa etária. Por outro lado, *não tem?* e *entende?* apresentam um grande salto entre a faixa etária dos jovens e daqueles de 25 a 49 anos. Isto ocorre, novamente, por interferência dos dois informantes jovens (nº 07 e 32), que concentram um alto número de ocorrências destes itens.

Ao excluirmos as ocorrências do informante 07 da faixa etária dos 15 aos 21 anos ( $58/107 = 54\%$ ) verificamos que a escala etária torna-se menos polarizada para *não tem?* (de 25 a 49:  $33/107 = 31\%$  e de 50 em diante:  $16/107 = 15\%$ ), aproximando-se mais dos resultados obtidos para *sabe?*. Este grande aumento do uso de *não tem?* na direção mais velhos – mais jovens, mesmo após termos relativizado os resultados, pode estar indicando que o uso deste item como RADs ainda é recente na comunidade florianopolitana.

Um quadro distinto se forma quando eliminamos as ocorrências de *entende?* produzidas pelo informante 32, fazendo com que a faixa etária de 25 a 49 concentre o maior número deste item ( $31/77 = 40\%$ ) seguidos dos mais velhos ( $24/77 = 31\%$ ) e dos mais jovens ( $22/77 = 29\%$ ). Somando-se as ocorrências dos mais velhos com a faixa etária intermediária ( $55/77 = 71\%$ ) e opondo este resultado à faixa etária dos mais jovens ( $22/77 = 29\%$ ) verificamos que os jovens são responsáveis por menos de um terço das ocorrências de *entende?*<sup>124</sup>. Uma possível explicação para esta distribuição poderia estar relacionada ao caráter mais formal deste item, o que faria seu uso diminuir entre os jovens (excetuando-se o informante 32). Porém, não podemos, realmente, saber o que influencia este comportamento de *entende?*.

<sup>123</sup> Macedo e Silva (1996) controlam as seguintes faixas etárias: 7-14 anos, 15 –25 anos; 26-49 anos.

<sup>124</sup> Realizamos um cruzamento entre idade x seqüência discursiva e escolaridade x seqüência discursiva para tentar obter uma possível explicação para o comportamento diferenciado de *entende?*, mas não obtivemos resultados significativos.

### 3.3 Escolaridade

#### ➤ Caracterização e hipótese

Consideramos em nossa análise os três níveis de escolaridade, nos quais os informantes são distribuídos no *corpus* em análise:

- ❑ Primário: que corresponde atualmente ao quarto ano do ensino fundamental.
- ❑ Ginásial: que corresponde ao ensino fundamental completo (oito anos).
- ❑ Colegial: que corresponde ao ensino médio completo (3 anos).

Macedo e Silva (1996:18) tinham a hipótese de que, em geral, o uso dos marcadores diminuiria de acordo com o aumento da escolaridade, porém isto não ocorreu em seus dados já que os RADs não manifestaram diferenças neste sentido.

De modo oposto, Valle (1998:27-8) constata que o uso de *sabe?* e *entende?* é altamente elevado com o aumento da escolaridade, sendo que, de modo mais específico, *entende?* (57% do total de ocorrências) é mais freqüente que *sabe?* (42% do total de ocorrências) no nível colegial. Esta diferença entre os dois RADs também é obtida por Martelotta (1998:88)<sup>125</sup> que verifica que *entendeu?* é mais utilizado entre os níveis de escolaridade mais alta, sendo que *sabe?*, por outro lado, não segue esta tendência.

A partir destas considerações, acreditamos que, de modo geral, o uso dos RADs aumente proporcionalmente ao aumento da escolaridade e, em termos específicos, supomos *não tem?* seja o menos usado nos níveis de escolaridade mais avançados, como vimos na hipótese geral para este item.

#### ➤ Resultados e discussão

Os resultados em freqüência, à primeira vista, demonstram que nossa hipótese geral não se confirma. Justamente ao contrário, verifica-se que o maior uso dos RADs ocorre entre os menos escolarizados (192/521 = 37%). Verifique os números na tabela abaixo:

ESCOLARIDADE	SABE?		NÃO TEM?		ENTENDE?		Total	
	Ap./Tot.	%	Ap./Tot.	%	Ap./Tot.	%	Ap./Tot.	%
Primário	30/203	15	138/205	67	24/113	21	192/521	37
Ginásio	88/203	43	35/205	17	21/113	19	144/521	28
Colegial	85/203	42	32/205	16	68/113	60	185/521	35

Tabela 20: A variável *escolaridade* e o uso dos RADs

Contudo, mais uma vez, precisamos relativizar este resultado, pois o informante 07, que sozinho produz 98 dados de *não tem?*, situa-se no nível de escolaridade primário. Excluindo os seus dados da análise, os resultados confirmam nossa hipótese de uma escala ascendente para o uso do RADs em relação à escolaridade, mas para sermos justos devemos, então, também desconsiderar as ocorrências produzidas pelo informante 32, que possui nível de escolaridade colegial. Fazendo as devidas exclusões obtemos o seguinte resultado: primário –  $94/387 = 24\%$ ; ginásio –  $144/387 = 37\%$  e colegial –  $149/387 = 39\%$ . Esta redistribuição, apesar de não se apresentar de forma tão escalar como era esperado, confirma nossa hipótese inicial, pois a maior recorrência dos RADs se concentra nos níveis mais altos de escolaridade.

De maneira específica, observando os resultados já de modo relativizado, verificamos que *sabe?* se distribui entre os níveis de escolaridade mais elevados (ginásio:  $88/203 = 43\%$  e colegial:  $85/203 = 42\%$ ) e o mesmo ocorre com *entende?* (primário:  $24/77 = 31\%$ ; ginásio:  $21/77 = 27\%$  e colegial:  $32/77 = 42\%$ ). Como esperávamos, *entende?* é o mais usado entre os mais escolarizados e talvez isto ocorra porque este RAD, como verificamos na variável *idade*, parece ser o mais destinado a contextos de maior grau de formalidade. Outra possível hipótese explicativa é que os mais escolarizados podem ter se dedicado mais ao desenvolvimento de contextos argumentativos e, como nestes contextos *entende?* predomina, logo este item também seria predominante entre aqueles de escolaridade mais avançada.

De modo oposto aos dois RADs explanados acima, *não tem?* tem seu uso fortalecido com a diminuição do nível de escolaridade (colegial:  $30/107 = 30\%$  e primário:  $40/107 = 37\%$ ). Embora em termos de frequência de uso as diferenças entre os três níveis de escolaridade sejam pequenas, nossa hipótese geral quanto a este item é

<sup>125</sup> Martelotta (1998) faz uma análise quantitativa de *sabe?* e *entendeu?*, tomando 93 informantes do corpus do Rio de Janeiro do Grupo Discurso e Gramática.

confirmada, pois seu uso é maior entre os menos escolarizados o que poderia ser mais uma pista de que este item se constitui como marca de estigma e, por isso, seu uso é diminuído conforme o aumento da escolaridade.

### 3.4 As variáveis sociais e as tendências de mudança

Os RADs não sofrem restrições quanto ao sexo dos informantes e apresentam-se mais frequentemente associados à fala dos mais jovens (59%) e mais escolarizados (63%).

Dada a distribuição irregular do número de ocorrências e dos três itens entre os informantes, seria arriscado apontar tendências de mudança para os RADs, porém podemos ao menos sugerir que o fato de *não tem?* ser pouco recorrente na faixa etária intermediária (16%) e dos mais velhos (8%) pode ser mais um indício de que seu uso como RAD é relativamente recente.

## 4. Os estágios e rumos do processo de mudança de *sabe?*, *não tem?* e *entende?*

Nesta seção, observamos o caminho percorrido pelos itens enquanto RADs, a partir dos resultados estatísticos, procurando avaliar que tipo de mudança está envolvida – gramaticalização ou discursivização –, além de observar o que ocorre com o conteúdo lexical e com o estatuto gramatical de cada um deles no decorrer do percurso e qual a direção que estes itens parecem estar tomando.

### 4.1 Mudança via gramaticalização ou discursivização?

Observamos, no capítulo anterior, que *sabe?*, *não tem?* e *entende?* seguem a direção *ideacional* > *interpessoal* > *textual*, proposta por Heine *et al.* (1991:190-1) para as mudanças via gramaticalização. Esta trajetória envolve mudanças semânticas e categoriais e é equivalente à direção geralmente apontada para os itens em gramaticalização, *lexical* > *textual*.

Em linhas gerais, além das manifestações iniciais de expansão metafórica sofridas pelos verbos de origem dos itens investigados, em um primeiro momento, inseridos em contextos interrogativos, estes verbos sofrem mudança semântica que evidencia sua função interpessoal; posteriormente, em contextos relacionais, os RADs parecem ter ressaltada sua carga textual, funcionando como encadeadores do discurso oral. Todavia, é preciso notar que as três funções da linguagem não se excluem e o fortalecimento textual dos RADs não faz desaparecer seu aspecto interpessoal. Assim, conforme nos mostram os resultados, os itens em análise se encontram em um *continuum* de mudança em que estas duas funções estão em competição.

A partir da entrada dos RADs em contextos relacionais, funcionando como encadeadores do discurso oral e reforçando sua função textual, uma questão emerge: se existe a possibilidade de mudança de categoria, que tipo de processo estaria envolvido, gramaticalização ou discursivização?

Com relação a esta questão, Traugott (1995:1), com uma visão mais alargada de gramática que compreende também aspectos pragmáticos, sugere que ao menos nos estágios iniciais de gramaticalização existe um fortalecimento pragmático e um fortalecimento da subjetividade, de tal forma que os sentidos tendem a tornar-se crescentemente situados na atitude/estado-crença do falante diante da situação.

Em outra direção, Martelotta (1998:64-6) não insere os MDs no percurso de gramaticalização por três motivos: a) o caráter pragmático-discursivo das funções destes itens, mais subjetivas e de difícil caracterização estrutural; b) a sobreposição e a fusão de MDs; c) a dificuldade de indicação de trajetórias de mudança lineares, dada a possibilidade de derivações em múltiplas direções. O autor distingue operadores argumentativos de marcadores discursivos e inclui no processo de mudança via gramaticalização somente os primeiros – elementos que apresentam maior regularidade em termos de usos e são mais voltados à organização textual, com funções menos pragmáticas, voltadas para a identificação de partes do discurso e para a regularização do processo comunicativo.

Com relação aos nossos itens, temos um fortalecimento pragmático com um componente adicional, pois a função de elementos como *sabe? entende? e não tem?* não só é centrada na atitude do falante diante da situação, como também na atitude do falante em relação ao ouvinte, envolvendo forte carga de interpessoalidade, de contato entre falante/ouvinte. Este componente de interpessoalidade, apesar de não ser explicitamente previsto por Traugott como parte da pragmática inserida em sua visão de

gramática, não é excluído dela, uma vez que a única restrição colocada pela autora diz respeito à inclusão, na gramática, de noções pragmáticas relativas a conhecimento enciclopédico.

A partir destas considerações, seria precipitado afirmar que os RADs aqui analisados estão, realmente, mudando de categoria gramatical, pois ainda mantêm fortes características de itens interpessoais, à medida que atuam no nível extratextual; porém em posições no enunciado que os revestem de uma intenção argumentativa entre relações textuais (cf. Urbano, 1997:97), podem ser observados num estágio inicial de mudança via gramaticalização.

## 4.2 Estágios e rumos dos itens no percurso de mudança

A partir do estabelecimento do tipo de trajetória seguida por *sabe?*, *não tem?* e *entende?*, do ideacional (via interpessoal) para o textual, encontrando-se em um estágio inicial de gramaticalização, é preciso verificar qual dos itens mostra-se mais avançado neste caminho, tendendo a evidenciar novas atuações textuais.

No início deste capítulo, propusemos uma distribuição escalar para os itens em análise, baseada no Princípio da Marcação (cf. Givón, 1995:28), que vai do mais marcado ao menos marcado, passando por um nível intermediário:

<i>sabe?</i>	<i>não tem?</i>	<i>entende?</i>
menos marcado		mais marcado

Associando a escala de marcação à idéia de mudança lingüística obtemos uma distribuição inversamente proporcional, ou seja, quanto mais marcado é o item menos avançado será seu estágio de mudança lingüística. Isto pode ser verificado em relação a cada um dos dois critérios de marcação que aplicamos aos elementos analisados.

Enquanto, segundo o critério de complexidade estrutural, uma maior complexidade significa uma maior marcação, em relação aos processos de mudança corresponderia a um estágio menos avançado, pois, conforme já observamos em nossa fundamentação teórica, segundo Heine e Reh (1984:67) as formas em um estágio mais

avançado de mudança, principalmente via gramaticalização, tendem a se simplificar ou até mesmo a se fundir com outras unidades.

Além disso, de acordo com os critérios de marcação, quanto maior a frequência menos marcada é a forma. Em contraste, conforme já apontamos, Lichtenberk (1991:51) considera o aumento na frequência de uso como um dos principais fatores para que certas formas atuem com significados novos e em novas funções, ou seja, avancem em seu percurso de mudança. Além deste autor, Furtado da Cunha et al. (1999:95) também apontam que *termos repetidos em determinados ambientes textuais motivam certa padronização de uso, num processo típico de estágio inicial de gramaticalização*. Desta forma, a alta recursividade tenderia a contribuir para a regularização das formas, o que indicaria um estágio mais avançado no percurso de mudança.

Em resumo, formas mais marcadas tendem a estar em um estágio menos avançado de mudança, em relação a formas menos marcadas, o que significaria dizer que, enquanto *sabe?* é o item mais gramaticalizado, *não tem?* e, principalmente, *entende?*, seriam menos gramaticalizados.

Entretanto, apesar do Princípio da Marcação exercer papel fundamental para a identificação dos itens em seus estágios de mudança, existem outras motivações atuantes neste sentido: o tempo de uso dos itens como requisitos de apoio e o conseqüente distanciamento de seu sentido-origem.

Verificamos, através de nossos resultados, que, apesar de menos marcado que *entende?*, *não tem?* é o item que mais mantém seu caráter de interpessoalidade, sendo prestigiado em contextos com presença de estímulos, hesitações anteriores e pausas posteriores, o que indica que ainda mantêm fortes características de seu sentido inicial de *checar existência*. Isto talvez se deva ao fato deste item ter entrado mais recentemente que os outros no papel de RAD, o que é indicado pela sua ocorrência restrita às regiões litorâneas de Santa Catarina e por ser pouco recorrente na faixa etária intermediária e dos mais velhos.

Percebemos que, se por um lado, *entende?* é o item mais marcado e, por conseqüência, menos rotinizado, *não tem?*, é mais recente e ainda bastante vinculado com seu sentido-origem. Sendo assim, não nos parece possível, no momento, identificar qual dos dois itens encontra-se mais gramaticalizado, porém podemos afirmar que, mesmo que por motivações distintas, ambos encontram-se em um estágio menos avançado de mudança em relação a *sabe?*.

Assim, *sabe?*, por ser menos marcado e mais distanciado de seu sentido origem e, conseqüentemente, mais generalizado, é o item mais avançado no processo de gramaticalização, com uma atuação mais textual de encadeador do discurso oral, podendo, segundo Bybee (2001), a partir dos contextos em que é mais freqüente, dar origem a novas funções no discurso. Veja os exemplos abaixo:

- (165) Tem a Avenida Central- pô! ali você encontra travesti, encontra prostituta, entendeu? droga nas esquinas, é um lance que de certa forma até influencia um pouco os jovens. (est) **Sabe**, eu vejo jovens nas/ nas praças aí, eu também tive minha época de/ de estar num/ num/ nesses/ nesses/ nesses negócios de rolo. E é/ eu acho triste, eu acho que não/ não devia ser assim, preferia que fosse como era antes. (FLP12MJC:166)
- (166) Já fiz outras coisas também, cherei cola. Era/ é/ foi uma fase muito ruim pra mim. Eu tava assim, bem, bem perdido mesmo. **Sabe**, a droga, ela/ como falei ontem também, pra minha namorada, ela tipo, vai te cegando, entende? (FLP12MJC:354)

Nos dois exemplos acima transcritos, *sabe?* está sendo usado com traços de operador argumentativo, em contextos em que o falante manifesta seu posicionamento sobre algo, exercendo um movimento catafórico, não encontrado em nenhum dos dois outros itens. Apesar da baixa freqüência deste tipo de ocorrência no *corpus* analisado (7 ocorrências), este uso nos parece bastante comum atualmente e pode estar indicando um passo adiante de *sabe?* no estágio de gramaticalização, merecendo ser observado mais atentamente em pesquisas futuras.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do levantamento e problematização da bibliografia disponível sobre os RADs, feitos no capítulo I, e dos pressupostos teórico-metodológicos apresentados no capítulo II, surgiram questões que tratamos de responder ao longo desta dissertação e que agora retomamos de forma condensada.

- Buscamos discutir a atribuição de funções para os elementos do grupo dos RADs, que, por um lado, como elementos de interlocução, são responsáveis pela verificação da compreensão do ouvinte acerca das informações fornecidas pelo falante, ou apenas pela manutenção do canal comunicativo (atuação extratextual); e, por outro, ao articularem relações interpessoais, organizam também quadros discursivos, na medida em que frisam a proposição que finalizam ou o elemento ao qual se pospõem (atuação intratextual). A partir disto, nos propusemos a observar *sabe?*, *não tem?* e *entende?* em suas atuações intratextuais, considerando seu caráter bi-direcional (cf. Risso, 1999), já que, ao mesmo tempo que frisam a proposição ou elemento anterior a eles (como participantes, opiniões do falante, situações, etc), contribuem como pistas para a seqüência discursiva e, conseqüentemente, para as relações que se estabelecem no discurso (tais como: especificação, conclusão, contraste, etc...).
- Realizada a discussão sobre as atuações dos RADs e sua sistematização, verificamos que, apesar de sua grande diversidade de atuações, a propriedade interativa de *requisitar apoio discursivo* é comum a todos os itens, podendo corresponder àquilo que na pesquisa variacionista se entende por significado e permitindo, assim, a análise destes itens como variantes de uma mesma variável lingüística.
- Delimitada a regra variável e realizada a análise estatística das ocorrências, verificamos que, de modo geral, os RADs predominantemente: a) atuam como focalizadores de opinião+avaliação+situação presente; b) ocorrem em contextos factuais, narrativos e de descrição de vida; c) posicionam-se inter-

oracionalmente, principalmente entre orações coordenadas justapostas; d) assinalam relações de caráter textual mais amplo – seqüenciação, especificação e causalidade; e) encontram-se um pouco mais ligados a informações novas; f) apresentam-se pouco cercados por estímulos, hesitações, pausas e MDs.

De modo mais específico: a) *sabe?* é favorecido com foco sobre a avaliação do falante, pela ausência de estímulos e hesitações e em contextos descritivos; b) *não tem?* é privilegiado com foco sobre os participantes, em contextos narrativos, pela presença de estímulos, pela presença de hesitações anteriores e pausas posteriores a ele; c) já *entende?* é prestigiado em contextos argumentativos.

- A escolha dos RADs parece não ser condicionada por variáveis sociais, estando mais relacionada a atitudes individuais de cada informante, que, geralmente, são fiéis ao uso de uma determinada forma de RAD, de sorte que, a escolha por uma, praticamente, faz cessar o uso das outras. Em termos percentuais, estes itens distribuem-se igualmente entre homens e mulheres e apresentam-se mais freqüentemente associados à fala dos mais jovens e mais escolarizados.
- Observamos que *sabe?*, *não tem?* e *entende?* seguem a direção *ideacional* > *interpessoal* > *textual*, proposta por Heine *et al.* (1991:190-1) para as mudanças via gramaticalização, assumindo-se a definição mais alargada de gramaticalização proposta por Traugott (1995:1): em um primeiro momento, inseridos em contextos interrogativos, sofrem mudança semântica que evidencia sua função interpessoal; posteriormente, em contextos relacionais, parecem ter ressaltada sua carga textual, funcionando como encadeadores do discurso oral.
- Com relação aos estágios de mudança em que se encontram estes itens, verificamos que, se por um lado, *entende?* é o item mais marcado e, por conseqüência, menos rotinizado, *não tem?* é mais recente e ainda bastante vinculado ao seu sentido-origem, não sendo possível, no momento, identificar qual dos dois itens encontra-se mais gramaticalizado. Todavia, podemos afirmar que *sabe?*, por ser menos marcado e mais distanciado de seu sentido-origem e, conseqüentemente, mais generalizado, é o item mais avançado no processo de gramaticalização, com a atuação mais textual de encadeador do discurso oral,

podendo, segundo Bybee (2001:18), a partir dos contextos em que é mais freqüente, dar origem a novas funções no discurso.

Do ponto de vista teórico, consideramos enriquecedora a abordagem de fenômenos na interface gramaticalização/variação e acreditamos que cada um dos passos dados para a melhor caracterização de *sabe?*, *não tem?* e *entende?* e para a constituição de seus caminhos de mudança são importantes contribuições para uma melhor compreensão do funcionamento destes itens. Porém, muitos outros aspectos referentes às atuações e percursos destes elementos merecem ser estudados, alguns dos quais listamos abaixo:

- Identificar outros usos dos RADs e, ao menos qualitativamente, as possibilidades de sobreposição de suas atuações relacionais, prevendo possíveis usos conjugados (como, por exemplo, assinalando seqüenciação e retomada, concomitantemente).
- Controlar outras variáveis lingüísticas, principalmente, aquelas ligadas à representação e ao contexto fonético/fonológico dos itens investigados, a fim de medir com mais segurança os aspectos que os cercam, bem como suas reduções fonológicas e possibilidades entonacionais, indicativas de novos estágios de mudança.
- Ampliar o *corpus*, utilizando a amostra complementar da Barra da Lagoa, comunidade rural-pesqueira de Florianópolis, contando com um maior número de ocorrências e verificando se existem diferenças regionais entre os usos dos RADs, principalmente de *não tem?*.
- Levantar a existência, no *corpus*, de outras formas concorrentes a estas analisadas, mesmo que somente em alguns contextos, com o intuito de mapear os itens responsáveis pelo contato entre falante e ouvinte.
- Observar o uso dos RADs na mídia, principalmente em situações polêmicas de entrevistas e debates, procurando identificar suas funções mais extratextuais, como de atenuação, polidez, busca de aprovação, etc...
- Investigar o uso destes elementos na escrita, como marcas de representação da fala, através da análise de peças teatrais, panfletos e gibis.

- Confirmar ou mesmo ampliar o percurso de mudança dos três itens, através da observação de dados diacrônicos de seus verbos de origem.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBOTT, Bárbara. *A pragmatic account of the definiteness effect in existential sentence*. *Journal of Pragmatic*, vol. 19 – pg 39-55, 1993.
- AMANTE, Francisco Hegidio (org.). *Somos todos manezinhos*. Florianópolis: Pápag Livro, 1998.
- BRESCANCINI, Cláudia R. *A palatalização da fricativa alveolar não-morfêmica em posição de coda no português falado em três regiões de influência açoriana no município de Florianópolis – uma abordagem não-linear*. Dissertação de Mestrado: UFSC, 1996.
- BYBEE, Joan; PERKINS, Revere & PAGLIUCA, William. *Mechanisms of semantic change*, 1994
- BYBEE, Joan. *Mechanisms of change in grammaticalization: the role of frequency*. Texto extraído da Internet, 2001.
- CASTILHO, Ataliba (org.). *Português Culto falado no Brasil*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Para o estudo das unidades discursivas no português falado* – In: Castilho, A. (org.), 1989.
- \_\_\_\_\_. *A gramaticalização* – In: Cadernos de Estudos Lingüísticos e Literários, UFBA: maio/1997.
- CHODOROWSKA, Mariana. *On the polite function of me entiedes? in Spanish*. *Journal of Pragmatics*, nº 28, 1997.
- COAN, Márluce. *Anterioridade a um ponto de referência passado: pretérito (mais-que)-perfeito*. Dissertação de Mestrado: UFSC, 1997.
- DAL MAGO, Diane. *A expressão quer dizer na fala de Santa Catarina*. Dissertação de Mestrado: UFSC, 2001.
- DUARTE, Maria Eugênia L. *Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito do Brasil*. In: Roberts, I. e Kato, M. (orgs), 1993.
- DUQUE ESTRADA, M. *Marcadores TAGs: Estrutura e Entonação* – In: Koch, I. V. e Barros, K. (orgs.), 1997.
- FERREIRA, António Gomes. *Dicionário de Latim-Português*. Porto: Porto Editora Ltda., 1976.

- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3ª ed. (totalmente revista e ampliada) Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FRANCHI, C. *et al. Sobre a gramática das orações impessoais com Ter/Haver*. Delta: Vol. 14, nº especial, 1998.
- FREITAG, Raquel Meister Ko. *Variação e mudança na categoria dos modalizadores epistêmicos: eu acho que e parece que*. Dissertação de Mestrado: UFSC, 2001 (em andamento).
- FURTADO DA CUNHA, Angélica; OLIVEIRA, Mariangela Rios de & VOTRE, Sebastião Josué. *A interação sincronia/diacronia no estudo da sintaxe*. Delta: Vol. 15, nº 1, 1999.
- GASPARINI, Madelaine. *Assim se fala, assim se escreve*. Dissertação de Mestrado: UFSC, 2001 (em andamento).
- GAVAZZI, Sigrid Castro. *Fechamentos em entrevistas*. Niterói: EdUFF, 1998.
- GAZDAR, Gerald. *Pragmatics: implicature, presupposition and logical form*. Orlando/Flórida: Academic Press, 1979.
- GIBBON, Adriana de Oliveira. *A expressão do tempo futuro na língua falada de Florianópolis: gramaticalização e variação*. Dissertação de Mestrado: UFSC, 2000.
- GIVÓN, Talmy. *English Grammar: a function-based introduction*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1993.
- \_\_\_\_\_ *Functionalism and grammar*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1995.
- GÖRSKI, Edair Maria. *Condições de entrada e de continuidade do referente em narrativas orais*. Dissertação de mestrado, UFRJ – Rio de Janeiro, 1985.
- \_\_\_\_\_ *Gramaticalização/Discursivização de itens discursivos: funções e formas concorrentes*. Projeto integrado: UFSC, 2001.
- GUY, Gregory et alli. *An intonational change in progress in Australian English*. In: Language, nº 15, 1986.
- GUY, Gregory. *VARBRUL: Análise avançada*. In: Cadernos de Tradução – Instituto de Letras/UFRGS – nº 01, 1998.
- HALLIDAY, M. A. K. & HASAN, R. *Cohesion in English*. London: Longman, 1976.
- HEINE, Bernd & REH, M. *Grammaticalization and reanalysis in African languages*. Hamburg: Helmut Buske, 1984.

- HEINE, Bernd; CLAUDI, Ulrike & HÜNNEMEYER, Friederike. *Grammaticalization: a conception framework*. Chicago: University of Chicago Press, 1991.
- HOPPER, Paul & TRAUGOTT, Elizabeth. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- HOPPER, Paul. On some principles of grammaticization. In: Traugott, E. & Heine, B. (orgs.), 1991.
- KNIES, Clarice Bohn & COSTA, Iara Benquerer. *Manual do usuário Banco de Dados Lingüísticos VARSUL*. UFPR, UFSC, UFRS e PUC-RS: 1996.
- KOCH, Ingedore Villaça (org.) *Gramática do português falado*. Vol. VI. Campinas: Ed. da UNICAMP/FAPESP, 1996.
- KOCH, Ingedore Villaça. & BARROS, Kazue Saito Monteiro de (orgs.) *Tópicos em Lingüística de Texto e Análise da Conversação*. Natal: EDUFRN, 1997.
- LABOV, William. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- \_\_\_\_\_ *Where does the linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera*. Sociolinguistic Working Paper, 44, 1978.
- \_\_\_\_\_ *The intersection of sex and social class in the course of linguistic change*. Language Variation and Change: Cambridge University Press, 1990.
- \_\_\_\_\_ *Principles of linguistic change: internal factors*. Oxford: Blackwell, 1994.
- LAVANDERA, Beatriz. *Where does the sociolinguistic variable stop?* Language Society, 7, Great Britan, 1978.
- LEHMANN, W. & MALKIEL, Y. (eds.) *Directions in Historical Linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968.
- LEITÃO, Márcio & MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Igualdades e diferenças nos marcadores discursivos sabe? e entendeu?* Artigos produzidos pelo Grupo Discurso e Gramática sobre gramaticalização no português do Brasil, 1998 (impresso).
- LICHTENBERK, Frantisek. *On the gradualness of grammaticalization*. In: Traugott, E. & Heine, B. (eds.), 1991.
- LOREGIAN, Loremi. *Concordância verbal com o pronome tu na fala do sul do Brasil*. Dissertação de Mestrado. Florianópolis, UFSC, 1996.
- MACEDO, Alzira Tavares de & SILVA, Giselle Machline de Oliveira e. *Análise sociolingüística de alguns marcadores conversacionais* – In: Macedo *et al.* (orgs.), 1996.

- MACEDO, Alzira Tavares de; RONCARATI, Cláudia & MOLLICA, Maria Cecília (orgs.) *Variação e discurso*. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1996.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da Conversação*. São Paulo: Ática, 1986.
- \_\_\_\_\_. *Marcadores conversacionais do português brasileiro: formas, posições e funções* – In: Castilho, A. (org.), 1989.
- \_\_\_\_\_. *A dêixis discursiva como estratégia de monitoração cognitiva* – In: Koch, I. V. & Kazue, S. M. de B. (orgs.), 1997.
- \_\_\_\_\_. *A hesitação* – In: Moura Neves, M. H. de (org.), 1999.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo & ALCÂNTARA, F. *Discursivização na partícula né?* – In: Martelotta, M. E. et al. (orgs.), 1996.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo & LEITÃO, Márcio. *Discursivização do verbo saber* – In: Martelotta, M. E. et al. (orgs.), 1996.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Trajetórias verbo>marcador discursivo* – In: Votre, S. J. & Martelotta, M. E. (orgs.), 1998.
- MARTELOTTA, Mario Eduardo; VOTRE, Sebastião Josué & CEZÁRIO, (orgs.) *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *A carta de Caminha: testemunho lingüístico de 1500*. Salvador/BA: Ed. Da UFBA, 1996.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *A variação haver/ter*. In: Mattos e Silva, R.V. (org.), 1996.
- MEILLET, A. L' évolution des formes grammaticales. In: Linguistique historique et linguistique générale. Paris: Champion, 1965 [1912].
- MORAES, Lygia Corrêa Dias de. *A sintaxe na língua falada*. In: Preti, D. (org.), 1997.
- MOURA NEVES, Maria Helena de. *Estudo das construções com verbo-suporte em português*. In: Koch, I. V. (org.), 1996.
- \_\_\_\_\_. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- \_\_\_\_\_. (org.). *Gramática do português falado VII*. São Paulo: Humanitas – FFLCH/USP; Campinas: Editora da Unicamp, 1999.
- MYHILL, J. *The grammaticalization of auxiliaries: Spanish clitic climbing*. Berkeley Linguistics Society. Berkeley/California, 1988.

- NICHOLS, Johanna. *Functional theories of grammar*. Annual Review of Anthropology, vol. 13, 1984.
- NUNES, Aldo. *O que é um manezinho*. In: AMANTE, F. H. (org.), 1998.
- PAIVA, Maria da Conceição. *Ordenação das cláusulas causais: forma e função*. Tese de doutorado, UFRJ – Rio de Janeiro, 1991.
- PINTZUK, S. (1988) *VARBRUL Program*. Philadelphia: University of Pennsylvania. mimeo.
- PIMPÃO, Tatiana S. *Variação no presente do modo subjuntivo: uma abordagem discursivo-pragmática*. Dissertação de Mestrado: UFSC, 1999.
- PRETI, Dino (org.). *Análise de textos orais (NURC/SP)*. São Paulo: Humanitas Publicações FFCH/USP, 1997. 3ª ed.
- RISSO, Mercedes Sanfelice. *Aspectos textuais-interativos dos marcadores discursivos de abertura – bom, bem, olha, ah – no português culto falado* – In: Moura Neves, M. H. de (org.), 1999.
- RISSO, Mercedes Sanfelice; SILVA, Giselle Machline de Oliveira & URBANO, Hudinilson. *Marcadores Discursivos: Traços definidores*. In: Koch, I. V. (org.), 1996.
- ROBERTS, Ian e KATO, Mary A. *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas/SP: Editora Unicamp, 1993.
- ROST, Cláudia. *Olha e veja – multifuncionalidade e variação*. Dissertação de Mestrado: UFSC, 2001 (em andamento).
- SANKOFF, Gillian *et alli*. *Variation in the use of discourse markers in a language contact situation*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- SCHIFFRIN, Deborah. *Discourse markers*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987
- SCLIAR-CABRAL, Leonor; MARTIM, Erotilde Goreti & CHIARI, Brasília Maria. *Fenômenos de pausa e hesitação em língua portuguesa*. (Anais do IV Encontro Nacional de Lingüística) Rio de Janeiro: PUC-RJ, 1981.
- SILVA, Tereza S. da. *A alternância entre o pretérito imperfeito e o futuro do pretérito na fala de Florianópolis*. Dissertação de Mestrado: UFSC, 1998.
- SWEETSER, Eve. *Grammaticalization and semantic bleaching*. Berkeley Linguistics Society. Berkeley/California, 1988.
- TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolingüística*. São Paulo: Ática, 1985.

- TAVARES, Maria Alice. *Um estudo variacionista de aí, daí então e e como conectores sequenciadores retroativo-propulsores na fala de Florianópolis*. Dissertação de mestrado: UFSC, 1999.
- THOMPSON, Geoff. *Introducing functional grammar*. London: Arnold, 1996.
- TRAUGOTT, Elizabeth & HEINE, Bernd (eds.) *Approaches to grammaticalization. Vol. 1: focus on theoretical and methodological issues*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins Publishing Company, 1991.
- TRAUGOTT, Elizabeth & KÖNIG, Ekkehard. *The semantics-pragmatics of grammaticalization revisited* – In: Traugott, E. & Heine, B. (orgs.), 1991.
- TRAUGOTT, Elizabeth. *Pragmatic strengthening and grammaticalization*. Berkeley Linguistics Society. Berkeley/California, 1988.
- \_\_\_\_\_ *The role of the development of discourse markers in a theory of grammaticalization*. Department of Linguistics, Stanford University - Manchester, 1995.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *O relevo no português falado: tipos e estratégias, processos e recursos* – In: Moura Neves, M. H. de (org.), 1999.
- URBANO, Hudinilson. *Marcadores conversacionais* – In: Preti, D. (org.), 1997a.
- \_\_\_\_\_ *Revistando os marcadores discursivos: os fáticos retroalimentadores*. In: Koch, I. V. e Barros, K. S. M. (orgs.), 1997b.
- \_\_\_\_\_ *Aspectos basicamente interacionais dos marcadores discursivos*. In: Moura Neves, M. H. de (org.), 1999.
- VALLE, Carla Regina Martins. *Os marcadores discursivos né? e não tem? na fala dos florianopolitanos*. Florianópolis:1999. (Relatório de Iniciação Científica-UFSC)
- \_\_\_\_\_ *Os marcadores discursivos sabe? e entende? na fala de Florianópolis*. Florianópolis:1998. (Relatório de Iniciação Científica-UFSC)
- VINCENT, Diane; VOTRE, Sebastião Josué & LAFOREST, Marty. *Grammaticalisation et post-grammaticalisation*. Langues et Linguistique, Quebec: Université Laval, n° 19, 1993.
- VOTRE, Sebastião Josué. *Trajetória de saber e ver*. In: Votre, S. J. e Martelotta, M. E. (orgs), 1998.
- VOTRE, Sebastião Josué & MARTELOTTA, Mário Eduardo (orgs.). *Trajetórias de Gramaticalização e Discursivização*. Rio de Janeiro, 1998. (impresso)
- WEINER, E. Judith & LABOV, William. *Constraints on the agentless passive*. Journal of Linguistics, 1983 [1978].

WEINREICH, U; LABOV, W. & HERZOG, M. Empirical foundations for a theory of linguistic change. In: LEHMANN, W. & MALKIEL, Y. (eds.), 1968.

**ANEXO I**

Trecho de transcrição de entrevista do Projeto VARSUL.

**ANEXO II**

Entrevistas da Amostra Suplementar dos Jovens de Florianópolis, utilizadas na pesquisa:

<b>CÓDIGO E NUMERAÇÃO</b>
FLP 05 FJP
FLP 03 FJP
FLP 13 MJP
FLP 10 MJP
FLP 19 FJG
FLP 20 FJG
FLP 14 MJG
FLP 18 MJG
FLP 04 FJC
FLP 09 FJC
FLP 01 MJC
FLP 12 MJC